

Filosofia e Ciências Humanas em Mato Grosso do Sul

Weiny César Freitas Pinto
Jonathan Postaué Marques
organizadores

Marcelo Augusto Santos Turine

Prefácio
Marcelo Turine
Reitor UFMS 2016-2024

Jonathan Postaué Marques

Filosofia em Mato Grosso do Sul?

Uma das várias heranças que a Grécia Antiga deixou à civilização ocidental, e que se mantém bastante viva, ativa e criativa até os dias hoje, é a filosofia. Mesmo passando por

As teorias filosóficas contribuíram ao longo dos séculos para a solução de muitos problemas científicos, políticos e culturais. Qual contribuição nossa "filosofia local" pode oferecer aos problemas dos sul-mato-grossenses? Por exemplo, se

Quando a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), instituiu em 2005 o "Dia Mundial da Filosofia", ela o fez movida pela confiança na capacidade de promoção de uma vida melhor por meio da filosofia. Desde então, a data é celebrada internacionalmente toda terceira

Weiny Cesar Freitas Pinto

Pensar MS com a filosofia e as ciências humanas

O que a filosofia e as ciências humanas em geral pensam sobre Mato Grosso do Sul? Quem são os profissionais das ciências humanas em nosso Estado? Quantos somos em número, raça, gênero e qualificação? Onde estamos? Do que tratam as nossas pesquisas e o

As teorias filosóficas contribuíram ao longo dos séculos para a solução de muitos problemas científicos, políticos e culturais. Qual contribuição nossa "filosofia local" pode oferecer aos problemas dos sul-mato-grossenses? Por exemplo, se



Aracy Balabanian, Glance Rocha, Li Reis, para mencionar apenas as figuras mais famosas. Temos três grandes universidades públicas, três grandes universidades privadas, nosso conhecimento científico e tecnológico

Filosofia e Ciências Humanas em Mato Grosso do Sul

Weiny César Freitas Pinto
Jonathan Postaué Marques
organizadores

Marcelo Augusto Santos Turner

Filosofia, ciências humanas e inovação para o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul

Deborah Silva de Manic

Mato Grosso do Sul é um estado que possui uma rica história, desde a colonização até a presente realidade.

Explicações humanas para

Jonathan Postaué Marques

Filosofia em Mato Grosso do Sul?

— das várias heranças que a — deixou a civilização —

As teorias filosóficas contribuíram ao longo dos séculos para a solução de muitos problemas científicos, políticos e morais. Qual contribuição nossa "filosofia" pode oferecer aos problemas do Brasil? Por exemplo, se —

Quando a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) instituiu em 2005 o "Dia Mundial da Filosofia", ela o fez movida pela confiança na capacidade de promoção de uma vida melhor por meio da filosofia. Desde então, a data é celebrada internacionalmente toda terceira semana de novembro, por meio das ruas,

Weiny César Freitas Pinto

Pensar MS com a filosofia e as ciências humanas

O que a filosofia e as ciências humanas em geral pensam sobre Mato Grosso do Sul? Quem são os profissionais das ciências humanas em nosso Estado? Quantos somos em número, raça, gênero e qualificação? Onde estamos? Do que tratam as nossas pesquisas e o nosso ensino? Qual o futuro das nossas ciências e culturais de Mato Grosso do Sul?

sempre compreendidos, sem o auxílio do pensamento filosófico e das ciências humanas. Estas ciências — a filosofia e as "humanidades" — são decisivas, não apenas para uma compreensão ampla e aprofundada da nossa realidade, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Aracy Balabanian, Glaucia Rocha, Lúcia Baitz, para mencionar apenas as figuras mais famosas. Temos três grandes universidades públicas, três grandes centros de pesquisa e uma grande rede de ensino superior.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

REITORA

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

VICE-REITOR

Albert Schiaveto de Souza

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

Resolução nº 325 -COED/AGECOM/UFMS, de 15 de dezembro de 2025

CONSELHO EDITORIAL

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz

Alessandra Regina Borgo

Andrés Batista Cheung

Cid Naudi Silva Campos

Delasnieve Miranda Daspét de Souza

Elizabete Aparecida Marques

Fabio Oliveira Roque

Maria Lígia Rodrigues Macedo

Ronaldo José Moraca

William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Filosofia e ciências humanas em Mato Grosso do Sul [recurso eletrônico] / Weiny César Freitas Pinto, Jonathan Postaue Marques, organizadores. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2025.
124 p. : il.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufms.br>

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7613-846-4

1. Humanidades. 2. Filosofia – Estudo e Ensino. 3. Filosofia e ciências sociais. I. Pinto, Weiny César Freitas. II. Marques, Jonathan Postaue.

CDD (23) 001.3

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 1/ 2.395

Filosofia e Ciências Humanas em Mato Grosso do Sul

Weiny César Freitas Pinto
Jonathan Postaue Marques
organizadores

Campo Grande - MS, 2025

© organizadores
Weiny César Freitas Pinto
Jonathan Postauê Marques

1ª edição: 2025

Preparação do texto
Secretaria da Editora UFMS

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica
Secretaria da Editora UFMS

Revisão
A revisão linguística e ortográfica é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

As opiniões e os conteúdos expressos neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem, necessariamente, a opinião do corpo editorial.

Direitos exclusivos para esta edição



Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS
Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário
Campo Grande - MS, 79070-900
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7205
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-85-7613-846-4
Versão digital: dezembro de 2025.

Obra contemplada no Edital AGECON nº 3/2024
Divulgação Técnico-Científica para Publicação pela Editora UFMS - Fluxo Contínuo.

Apoio:



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial - Compartilhamento 4.0 Internacional. Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de utilizá-la para fins comerciais, se você remixar, transformar ou criar a partir do material, deve distribuir as suas contribuições sob a mesma licença que o original. br.creativecommons.org

Sumário

Apresentação

Weiny César Freitas Pinto

Jonathan Postaué Marques..... 12

PREFÁCIO

Filosofia e Ciências Humanas:

Estratégias para o Desenvolvimento de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Marcelo Augusto Santos Turine 17

COLUNA • 1

Pensar MS com a Filosofia e as Ciências Humanas

Weiny César Freitas Pinto..... 19

COLUNA • 2

O que temos a aprender com a ciência política e com as relações internacionais?

Déborah Silva do Monte 23

COLUNA • 3

Filosofia em Mato Grosso do Sul?

Jonathan Postaué Marques..... 27

COLUNA • 4

O universo e a ciência de si

Onofre Crossi Filho..... 31

COLUNA • 5

Haveria outras ciências sem as ciências humanas?

Celi Corrêa Neres..... 35

► COLUNA • 6

**Ciências humanas e humanidades:
a desilusão de moribundos**

Daniel Afonso da Silva.....39

► COLUNA • 7

Qual o valor da ciência?

Lucas Fialho Pereira.....43

► COLUNA • 8

A felicidade é a finalidade da vida humana

Cristina de Souza Agostini.....47

► COLUNA • 9

Filosofia nos moldes pantaneiros

Victor Hugo de Oliveira Marques 51

► COLUNA • 10

Renovar o homem usando borboletas

Jarbas Couto e Lima.....55

► COLUNA • 11

O que é – e está sendo, em MS – o Dia Mundial da Filosofia?

Carlos Augusto Damasceno59

► COLUNA • 12

Ernestine Rose: filosofia e ativismo social

Ricardo Oliveira da Silva.....63

► COLUNA • 13

**Qual é o valor da filosofia da ciência para a sociedade
sul-mato-grossense?**

Vinícius Carvalho da Silva 67

► COLUNA • 14

**“Menos sabedoria e intelectualidade!
O que importa é a tecnologia”**

Victor Garcia Miranda 71

► COLUNA • 15

**Navegando pela história para compreender as
ciências humanas e sociais na atualidade**

José Barreto dos Santos (Zeca) 75

► COLUNA • 16

Fapec, apoiadora da cultura regional

Nilde Brun 81

► COLUNA • 17

**A importância da popularização científica dos
acervos museológicos**

Carlos Eduardo da Costa 85

► COLUNA • 18

A política estadual de ciência, tecnologia e inovação

Ricardo Senna 89

► COLUNA • 19

O porquê e para que uma faculdade de ciências humanas

Vivina Dias Sól Queiróz 94

► COLUNA • 20

“Ao redor do buraco, tudo é beira”

Andre Koutchin 98

► COLUNA • 21

Planejamento, arte e humanidades: por que não?

Marcelo Fernandes Pereira 102

► COLUNA • 22

Cidadanias, comunicação e política

Eduardo Romero..... 106

► COLUNA • 23

Por uma sociologia que liberte as renas natalinas

Tiago Duque 110

► COLUNA • 24

Filosofia, ciências humanas e inovação para o desenvolvimento de MS

Marcelo Augusto Santos Turine.....114

SOBRE OS AUTORES..... 118

ÍNDICE REMISSIVO 122

Apresentação

Ontem choveu no futuro.

(Manoel de Barros, O livro das ignoranças, 1993).

O que não sei fazer desmancho em frases.

(Manoel de Barros, Livro sobre o nada, 1996).

Filosofia e Ciências Humanas em Mato Grosso do Sul é uma coletânea de vinte e quatro *artigos de opinião*, publicados, semanalmente, de setembro a dezembro de 2023, no jornal *O Estado*. Todos os artigos, cada um a seu modo, com base em referenciais teóricos e institucionais específicos, tematizam a importância da Filosofia e das Ciências Humanas, discutindo o seu papel social, econômico, cultural e político, com o olhar especialmente voltado à realidade sul-mato-grossense.

A iniciativa ocorreu no contexto de uma grande campanha estadual de promoção e valorização da Filosofia e das Ciências Humanas, que sob o lema do *Dia Mundial da Filosofia (UNESCO) em Mato Grosso do Sul*, mobilizou parte significativa da *intelligentsia* sul-mato-grossense. Além da adesão da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), da participação do MCTI

(Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação), do CGEE (Centro de Gestão e Estudos Estratégicos), e do envolvimento de todas as Universidades do estado – por meio do apoio significativo do CRIE-MS (Conselho dos Reitores das Instituições de Ensino Superior de MS) –, as principais instituições estaduais de ciência, cultura e educação, mais de trinta ao todo, uniram-se em torno de diversas ações voltadas à divulgação e à inserção das *humanidades* na sociedade. Os *artigos de opinião* aqui reunidos representam apenas exemplo parcial das várias ações realizadas.

O objetivo geral da campanha, dos artigos, e agora podemos também afirmar, deste livro, foi e é promover um diálogo franco e aberto entre a Filosofia, as Ciências Humanas e a sociedade sul-mato-grossense. Defendemos, ao contrário do que em geral se supõe, que as *humanidades* possuem valor central para pensarmos qualquer forma de desenvolvimento possível, seja social, científico, cultural ou econômico. Esta mesma compreensão, aliás, o leitor poderá encontrá-la no *Prefácio* da obra, escrito de maneira tão generosa pelo Prof. Marcelo Turine, Reitor da UFMS (2016-2024). Na verdade, se há uma convergência geral, presente em todo o conteúdo do livro, ela está na convicção de que não há vida social, ação cultural e política econômica realmente sustentáveis sem o conhecimento produzido pelas *humanidades*.

Com efeito, esta convicção, agora sintetizada em formato de livro, foi expressa de diversas formas nas várias ações da campanha e resultou na iniciativa inovadora de criação do FEFICH-MS (Fórum Estadual de Filosofia e Ciências

Humanas de Mato Grosso do Sul). Lançado em 16 de novembro de 2023, ponto alto da campanha *Dia Mundial da Filosofia* (UNESCO) em Mato Grosso do Sul, o Fórum se propõe a promover e articular institucionalmente a inteligência local das *humanidades*, integrando-a cada vez mais à sociedade sul-mato-grossense. Este livro é uma pequena amostra das diversas iniciativas do Fórum orientadas por esse objetivo.

Além de seu mérito próprio, o livro representa também outra iniciativa institucional de imenso valor e significado: ele inaugura a *Coleção Humanidades MS*! Graças à parceria entre FEFICH e Editora UFMS, podemos oferecer a Mato Grosso do Sul sua primeira coleção editorial voltada especificamente para as grandes áreas das ciências humanas, ciências sociais aplicadas, letras, linguística e artes. Profissionais destes campos possuem agora um selo editorial exclusivo e altamente qualificado para publicarem seus trabalhos e aprofundarem o seu diálogo com a sociedade, promovendo assim toda a potente e criativa inteligência intelectual produzida aqui, em terras do Pantanal.

Comemoramos todas essas realizações, mas sabemos que há muito trabalho pela frente, que ainda é preciso muitos esforços para fortalecer institucionalmente as *humanidades* em Mato Grosso do Sul. Quem sabe as ideias e reflexões reunidas neste livro sirvam como um conjunto de esforços iniciais e possam estimular nossa comunidade científica e nossa sociedade local a um maior engajamento intelectual. É o que esperamos.

Que os leitores apreciem com crítica a leitura de cada capítulo e que os autores e autoras sintam, no prestígio da publicação, nosso agradecimento pela enorme contribuição que deram. Igualmente, um agradecimento especial ao Jornal *O Estado*, que manteve a parceria com o FEFICH e continua até hoje veiculando, semanalmente, *artigos de opinião* de toda a nossa pequena, mas muito ativa, *intelligentsia* local, o que significa que logo, logo, outras edições de mesma natureza estarão disponíveis... *se desmanchando em frases...e chovendo no futuro...*

Campo Grande, maio de 2025

Weiny César Freitas Pinto
Jonathan Postaue Marques
Organizadores

Filosofia e Ciências Humanas: Estratégias para o Desenvolvimento de Mato Grosso do Sul

Pensar no desenvolvimento do Estado de Mato Grosso do Sul a partir das Ciências Humanas não é apenas uma provocação teórica ou uma tarefa acadêmica, mas um imperativo para a excelência no planejamento e na governança pública cidadã, estratégica e ética.

Como Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, de 2016 a 2024, foi uma honra receber o convite para prefaciar esta obra. No período da reitoria, sempre defendemos a articulação e a integração da Universidade com o Governo do Estado. O fomento permanente na Ciência, Tecnologia e Inovação, nas diferentes áreas do saber, deve ser considerado como um investimento para alcançar a qualidade das políticas públicas, e não caracterizado como um gasto público.

Este livro reúne reflexões sobre o papel das Humanidades na gestão pública, na cultura e na cidadania do nosso Mato Grosso do Sul. Uma trajetória que dialoga com os grandes eixos estruturantes do Plano Plurianual do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (PPA MS 2024–2027). Essa

convergência entre conhecimento e planejamento estatal reflete uma visão de futuro mais justa, inclusiva, humana e sustentável para o estado.

O PPA MS 2024–2027 define como visão de futuro transformar Mato Grosso do Sul em um estado “inclusivo, próspero, verde e digital”. Essa visão somente poderá se concretizar se for alicerçada sobre os pilares que este livro reforça: educação, ciência, pensamento filosófico, justiça social e valorização da diversidade ambiental e cultural. A inteligência do estado que planeja e executa políticas públicas sólidas, sensíveis às realidades sociais, nasce, sobretudo, da escuta e da análise promovidas pelas Ciências Humanas.

Como demonstram os artigos que compõem esta obra, refletir sobre questões como desigualdades, identidades, direitos, fronteiras, saberes tradicionais, democracia e cultura não é “luxo acadêmico”, mas necessidade política permanente. A Filosofia, a História, a Sociologia, a Antropologia, a Educação e outras áreas das Ciências Humanas não apenas interpretam o mundo, mas sim ampliam a capacidade de ação transformadora para fortalecer um Estado cidadão, humano e sustentável.

Em 16 de novembro de 2023, durante meu mandato como reitor da UFMS, foi criado e lançado o Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas de Mato Grosso do Sul (FEFICH-MS), articulado a partir da campanha do “Dia Mundial da Filosofia” da UNESCO. Reconheço esta iniciativa como resposta concreta à necessidade de consolidar um centro de pensamento estratégico, plural e interdisciplinar, que

esteja comprometido com os desafios do nosso tempo e território. A proposta do Fórum como diálogo permanente entre pesquisadores, gestores, educadores e sociedade civil alinha-se diretamente com os eixos “governança e gestão para resultados” e “inovação e sustentabilidade” do PPA MS 2024–2027.

Para alcançar um desenvolvimento sustentável e humanizado de um território é fundamental a transversalidade, a capilaridade e a articulação entre as políticas públicas nas suas diferentes esferas e instituições. Esses princípios formam a estrutura deste livro, que, na sua maior parte, apresenta textos oriundos de universidades públicas sul-mato-grossenses — UFMS, UEMS e UFGD —, articulando diferentes campos do saber e diversas vozes do território. O esforço de captação das múltiplas realidades locais é essencial para que as políticas públicas não sejam apenas planos técnicos, mas construções culturais, dialogadas, enraizadas.

Atualmente, o Estado de Mato Grosso do Sul vive um momento de otimismo cauteloso: crescimento econômico acima da média nacional, protagonismo do agronegócio, expansão de obras de infraestrutura e investimentos em logística, estado carbono neutro até 2030 e oportunidades do Corredor Bioceânico de Capricórnio. Mas também temos desafios em relação às desigualdades regionais, diversidade em logística e transporte, informalidade no mercado de trabalho, segurança na fronteira, vulnerabilidade social de grupos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, além da preservação do meio ambiente e dos recursos naturais, em especial, do Pantanal Sul-Mato-Grossense, que em 2025 se tornou patri-

mônio nacional. Essas questões exigem não apenas recursos financeiros, mas interpretação social crítica e produção científica coletiva, responsabilidades das Ciências Humanas.

A proposta de educação pública de qualidade, plural e socialmente referenciada percorre tanto este livro quanto o PPA MS 2024–2027. A valorização da educação como vetor de inclusão e equidade aparece no plano plurianual como uma das prioridades de investimento. Mas o que significa, de fato, garantir acesso, permanência e aprendizagem sem levar em conta os contextos históricos, culturais e subjetivos dos sujeitos da educação? Como planejar políticas educacionais eficazes sem uma escuta qualificada da realidade vivida pelas comunidades escolares? A resposta está, novamente, nas ferramentas conceituais e metodológicas das Ciências Humanas.

O livro também destaca a presença viva e criativa da Filosofia em Mato Grosso do Sul, da reflexão existencial à crítica social, do pensamento clássico à urgência das questões contemporâneas. A Filosofia deve ser tratada como uma linguagem que conecta saber e transformação, introspecção e política. Essa perspectiva é especialmente relevante em um estado marcado por complexidades identitárias — indígena, pantaneira, fronteiriça, migrante — que desafiam qualquer abordagem simplista.

Ao integrar essas reflexões com os valores e metas do PPA MS 2024–2027, este livro se torna mais do que uma coletânea de textos, e sim, uma proposta de parceria intelectual entre universidade e governo, entre ciência e gestão, entre pensamento e ação. Trata-se de um convite ao fortalecimen-

to de uma governança pública sensível à cultura, ao diálogo e à pluralidade de saberes.

Nesse contexto, a Ciências Humanas não são um adereço à política pública, são um alicerce. Não se trata apenas de medir crescimento econômico ou executar obras, mas de refletir criticamente sobre quem somos, como vivemos, por que escolhemos determinados caminhos e que futuros queremos construir juntos. O PPA MS 2024–2027 e este livro convergem ao reconhecer que o desenvolvimento verdadeiro é aquele que coloca as pessoas no centro, com suas histórias, culturas, esperanças e lutas.

Defendo que a Universidade, ao se articular com o Estado, pode se tornar ainda mais protagonista na formulação, acompanhamento e avaliação das políticas públicas. Como gestor, defendo uma aliança contínua entre o saber técnico e o saber crítico, entre o planejamento e a reflexão, entre o governo, a Filosofia e a Tecnologia, com aplicação dos estudos científicos na vida prática, em prol da sociedade.

Que este livro inspire os gestores públicos, os políticos, os educadores, o setor produtivo, os estudantes e todos os cidadãos a enxergarem as Ciências Humanas com a lente da inclusão, da sustentabilidade, da prosperidade e da transformação tecnológica, em busca da paz para a Humanidade.

Grande abraço e excelente leitura.

Campo Grande, maio de 2025.

Prof. Dr. Marcelo Augusto Santos Turine

Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2016–2024)
Pesquisador e Professor Titular da Faculdade de Computação/UFMS

Weiny César Freitas Pinto

Pensar MS com a filosofia e as ciências humanas

O que a filosofia e as ciências humanas em geral pensam sobre Mato Grosso do Sul? Quem são os profissionais das ciências humanas em nosso Estado? Quantos somos em número, raça, gênero e qualificação? Onde estamos? Do que tratam as nossas pesquisas e o nosso ensino? Qual o impacto dos nossos trabalhos no desenvolvimento científico, social e cultural de MS? Quais temas se-
guais precisam de fortaleci-
mento e presença temos na

sejam compreendidos, sem o auxílio do pensamento filosófico e das ciências humanas. Estas ciências – a filosofia e as “humanidades” – são decisivas, não apenas para uma compreensão ampla e aprofundada da nossa realidade local, como também para a criação de soluções para os nossos mais diversos e desafiantes problemas. Nenhum dos nossos desafios locais, por exemplo, as questões complexas de uma economia verde e do valor da terra, encontrará solução efetiva que não passe necessariamente pela “economia do conhecimento” (científico, tecnológico, digital e, destaque-se, o fundamento de toda e qualquer atividade humana).

Aracy Balabanian, Glauce Rocha e Bais, para mencionar apenas as mais famosas. Temos três grandes universidades públicas, três grandes universidades privadas, nosso conhecimento científico e tecnológico avança, uma potência de inteligência cuja origem notadamente vem da origem indígena, pantaneira, e da nossa fronteira internacional com Bolívia e Paraguai. É preciso conhecer mais e promover melhor essa face do nosso Estado. MS pensa, faz ciência, produz conhecimento humano.

É nesse sentido que a partir de hoje até a última semana de novembro, o leitor do *Estado* terá a oportunidade de acompanhar semanalmente dois artigos (às quartas e sextas) sobre as ciências humanas. Pesquisadores, professores, pessoas ligadas à ciência, educação e cultura do nosso Estado passarão por essas páginas apresentando seus temas de pesquisa, objetos de interesse, campos de atuação, inquietações científicas, políticas, sociais e culturais, tudo isso num esforço sincero de pensar Mato Grosso do Sul e, ao mesmo tempo, abrir um canal de diálogo produtivo, necessário e urgente das “humanidades” com a opinião pública

r MS com a filosofia e ciências humanas

sejam compreendidos, sem o auxílio do pensamento filosófico e das ciências humanas. Estas ciências – a filosofia e as “humanidades” – são decisivas, não apenas para uma compreensão ampla e aprofundada da nossa realidade local, como também para a criação de soluções para os nossos mais diversos e desafiantes problemas. Nenhum dos nossos desafios locais, por exemplo, as questões complexas de uma economia verde e do valor da terra, encontrará solução efetiva que não passe necessariamente pela “economia do conhecimento” (científico, tecnológico, digital e, destaque-se, o fundamento de toda e qualquer ciência e tecnologia – digital ou não – sempre é o conhecimento humano. Ora, e quais são as disciplinas que, por excelência, se ocupam deste objeto, o conhecimento humano, senão a filosofia e as ciências humanas?

Com efeito, se Mato Grosso do Sul é muito conhecido pela riqueza de sua natureza e por sua forte economia agropecuária, é hora de fazê-lo igualmente conhecido por sua fecunda intelectualidade, isto é, pela produção de conhecimento humano que aqui se faz. Somos o Estado de Almirante Sater, Ney Matogrosso, Manoel de Barros,

Aracy Balabanian, Glauce Rocha, Lídia Bais, para mencionar apenas as figuras mais famosas. Temos três grandes universidades públicas, três grandes universidades privadas, nosso conhecimento científico e tecnológico avança, e somos uma potência de inteligência popular, cuja origem notadamente vem da cultura indígena, pantaneira, e da nossa dupla fronteira internacional com Bolívia e Paraguai. É preciso conhecer mais e promover melhor essa face do nosso Estado. MS pensa, faz ciência, produz conhecimento humano.

É nesse sentido que a partir de hoje até a última semana de novembro, o leitor do *Estado* terá a oportunidade de acompanhar semanalmente dois artigos de opinião (às quartas e sextas) sobre filosofia e ciências humanas. Pesquisadores, professores, pessoas ligadas à ciência, educação e cultura do nosso Estado passarão por essas páginas apresentando seus temas de pesquisa, objetos de interesse, campos de atuação, inquietações científicas, políticas, sociais e culturais, tudo isso num esforço sincero de pensar Mato Grosso do Sul e, ao mesmo tempo, abrir um canal de diálogo produtivo, necessário e urgente das “humanidades” com a opinião pública



É doutor em filosofia (Unicamp), professor do curso de filosofia e do mestrado em psicologia da UFMS. E-mail: weiny.freitas@ufms.br

sul-mato-grossense. Todo esse trabalho se liga à campanha do Dia Mundial da Filosofia (Unesco) em MS, campanha que visa e cria o Fefich: Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas, um núcleo de inteligência científica para pensar MS com a filosofia e as ciências humanas.

Pensar MS com a Filosofia e as Ciências Humanas

Weiny César Freitas Pinto

O que a Filosofia e as Ciências Humanas em geral pensam sobre Mato Grosso do Sul? Quem são os profissionais das ciências humanas em nosso estado? Quantos somos em número, raça, gênero e qualificação? Onde estamos? Do que tratam as nossas pesquisas e o nosso ensino? Qual o impacto dos nossos trabalhos no desenvolvimento científico, social e cultural de MS? Quais temas se destacam, e quais precisam de fortalecimento estratégico? Que presença temos na opinião pública estadual, e o que pensa a opinião pública sul-mato-grossense sobre nós?

O conjunto dessas questões coloca uma interrogação maior: Por que é importante pensar MS com a Filosofia e as Ciências Humanas? Detentora um saber que atravessou milênios e os mais diversos contextos históricos, sociais e políticos do Ocidente, a Filosofia possui um legado, além de incontornável, de altíssimo valor e utilidade diante da cres-

cente complexidade da nossa vida social contemporânea. Os vários dilemas e impasses por quais passam as sociedades contemporâneas – e em MS não é diferente – colocam desafios culturais, políticos e sociais que são simplesmente irrespondíveis, e até mesmo sequer compreendidos, sem o auxílio do pensamento filosófico e das Ciências Humanas. Estas ciências – a Filosofia e as “Humanidades” – são decisivas, não apenas para uma compreensão ampla e aprofundada da nossa realidade local, como também para a criação de solução para os nossos mais diversos e desafiadores problemas. Nenhum dos nossos desafios locais, por exemplo, as questões complexas de uma economia verde e do valor da terra, encontrará solução efetiva que não passe necessariamente pela “economia do conhecimento” (científico, tecnológico, digital e, destaque-se, humano!). Sim, o fundamento de toda e qualquer ciência e tecnologia – digital ou não – sempre é o conhecimento humano. Ora, e quais são as disciplinas que, por excelência, se ocupam deste objeto, o conhecimento humano, senão a Filosofia e as Ciências Humanas?

Com efeito, se Mato Grosso do Sul é muito conhecido pela riqueza de sua natureza e por sua forte economia agro, é hora de fazê-lo igualmente conhecido por sua fecundidade intelectualidade, isto é, pela produção de conhecimento humano que aqui se faz. Somos o estado de Almir Sater, Ney Matogrosso, Manoel de Barros, Aracy Balabanian, Glauce Rocha, Lídia Baís, para mencionar apenas as figuras mais famosas. Temos três grandes Universidades públicas, três grandes Universidades privadas, nosso conhecimento científico e tecnológico avança, e somos uma potência de

inteligência popular, cuja origem notadamente vem da cultura indígena, pantaneira, e da nossa dupla fronteira internacional com Bolívia e Paraguai. É preciso conhecer mais e promover melhor essa face do nosso estado. MS pensa, faz ciência, produz conhecimento humano.

É nesse sentido que a partir de hoje até a última semana de novembro, o leitor d'O Estado terá a oportunidade de acompanhar semanalmente dois artigos de opinião (às quartas e sextas) sobre Filosofia e Ciências Humanas. Pesquisadores, professores, pessoas ligadas à ciência, educação e cultura do nosso estado passarão por essas páginas apresentando seus temas de pesquisa, objetos de interesse, campos de atuação, inquietações científicas, políticas, sociais e culturais, tudo isso num esforço sincero de pensar Mato Grosso do Sul e, ao mesmo tempo, abrir um canal de diálogo produtivo, necessário e urgente das “humanidades” com a opinião pública sul-mato-grossense. Todo esse trabalho se liga à Campanha do Dia Mundial da Filosofia (UNESCO) em MS, campanha que visa a criar o FEFICH: Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas, um núcleo de inteligência científica para pensar MS com a Filosofia e as Ciências Humanas.

Déborah Silva do Monte

Explicações humanas para problemas humanos: o que temos a aprender com a ciência política e com as relações internacionais?

O Dia Mundial da Filosofia, data instituída pela Unesco, a ser comemorado neste ano, em 16 de novembro, nos chama a atenção sobre a urgência e a relevância de armos os caminhos que nós, seres humanos, temos trilhado. Mais do que estratos, as categorias e os

rumos da economia, as prioridades da agenda política e como elas se traduzem, ou não, em políticas públicas, são exemplos de como o poder se apresenta a nós, cidadãos comuns.

Quando olhamos para o ambiente internacional, percebemos que o que se decide lá fora influencia o nosso cotidiano: o preço da gasolina, que varia de acordo com o preço internacional do petróleo, o preço da Argentina, depende das nossas relações com a Argentina, os laços de identificação e solidariedade com outros seres humanos, em

incentivar novas soluções e propostas, quando aquelas que estão sobre a mesa não mais agradam. Nos ajuda também a ter empatia e a entender que, do outro lado da fronteira, seja ela ideológica ou nacional, há seres humanos com toda sua complexidade.

Nem todas as pessoas possuem a vocação para a política, mas todos são por ela afetados. Nem todos têm que entender profundamente as relações de cooperação e conflito entre os países, mas todos vivem em mundo cada vez mais interconectado, em que os problemas são como as enchentes e as grandes chuvas que afetam nosso país, possuem uma face comum: as mudanças climáticas. E com as lentes explicativas das ciências políticas, ainda a avançar e

Explicações humanas para problemas humanos: o que temos a aprender com a ciência política e com as relações internacionais?

da economia, as prioridades da agenda política e como elas se traduzem, ou não, em políticas públicas, são exemplos de como o poder se apresenta a nós, cidadãos comuns. Quando olhamos para o ambiente internacional, percebemos que o que se decide lá fora influencia o nosso cotidiano: o preço da gasolina, que varia de acordo com o preço internacional do petróleo, o preço da Argentina, depende das nossas relações com a Argentina, os laços de identificação e solidariedade com outros seres humanos, em

incentivar novas soluções e propostas, quando aquelas que estão sobre a mesa não mais nos agradam. Nos ajuda também a ter empatia e a entender que, do outro lado da fronteira, seja ela ideológica ou nacional, há seres humanos com toda sua complexidade.

Nem todas as pessoas possuem a vocação para a política, mas todos são por ela afetados. Nem todos têm que entender profundamente as relações de cooperação e conflito entre os países, mas todos vivem em mundo cada vez mais interconectado, em que os problemas locais, como as enchentes e as grandes chuvas que afetam nosso país, possuem uma face global, mundo com as mudanças climáticas. Entender o mundo com as lentes explicativas das ciências políticas, ainda a avançar e pensar em soluções para velhos e novos problemas sociais.



É doutora em relações internacionais e pesquisadora das teorias da democracia. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados, nos cursos de graduação em relações internacionais e de pós-graduação em relações internacionais e direitos humanos. E-mail: [email address]

O que temos a aprender com a ciência política e com as relações internacionais?

Déborah Silva do Monte

O Dia Mundial da Filosofia, data instituída pela Unesco, a ser comemorado neste ano, em 16 de novembro, nos chama a atenção sobre a urgência e a relevância de pensarmos os caminhos que nós, seres humanos e cidadãos, temos trilhado. Mais do que pensar em termos abstratos, as categorias e os padrões de comportamento, somos instigados a destacar o papel das ciências humanas no saber científico e, sobretudo, no diálogo com outros ramos do conhecimento e com a sociedade em geral.

Dentro das ciências humanas, a ciência política e as relações internacionais buscam entender e explicar as relações de poder, dentro de um país ou entre os países no ambiente internacional. O poder político é o que institui os governos e que dá legitimidade para as decisões que nos

afetam diretamente: os rumos da economia, as prioridades da agenda política e como elas se traduzem, ou não, em políticas públicas, são exemplos de como o poder se apresenta a nós, cidadãos comuns.

Quando olhamos para o ambiente internacional, percebemos que o que se decide lá fora influencia o nosso cotidiano: o preço da gasolina, que varia de acordo com o preço internacional do petróleo, o preço do pão, que depende das nossas relações com a Argentina, e como laços de identificação e solidariedade são criados com outros seres humanos, em contextos bem diferentes dos nossos, apesar das fronteiras e das nacionalidades.

Seja ao olhar para dentro do país, ou para a relação entre eles, entender os princípios e o funcionamento dessa dinâmica nos ajuda a fazer escolhas mais acertadas na hora do voto e da participação política. Pode, inclusive, incentivar novas soluções e propostas, quando aquelas que estão sobre a mesa não mais nos agradam. Nos ajuda também a ter empatia e superar rivalidades que nem sempre têm um fundamento e a entender que, do outro lado da fronteira, seja ela ideológica ou nacional, há seres humanos com toda sua complexidade.

Nem todas as pessoas possuem a vocação para a política, mas todos são por ela afetados. Nem todos têm que entender profundamente as relações de cooperação e conflito entre os países, mas todos vivem em mundo cada vez mais interconectado, em que os problemas locais, como as enchentes e as grandes chuvas que afetam nosso país, possuem

uma faceta global, como as mudanças climáticas. Entender o mundo com as lentes explicativas das ciências humanas nos ajuda a avançar e pensar em soluções para velhos e novos problemas sociais.

Jonathan Postau Marques

Filosofia em Mato Grosso do Sul

Uma das várias heranças que a Grécia Antiga deixou à civilização ocidental, e que se mantém bastante viva, ativa e criativa até os dias hoje, é a filosofia. Mesmo passando por altos e baixos ao longo de seus dois mil e quinhentos anos, a radicalidade da experiência grega do pensamento filosófico sobreviveu e, graças a um enorme esforço cultural, se espalhou por todas as partes do mundo, chegando, inclusive, a Mato Grosso do Sul.

Mas, o que é filosofia? O termo tem origem grega e é composto pela junção de duas palavras: *philia* (amizade) e *sophia* (sabedoria). A filosofia é um movimento para ao saber, ela é uma ação que começa por uma realidade.

As teorias filosóficas contribuíram ao longo dos séculos para a solução de muitos problemas científicos, políticos e culturais. Qual contribuição nossa "filosofia local" pode oferecer aos problemas do sul-mato-grossenses? Por exemplo, se nosso estado possui alto índice de feminicídio, em que a filosofia pode contribuir para a compreensão e solução desse problema? Se há aqui desafios ambientais de toda espécie, intolerância contra outras culturas, o que a inteligência filosófica nos oferece diante desses problemas? A gente sabe que, por meio da filosofia, é possível identificar e analisar com maior clareza, abrangência e de forma mais aprofundada a realidade. Isso nos leva a pensar que, no mínimo, a reflexão filosófica pode ser bastante útil para compreensão e solução das adversidades de Mato Grosso do Sul, afinal, quem recusa a análise de problemas tão complexos diante de problemas tão complexos e sem uma análise clara, ampla e profunda, corre o risco de não resolver os problemas.

Quando a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), instituiu em 2005 o "Dia Mundial da Filosofia", ela o fez movida pela confiança na capacidade da filosofia. Desde então, a data é celebrada internacionalmente toda terceira quarta-feira do mês de novembro, por meio de intervenções filosóficas nas ruas, mídias, escolas, universidades, bares etc. Neste ano, confiantes na capacidade da Filosofia e das Ciências Humanas promoverem uma vida melhor aos sul-mato-grossenses, oferecemos a Mato Grosso do Sul a campanha "Dia Mundial da Filosofia (Unesco) em MS". Com divulgação de agosto a novembro, as atividades da campanha são realizadas pelas principais instituições de ciência, educação e cultura do estado, e visam destacar a importância do pensamento humano, da valorização da cultura e do livre acesso ao conhecimento. Se você é, no sentido do filósofo, um "amigo do saber", basta buscar nas redes sociais por "Dia Mundial da Filosofia em MS".

Mato Grosso do Sul?

As filosofias contribuíram ao longo dos séculos para a solução de muitos problemas científicos, políticos e culturais. Qual contribuição nossa "filosofia local" pode oferecer aos problemas do sul-mato-grossenses? Por exemplo, se nosso estado possui alto índice de feminicídio, em que a filosofia pode contribuir para a compreensão e solução desse problema? Se há aqui desafios ambientais de toda espécie, intolerância contra outras culturas, o que a inteligência filosófica nos oferece diante desses problemas? A gente sabe que, por meio da filosofia, é possível identificar e analisar com maior clareza, abrangência e de forma mais aprofundada a realidade. Isso nos leva a pensar que, no mínimo, a reflexão filosófica pode ser bastante útil para compreensão e solução das adversidades de Mato Grosso do Sul, afinal, quem recusa a análise de problemas tão complexos diante de problemas tão complexos e sem uma análise clara, ampla e profunda, corre o risco de não resolver os problemas.



É professor de filosofia da SED/MS - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. E-mail: jonathan.postau@educacao.ms.gov.br

Filosofia em Mato Grosso do Sul?

Jonathan Postauê Marques

Uma das várias heranças que a Grécia Antiga deixou à civilização ocidental, e que se mantém bastante viva, ativa e criativa até os dias hoje, é a filosofia. Mesmo passando por altos e baixos ao longo de seus dois mil e quinhentos anos, a radicalidade da experiência grega do pensamento filosófico sobreviveu e, graças a um enorme esforço cultural, se espalhou por todas as partes do mundo, chegando, inclusive, a Mato Grosso do Sul.

Mas, o que é filosofia? O termo tem origem grega e é composto pela junção de duas palavras: *philia* (amizade) e *sophia* (sabedoria). A filosofia é um movimento em direção ao saber, ela é uma ação que se dá em primeiro lugar no pensamento. A atitude filosófica sempre começa por uma revolta com algum elemento da realidade. Portanto, filosofar é problematizar aspectos da vida e desenvolver meios racionais para resolvê-los, uma vez que a busca por soluções edifica o

saber humano. Em uma palavra, a filosofia é uma das mais fortes e impactantes expressão da nossa humanidade e enquanto houver pensamento, curiosidade, espanto e problemas a serem resolvidos, haverá filosofia.

As teorias filosóficas contribuíram ao longo dos séculos para a solução de muitos problemas científicos, políticos e culturais. Qual contribuição nossa “filosofia local” pode oferecer aos problemas dos sul-mato-grossenses? Por exemplo, se nosso estado possui alto índice de feminicídio, em que a filosofia pode contribuir para a compreensão e solução desse problema? Se há aqui desafios ambientais de toda espécie, intolerância contra outras culturas, o que a inteligência filosófica nos oferece diante desses problemas? A gente sabe que, por meio da filosofia, é possível identificar e analisar com maior clareza, abrangência e de forma mais aprofundada a realidade. Isso nos leva a pensar que, no mínimo, a reflexão filosófica pode ser bastante útil para compreensão e solução das adversidades de Mato Grosso do Sul, afinal, quem recusaria diante de problemas tão complexos a utilidade de uma análise clara, ampla e profunda? Ora, será que o que tem faltado em nossa compreensão dos problemas locais não é justamente uma análise de tipo filosófica? Será que não é da filosofia que podem vir soluções mais consistentes para os nossos problemas?

Quando a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), instituiu em 2005 o “Dia Mundial da Filosofia”, ela o fez movida pela confiança na capacidade de promoção de uma vida melhor por meio da

filosofia. Desde então, a data é celebrada internacionalmente toda terceira quarta-feira do mês de novembro, por meio de intervenções filosóficas nas ruas, mídias, escolas, universidades, bares etc.

Neste ano, confiantes na capacidade da Filosofia e das Ciências Humanas promoverem uma vida melhor aos sul-mato-grossenses, oferecemos a Mato Grosso do Sul a campanha “Dia Mundial da Filosofia (Unesco) em MS”. Com diversas ações gratuitas entre os meses de agosto a novembro, as atividades da campanha são realizadas pelas principais instituições de ciência, educação e cultura do estado, e visam destacar a importância do pensamento humano, da valorização da cultura e do livre acesso ao conhecimento. Se você é, no sentido mais amplo do termo, um “amigo do saber” (filósofo) junte-se à campanha, basta buscar nas redes sociais por “Dia Mundial da Filosofia em MS”.

Onofre Grossi Filho

O universo e a ciência de si

São nos momentos mais descompromissados e libertos dos afazeres do nosso dia a dia que surgem os pensamentos mais profundos. De repente, sem que você se dê conta, tais pensamentos ocupam sua mente. De novo, ressurgem as velhas dúvidas: de onde vim? Para onde vou? Com que propósito? Faço alguma diferença ou algum sentido para o universo? Bem-vindo aos seus dilemas filosóficos existenciais.

Embora essas sejam suas questões, não se iluda: todos nós, ora mais, ora menos, nos deparamos com as mesmas dúvidas. Esse é um dos sintomas da racionalidade. Sim, somos seres racionais, por mais que, às vezes, isso nos pareça improvável...

...ção, ouvi de um astrofísico, uma de TV, alguns ar- científicos

tempo, criar elementos de complexidade cada vez maior. Assim, seja uma pedra, uma estrela ou uma capivara, tudo é feito da mesma matéria, em diferentes níveis de combinações e complexidades.

Existe, entretanto, um tipo de combinação da matéria que, ao longo de tantas combinações possíveis, conseguiu algo que parece ser raro: ela criou cópias de si mesma e passou essa informação a todas as cópias que vieram depois. Algumas cópias saíram imperfeitas e muitos erros ocorreram. Mas, longe de representarem problemas, tais erros acabaram por definir muitas formas diferentes de matéria que continuam copiando – ou tentando copiar – a si mesmas. Claro, estou me referindo à vida.

Esse tipo de matéria parece ser rara no universo e, até o presente momento, só provamos que ela existe aqui, justamente nesse ponto azul que flutua num vazio na periferia de algo muito, muito

ência de sua existência, e da existência do universo que a cerca e a constitui as inúmeras formas de vida sen- existem nesse ponto azul, só é consciente a esse ponto: o ser humano.

Logo, se somos matéria universal e você somos o universo que, de algum modo, adquiriu consciência de si. Em última instância, nós somos o universo que conseguiu reconhecer a si mesmo, permanecendo tentando entender sua origem e a sua finalidade. É um meio pelo qual o próprio universo reconhece, ou seja, se representa uma consciência do universo que parece suficiente para que cada ser humano seja próprio universo?

Não sei quanto a você, mas me inquietam. A vida humana é governada por interesses mais belos e essenciais. Ah! Sim, este é um texto filosófico, embora seja apenas um exemplo bem rústico e sucinto. Quanto à filosofia, esta sim é condição essencial para que o universo alcance a plenitude do autoconhecimento.

e a ciência de si

ar elementos de complexidade maior. Assim, seja uma pedra, uma estrela ou uma capivara, tudo é feito da mesma matéria, em diferentes níveis de combinações e complexidades.

Existe, entretanto, um tipo de combinação da matéria que, ao longo de tantas combinações possíveis, conseguiu algo que parece ser raro: ela criou cópias de si mesma e passou essa informação a todas as cópias que vieram depois. Algumas cópias saíram imperfeitas e muitos erros ocorreram. Mas, longe de representarem problemas, tais erros acabaram por definir muitas formas diferentes de matéria que continuam copiando – ou tentando copiar – a si mesmas. Claro, estou me

matéria parece ser rara no presente momento, só existe aqui, justamente nesse ponto azul que flutua num vazio na periferia de algo muito, muito longe de representarem problemas. Claro, estou me

ência de sua existência, e da existência do universo que a cerca e a constitui. Dentre as inúmeras formas de vida senciente que existem nesse ponto azul, somente uma é consciente a esse ponto: o ser humano.

Logo, se somos matéria universal, eu e você somos o universo que, de algum modo, adquiriu consciência de si mesmo. Em última instância, nós somos o universo que conseguiu reconhecer a si mesmo, permanecendo tentando entender qual é a sua origem e a sua finalidade. Se somos um meio pelo qual o próprio universo se reconhece, ou seja, se representamos uma consciência do universo, isso não lhe parece suficiente para que a existência de cada ser humano seja primordial ao próprio universo?

Não sei quanto a você, mas tais argumentos me inquietam. A vida humana é governada por interesses mesquinhos que, na maioria das vezes, desconsideram o real valor da humanidade, no seu sentido mais belo e essencial.

Ah! Sim, este é um texto filosófico, embora seja apenas um exemplo bem rústico e sucinto. Quanto à filosofia, esta sim é condição essencial para que o universo alcance a plenitude do autoconhecimento.



É graduado e mestre em filosofia pela USP. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, no Instituto de Física da UFMS. E-mail: onofregrossi@gmail.com

O universo e a ciência de si

Onofre Crossi Filho

São nos momentos mais descompromissados e libertos dos afazeres do nosso dia a dia que surgem os pensamentos mais profundos. De repente, sem que você se dê conta, tais pensamentos ocupam sua mente. De novo, ressurgem as velhas dúvidas: de onde vim? Para onde vou? Com que propósito? Faço alguma diferença ou algum sentido para o universo? Bem-vindo aos seus dilemas filosóficos existenciais.

Embora essas sejam suas questões, não se iluda: todos nós, ora mais, ora menos, nos deparamos com as mesmas dúvidas. Esse é um dos sintomas da racionalidade. Sim, somos seres racionais, por mais que, às vezes, isso nos pareça improvável...

Certa ocasião, ouvi de um astrofísico, num antigo programa de TV, alguns argumentos típicos de teorias científicas e que, para minha surpresa, se ligavam às respostas para

essas questões. Ele dizia algo mais ou menos assim: até onde sabemos, tudo o que há no universo pode ser resumido em matéria e vazio. O vazio é o espaço em que pedaços de matéria se movem. A matéria é formada de partes pequenas e muito simples que se movem no espaço, podem se combinar e, com o tempo, criar elementos de complexidade cada vez maior. Assim, seja uma pedra, uma estrela ou uma capivara, tudo é feito da mesma matéria, em diferentes níveis de combinações e complexidades.

Existe, entretanto, um tipo de combinação da matéria que, ao longo de tantas combinações possíveis, conseguiu algo que parece ser raro: ela criou cópias de si mesma e passou essa informação a todas as cópias que vieram depois. Algumas cópias saíram imperfeitas e muitos erros ocorreram. Mas, longe de representarem problemas, tais erros acabaram por definir muitas formas diferentes de matéria que continuam copiando – ou tentando copiar – a si mesmas. Claro, estou me referindo à vida.

Esse tipo de matéria parece ser raro no universo e, até o presente momento, só provamos que ela existe aqui, justamente nesse ponto azul que flutua num vazio situado na periferia de algo muito, muito grande, que chamamos de Via Láctea. De um modo geral, a vida é senciente, ou seja, ela percebe o ambiente que a cerca por meio dos sentidos. Porém, se a vida é rara entre os tipos de matéria no universo, é ainda mais rara a vida que adquiriu ciência de sua existência, e da existência do universo que a cerca e a constitui. Dentre as

inúmeras formas de vida senciente que existem nesse ponto azul, somente uma é consciente a esse ponto: o ser humano.

Logo, se somos matéria universal, eu e você somos o universo que, de algum modo, adquiriu consciência de si mesmo. Em última instância, nós somos o universo que conseguiu reconhecer a si mesmo, e permanece tentando entender qual é a sua origem e a sua finalidade. Se somos um meio pelo qual o próprio universo se reconhece, ou seja, se representamos uma consciência do universo, isso não lhe parece suficiente para que a existência de cada ser humano seja primordial ao próprio universo?

Não sei quanto a você, mas tais argumentos me inquietam. A vida humana é governada por interesses mesquinhos que, na maioria das vezes, desconsideram o real valor da humanidade, no seu sentido mais belo e essencial.

Ah! Sim, este é um texto filosófico, embora seja apenas um exemplo bem rústico e sucinto. Quanto à filosofia, esta sim é condição essencial para que o universo alcance a plenitude do autoconhecimento.

Celi Corrêa Neres

Alguns Neres

Algumas ideias 'provocadeira' outras ciências sem as ciências

“A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado”. É com a provocação das palavras do poeta Manoel de Barros que início esse texto, como uma contribuição para pensarmos, no momento em que nos preparamos para comemorar, em MS, o “Dia Mundial da Filosofia”. Se as ciências humanas, se haveria outras ciências sem primeiro existir aquela que se dedica a conhecer o homem em sua humanidade, sua natureza, constituição, historicidade e as relações sociais.

Já na sociedade antiga, entre os filósofos a preocupação precípua era conhecer — isso, seria necessário primeiro — Sócrates nos ensina: com isso, ele

interpretá-la, condição humana inerente! Mais adiante, o pensador declara: "Nem a mão nua nem o intelecto, deixados a si mesmos, logram muito. Todos os feitos se cumprem com instrumentos e recursos auxiliares, de que dependem, em igual medida, tanto o intelecto, quanto as mãos", nos ensinando que para produzir ciência e conhecimento precisamos de instrumentos, recursos, mas eles sozinhos não dão conta. É necessário o olhar humano. Sua interpretação e seu conhecimento.

caso, defendemos a filosofia da prática, por meio dela, numa unidade prática, as pessoas podem conhecer e as coisas, de forma coerente e assertiva decorre nosso entendimento não haveria sentido na ciência das humanas ou, dito de outra forma, as ciências são humanas, porque os homens na sua concretude. Mas, acordamos que

Em resumo, acordamos que as coisas e o modo de organizá-las são importantes para a sociedade é preciso o estudo, a análise e o pensamento crítico. Daí a defesa que a educação, mais do que as ciências humanas, campo da Educação no seu sentido positivo e de qualidade social. Nossa defesa é inspirada pelo mundo que almeja um futuro em que todos e todas possam desenvolver o pensamento científico, a filosofia, as ciências sociais, agrárias e outras áreas, sem perder a humanidade, mirando para a melhoria da qualidade da vida.

**ideias 'provocadeiras': haveria
ciências sem as ciências humanas?**



É doutora em educação (USP), professora dos cursos de pedagogia, psicologia e do mestrado/doutorado em educação da Uems. Pesquisadora da educação, presidente do Conselho Estadual de Educação.

Haveria outras ciências sem as ciências humanas?

Celi Corrêa Neres

“A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado”. É com a provocação das palavras do poeta Manoel de Barros que inicio esse texto, como uma contribuição para pensarmos, no momento em que nos preparamos para comemorar, em MS, o “Dia Mundial da Filosofia”, mãe das ciências humanas, se haveria outras ciências sem primeiro existir aquela que se dedica a conhecer o homem em sua humanidade, sua natureza, constituição, historicidade e as relações sociais.

Já na sociedade antiga, entre os filósofos gregos, a preocupação precípua era conhecer o mundo e, para isso, seria necessário primeiro conhecer o homem, vejamos: Sócrates nos disse: “conhece-te a ti mesmo”, com isso, ele nos ensinou que para conhecer a verdade e o mundo, a primeira tarefa era buscar o conhecimento de si.

Francis Bacon, um dos primeiros modernos a teorizar a ciência, na mesma esteira, nos mostra: “O homem, ministro e intérprete da natureza, faz e entende tanto quanto constata, pela observação dos fatos ou pelo trabalho da mente, sobre a ordem da natureza; não sabe nem pode mais”. O que o filósofo quis nos ensinar? Que para interpretar a natureza, conhecê-la, produzir ciência, é preciso interpretá-la, condição humana inerente! Mais adiante, o pensador declara: “Nem a mão nua nem o intelecto, deixados a si mesmos, lo-gram muito. Todos os feitos se cumprem com instrumentos e recursos auxiliares, de que dependem, em igual medida, tanto o intelecto, quanto as mãos”, nos ensinando que para produzir ciência e conhecimento precisamos de instrumentos, recursos, mas eles sozinhos não dão conta. É necessário o olhar humano, sua interpretação e seu conhecimento.

Todas essas ideias estão centradas no embate travado na história da humanidade que forjou o nascimento da ciência moderna ou o conhecimento científico que temos hoje. Tudo produzido pelo pensamento humano sobre si mesmo e o mundo, num momento que a vida já não podia mais ser explicada por meio da “mitologia” ou de “ídolos”. Pois bem, aqui entramos num outro caminho importante, o da história, uma ciência que se encontra, também, entre as ciências humanas. Com ela podemos conhecer a origem das coisas, como os homens produzem a vida, as relações sociais, econômicas que ditam o fazer da ciência num determinado tempo. Para ilustrar, trago um filósofo contemporâneo, Antonio Gramsci, que explica que em “cada época coexistem muitos sistemas e correntes da filosofia”. No nosso caso,

defendemos a filosofia da práxis, pois, por meio dela, numa unidade entre teoria e prática, as pessoas podem conhecer o mundo e as coisas, de forma coerente e crítica. Dessa assertiva decorre nosso entendimento de que não haveria sentido na ciência, sem as ciências humanas ou, dito de outra forma, todas as ciências são humanas, produzidas pelos homens na sua concretude.

Em resumo, acordamos que para conhecer as coisas e o modo de organização da sociedade é preciso o estudo, a revisão e o pensamento crítico. Daí a defesa que nos colocamos é a da educação, mais uma subárea das ciências humanas, campo em que atuamos. Educação no seu sentido público, plural, inclusivo e de qualidade socialmente referenciada. Nossa defesa é inspirada por uma concepção de mundo que almeja um projeto de sociedade que todos e todas possam acessar o conhecimento científico, a filosofia, a sociologia, as ciências sociais, agrárias, exatas e tantas outras áreas, sem perder de vista o que nos humaniza, mirando para um projeto social no qual nenhuma criança, jovem, adulto, grupos da maturidade e pessoas com deficiência fiquem à margem do conhecimento produzido historicamente para que possam exercer sua cidadania plena.

Daniel Afonso da Silva

Ciências humanas e humanidade
a desilusão de moribundos

Um debate público sobre a nova fase da tensão russo-ucraniana teve lugar na Bélgica recentemente e reuniu quatro grandes especialistas do assunto. Um deles é um conhecido jornalista investigativo francês, com dezenas de livros e milhares de artigos publicados sobre questões europeias, asiáticas e internacionais. Outro foi um alto funcionário das Nações Unidas, que participou de vários processos de peacebuilding mundo afora e atualmente vive de ser consultor para assuntos de defesa. O terceiro é um importante catedrático da Universidade Livre de Bruxelas e o último é uma renomada doutora em russo-ucraniana, também

demais falava o idioma eslavo e, diante das negativas, avançou desautorizando a validade dos argumentos anteriormente apresentados. Segundo ela, quem não domina o idioma de Tolstói não possui autoridade para discorrer sobre a sorte do contencioso.

O jornalista – o mais atacado pela doutora – lembrou que o uso de “princípios de autoridade” para silenciar oponentes não passa de um embuste autoritário. A professora retorquiu afirmando que “não doutores” não deveriam se manifestar.

Como reação, o jornalista indicou, impiedosamente, que “doutores das ciências humanas e humanidades jamais tiveram o monopólio sobre os assuntos que abordam” e, quando tratam de temas imediatos, sempre estiveram fadados à “irrelevância”.

Em silêncio ensurdecedor tomou conta do salão a doutora da ULB voltou a falar e somente em russo.

inconsequente do fetiche pelo título. Ora explicitando a imperícia de muitos ridículo daqueles que creditam acadêmica poderes mágicos ou de onisciência. Mas, infelizmente, correntes.

Quem transita por espaços de ciências humanas pelo Brasil afora possui experiência para atestar o quão frequentes são essas cenas. Independente do prestígio do departamento, da universidade, não é difícil a localização de dadeiros idiotas com o título de doutor e velhos, integralmente lóbulos, ilusão do saber contida em títulos acadêmicos.

Mesmo que ridícula, essa postura possui a sua razão de ser: conscientemente, de mecanismo de espaços de conhecimento vilipendiados, no Brasil há tempos recentes.

O adágio provençal que compreende é tudo por tornar esse ridículo quanto maior atenção se dá a ele.

Ciências humanas e humanidades:
a desilusão de moribundos

falava o idioma eslavo e, diante dos argumentos anteriormente apresentados, ela, quem não domina o idioma de Tolstói não possui autoridade para discorrer sobre a sorte do contencioso.

O jornalista – o mais atacado pela doutora – lembrou que o uso de “princípios de autoridade” para silenciar oponentes não passa de um embuste autoritário. A professora retorquiu afirmando que “não doutores” não deveriam se manifestar.

Como reação, o jornalista indicou, impiedosamente, que “doutores das ciências humanas e humanidades jamais tiveram o monopólio sobre os assuntos que abordam” e, quando tratam de temas imediatos, sempre estiveram fadados à “irrelevância”.

Em silêncio ensurdecedor tomou conta do salão a doutora da ULB voltou a falar e somente em russo.

Mais de 90% da audiência ouviu-se. O consultor iniciou o idioma que a doutora não compreendia. O jornalista reforçou a mensagem imprecisamente imprecisa da oratória realçando o caráter

inconsequente do fetiche pelo título de doutor. Ora explicitando a imperícia de muitos ridículo daqueles que creditam acadêmica poderes mágicos ou de onisciência. Mas, infelizmente, correntes.

Quem transita por espaços das humanidades e ciências humanas pelo Brasil afora possui experiência para atestar o quão frequentes são essas cenas. Independente do prestígio do departamento, da faculdade ou da localização de dadeiros idiotas com o título de doutor e velhos, integralmente lóbulos, ilusão do saber contida em títulos acadêmicos.

Mesmo que ridícula, essa postura possui a sua razão de ser: conscientemente, de mecanismo de espaços de conhecimento vilipendiados, no Brasil e pelo mundo, em tempos recentes.

O adágio provençal que informa que “tudo que se compreende é tudo perdoar” pode, assim, tornar esse ridículo quase aceitável. Ele permite uma maior atenção às suas razões de ser. Maior atenção não para conduzir o ridículo à reabilitação, mas para auxiliar na compreensão de que essa postura decorre

menos de misérias humanas – distorções de autoimagem, fragilidades culturais ou o mais de hecatombes epistemológicas que transpassam todas as áreas do saber nos últimos cinquenta anos.



É doutor em história social pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em relações internacionais pela Sciences Po de Paris e professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: danielafonso@ufjf.edu.br

Ciências humanas e humanidades: a desilusão de moribundos

Daniel Afonso da Silva

Um debate público sobre a nova fase da tensão russo-ucraniana teve lugar na Bélgica recentemente e reuniu quatro grandes especialistas do assunto. Um deles é um conhecido jornalista investigativo francês, com dezenas de livros e milhares de artigos publicados sobre questões europeias, euroasiáticas e internacionais. Outro foi um alto funcionário das Nações Unidas, que participou de vários processos de *peacebuilding* mundo afora e atualmente vive de ser consultor para assuntos de defesa. O terceiro é um importante catedrático da Universidade Livre de Bruxelas (ULB). E o último é uma renomada doutora em história e cultura russo-ucraniana, também vinculada à ULB.

O professor e o jornalista foram os primeiros a se manifestar e, ao longo de quinze minutos, expuseram duas

miradas ricamente abrangentes sobre as razões do conflito. O primeiro pontuou alguns segredos internos da sociedade russo-ucraniana. O segundo chamou a atenção para a tensão mundial entre Washington-Pequim-Moscou.

Em seguida, o consultor se dedicou a estabelecer uma cronologia do conflito. E, por fim, veio a doutora, que iniciou a sua manifestação em russo perguntando se alguém entre os demais falava o idioma eslavo e, diante das negativas, avançou desautorizando a validade dos argumentos anteriormente apresentados. Segundo ela, quem não domina o idioma de Tolstói não possui autoridade para discorrer sobre a sorte do contencioso.

O jornalista – o mais atacado pela doutora – lembrou que o uso de “princípios de autoridade” para silenciar oponentes não passa de um embuste autoritário. A professora retorquiui afirmando que “não doutores” não deveriam se manifestar.

Como reação, o jornalista indicou, impiedosamente, que “doutores das ciências humanas e humanidades jamais tiveram o monopólio sobre os assuntos que abordam” e, quando tratam de temas imediatos, sempre estiveram fadados à “irrelevância”.

Um silêncio ensurdecedor tomou conta do auditório. Depois a doutora da ULB voltou a se manifestar. Sempre e somente em russo. Os não russófilos – mais de 90% da audiência – ficaram a entreolhar-se. O consultor iniciou reações em inglês – idioma que a doutora não domina – e a fez provar do próprio veneno. O catedrático e o jornalista reforçaram a dimensão autoritariamente impecunda da postura dessa

mulher. Ora realçando o caráter inconsequente do fetiche pelo título de doutor. Ora explicitando a imperícia de braço com o ridículo daqueles que creditam à formação acadêmica poderes mágicos ou de onisciência.

Cenas lamentáveis. Mas, infelizmente, recorrentes.

Quem transita por espaços das humanidades e ciências humanas pelo Brasil e mundo afora possui experiência para atestar o quão frequentes são essas cenas. Independente do prestígio do departamento, da faculdade ou da universidade, não é difícil a localização de verdadeiros idiotas com o título de doutor. Novos e velhos, integralmente lobotomizados pela ilusão do saber contida em títulos acadêmicos.

Mesmo que ridícula, essa incorrigível postura possui a sua razão de ser. Trata-se, inconscientemente, de mecanismo de proteção de espaços de conhecimento amplamente vilipendiados, no Brasil e pelo mundo, em tempos recentes.

O adágio provençal que informa que “tudo compreender é tudo perdoar” pode, assim, tornar esse ridículo quase aceitável. Ele permite uma maior atenção às suas razões de ser.

Maior atenção não para conduzir o ridículo à reabilitação, mas para auxiliar na compreensão de que essa postura decorre menos de misérias humanas – distorções de autoimagem, fragilidades culturais ou péssimo domínio de áreas acadêmicas – e mais de hecatombes epistemológicas que transpassam todas as áreas do saber nos últimos cinquenta anos.

Lucas Fialho Pereira

Qual o valor da ciência?

As ciências humanas discutem amplamente o valor da ciência. Seria o conhecimento científico verdadeiro? Seria ele melhor que o senso comum? Se todo conhecimento tem determinado valor, deveria a ciência ter mais prestígio?

Quando falamos em "verdade", de que estamos falando, afinal? A maioria das pessoas pensaria numa forma de conhecimento pronta, imutável e perfeita, mas podemos notar que nossos conhecimentos científicos estão em constante transformação. Então não existe verdade na ciência? Se a verdade aqui buscada é a verdade absoluta, sinto muito, a ciência não pode oferecer isso. Entretanto, podemos oferecer o conhecimento científico, que é mais verdadeiro do que o senso comum e tem um objetivo determinado.

Qual o valor da ciência?

Em nossa primeira questão: o conhecimento científico é verdadeiro? Isso depende do propósito de quem pergunta. Quando um médico legista elabora um relatório, são dessas verdades que ele irá se utilizar, mas seria o mínimo estranho, - ineficiente, seria no mínimo estranho, - responder a um familiar em luto dizendo "por que isso aconteceu?", com uma leitura de tal obituario.

Tal qual a ciência, outros saberes foram construídos ao longo da história e também têm, pragmaticamente, suas próprias verdades. Nossos antepassados se encontraram em diversas situações nas quais certas práticas foram mais eficientes que outras, então, alguns saberes foram selecionados como melhores e ensinados para as gerações seguintes. Assim se deram os saberes que hoje chamamos de "senso comum", conhecimento religioso e mesmo a própria ciência.

Assim, então impossível dizer que o conhecimento científico é melhor que outros saberes, mas isso não quer dizer que o conhecimento científico seja melhor que outros saberes. Vejamos mais um exemplo: a ciência.

É sempre importante lembrar que a "ciência" não é uma entidade mística que nos comanda, mas uma comunidade de pessoas com o objetivo mais comum de entender como as coisas funcionam. Para isso, essa comunidade passa adiante certas práticas que tem lhe ajudado a ser mais eficiente, como controle e observação precisos de determinados fenômenos, buscando um resultado prático e eficaz. Além disso, precisamos não esquecer também que essa comunidade necessita de supervisão, já que cientistas são humanos. Daí certas regras para prevenir exageros e mentiras e tentar limitar as influências pessoais na atividade científica.

Se é isso é o que diferencia o conhecimento científico de outros saberes, como podemos responder nossa segunda questão: deveria a ciência ter mais prestígio que outros tipos de conhecimento? Bem, para responder categoricamente, eu diria que não. A ciência, como qualquer outro tipo de conhecimento, é construída e ensinada para as gerações seguintes. Assim se deram os saberes que hoje chamamos de "senso comum", conhecimento religioso e mesmo a própria ciência.

Assim, então impossível dizer que o conhecimento científico é melhor que outros saberes, mas isso não quer dizer que o conhecimento científico seja melhor que outros saberes. Vejamos mais um exemplo: a ciência.

É sempre importante lembrar que a "ciência" não é uma entidade mística que nos comanda, mas uma comunidade de pessoas com o objetivo mais comum de entender como as coisas funcionam. Para isso, essa comunidade passa adiante certas práticas que tem lhe ajudado a ser mais eficiente, como controle e observação precisos de determinados fenômenos, buscando um resultado prático e eficaz. Além disso, precisamos não esquecer também que essa comunidade necessita de supervisão, já que cientistas são humanos. Daí certas regras para prevenir exageros e mentiras e tentar limitar as influências pessoais na atividade científica.

Se é isso é o que diferencia o conhecimento científico de outros saberes, como podemos responder nossa segunda questão: deveria a ciência ter mais prestígio que outros tipos de conhecimento? Bem, para responder categoricamente, eu diria que não. A ciência, como qualquer outro tipo de conhecimento, é construída e ensinada para as gerações seguintes. Assim se deram os saberes que hoje chamamos de "senso comum", conhecimento religioso e mesmo a própria ciência.



É psicólogo analista do comportamento, formado pela UFMS e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma instituição. E-mail: f1fousfialho@gmail.com

Qual o valor da ciência?

Lucas Fialho Pereira

As ciências humanas discutem amplamente o valor da ciência. Seria o conhecimento científico verdadeiro? Seria ele melhor que o senso comum? Se todo conhecimento tem determinado valor, deveria a ciência ter mais prestígio?

Quando falamos em “verdade”, de que estamos falando, afinal? A maioria das pessoas pensaria numa forma de conhecimento pronta, imutável e perfeita, mas podemos notar que nossos conhecimentos científicos estão em constante transformação. Então não existe verdade na ciência? Se a verdade aqui buscada é a verdade absoluta, sinto muito, a ciência não pode oferecer isso. Entretanto, podemos julgar criticamente o conhecimento produzido e decidir se um é mais verdadeiro que outro, pois a ciência tem um objetivo claro: predição e controle. Assim, determinamos como verdadeiras as teorias que nos levam a mais sucesso nesse objetivo. Este é o critério pragmático de verdade, que é amplamente utilizado nas ciências: a eficiência.

Se levarmos isso em consideração, podemos agora retomar com mais propriedade a nossa primeira questão: o conhecimento científico é verdadeiro? Bem, isso depende do propósito de quem pergunta. Quando um médico legista elabora um obituário, são dessas verdades científicas que ele irá se utilizar, mas seria no mínimo estranho, – ineficiente, diria eu – responder a um familiar em luto que pergunta “por que isso aconteceu?”, com a leitura de tal obituário.

Tal qual a ciência, outros saberes foram construídos ao longo da história e também têm, pragmaticamente, suas próprias verdades. Nossos antepassados se encontraram em diversas situações nas quais certas práticas foram mais eficientes que outras, então, alguns saberes foram selecionados como melhores e ensinados para as gerações seguintes. Assim se deram os saberes que hoje chamamos de “senso comum”, conhecimento religioso e mesmo a própria ciência.

Seria então impossível dizer que o saber científico é melhor que outros saberes? Em suma, sim, mas isso não quer dizer que o conhecimento científico seja igual a outros saberes. Vejamos mais profundamente o que é a ciência.

É sempre importante lembrar que a “ciência” não é uma entidade mística que nos comanda, mas uma comunidade de pessoas com o objetivo mais ou menos comum de entender como as coisas funcionam. Para isso, essa comunidade passa adiante certas práticas que tem lhe ajudado a ser mais eficiente, como controle e observação precisos de determinados fenômenos, buscando um resultado prático e eficaz. Além disso, é preciso não esquecer também que essa

comunidade necessita de supervisão, já que cientistas são humanos. Daí certas regras para prevenir exageros e mentiras e tentar limitar as influências pessoais na atividade científica.

Se é isso é o que diferencia o conhecimento científico de outros saberes, como podemos responder nossa segunda questão: deveria a ciência ter mais prestígio que outros tipos de conhecimento? Bem, para responder categoricamente, eu deveria, em primeiro lugar, buscar concordância entre meus colegas cientistas, mas ao fazer isso, imagino que a maioria de nós concordaria que sim, afinal, somos todos humanos e, nesse caso, cientistas.

Cristina de Souza Agostini

A felicidade é a finalidade da

Amaravilha de viver no Estado de Mato Grosso do Sul pode ser contemplada todas as manhãs e ao longo do dia, com a visão das araras. Por meio de seu canto, sabemos que ali elas estão. Buscam alimento, namoram, protegem seus ovos e crias e superam a morte por meio da contínua existência. As araras não precisam de filosofia nem de religião, pois elas necessitam

Araras não precisam de filosofia nenhuma. No entanto, do que elas necessitam, é um ambiente sadio que continue a permitir-lhes que a rotina de suas ações transcorra, certamente depende muito do que temos feito com nosso ambiente. E, meus caros, para as nossas escolhas, a filosofia antiga traz uma reflexão prática sobre as atitudes.

Pensar e saber que se está pensando é uma
... que define a existência humana.
... cumprir funções básicas
... manter relações
... uma fi-

tória de que é preciso pensar antes de agir? Diríamos, sem erro, que a filosofia aristotélica é partidária dessa máxima, e nos oferece uma gama de argumentos que explicam o problema resultante de vidas dedicadas à procura de prazer e àquelas que somente opinam. Aristóteles elabora uma ética cuja maior preocupação é a felicidade humana, e não a mais ou menos virtuosa.

Aristóteles elabora uma ética cuja mais incômoda afirmação é a de que pouquíssimos são aqueles que compreendem a diferença entre meios e fins. Para o filósofo, essa é uma diferença essencial. Na medida em que a felicidade é um fim e não um meio, pode ser que passemos a vida toda comprando gato por lebre. Pode ser que vivamos durante anos a fio, escravizados por prazeres efêmeros, tais como animais que pastam, sem nunca alcançar uma verdadeira vida feliz.

Assim, sendo a felicidade o fim, ela não tem nenhuma "utilidade". Somente os "meios" são úteis. E o são porque visam atingir "algo": uma meta. Por isso é que a busca incessante da riqueza a todo o custo não torna ninguém mais feliz. Como as poses do corpo perfeito não tornam a apresentação dos churrascos mais agradável. E, assim, disse o filósofo grego, a felicidade não se encontra em coisas, mas em atos.

Assim, continua-se um ciclo de acaba, sem compreender-se de características físicas e podemos lançar-nos "racional da felicidade. Ser feliz não é Depende de nós, das ações com razão e em relação ao rependimento porque "sabe melhor decisão.

E quanto à opinião? N
teles, uma opinião não s
não ser manifestar a igno
fala. "Na minha opinião.
Quem fala assim não po
fala o que não sabe. Se
verdadeira, a opinião n
causal de um juízo. Di
fala o que "pensa". Pes
razão. Assim como os
mentam o nível de difi
pensamento torna-se
mais é utilizado. Ou
pensamento pensa, e
"melhor" e perceber
e servir para atingi
que reside no prazer
raz de pensar
idade.

É a finalidade da vida humana

que é preciso pensar antes de agir? sem erro, que a filosofia aristotélica é a máxima, e nos oferece uma série de argumentos que explicam o problema de vidas dedicadas à procura de verdades que somente opinam. Aristóteles elabora uma ética que se baseia na ideia de que a vida humana é uma atividade racional, e que a virtude é a harmonização das paixões com a razão.

firmação é a de que pouquíssimos
que compreendem a diferença
encial. Na medida em que a feli-
e não um meio, pode ser que
ida toda comprando gato por
que vivamos durante anos a fio,
prazeres efêmeros, tais como
ntam, sem nunca alcançar me-
feliz.

a felicidade o fim, ela não
"utilidade". Somente os "meios"
porque visam atingir "algo":
é que a busca incessante
o custo não torna ninguém
as poses do corpo perfeito
ostentação dos churrascos
sociais. Nada disso traz a
nada disso traz plenitude,
tão aos likes, aos segui-
a aprovação de outros.

E quanto à opinião? Na ética de Aristóteles, uma opinião não serve para nada, a não ser manifestar a ignorância daquele que fala. "Na minha opinião..." "Eu acho que..." Quem fala assim não pensa. Simplesmente fala o que não sabe. Seja falsa ou mesmo verdadeira, a opinião não traz a explicação causal de um juízo. Diferente é aquele que fala o que "pensa". Pensar exige esforço da razão. Assim como os exercícios físicos aumentam o nível de dificuldade com o treino, o pensamento torna-se mais complexo quanto mais é utilizado. Ou melhor: quanto mais o pensamento pensa, mais é capaz de pensar "melhor" e perceber que pode ser autônomo e servir para atingir a plenitude existencial que reside no prazer de ser um ser-humano capaz de pensar (de modo feliz) sobre a própria felicidade.



É professora de filosofia antiga da UFMS. É graduada, mestre e doutora em filosofia, com pós-doutorado em letras clássicas - grego. É autora de 'Para Ler os Pré-Socráticos', da Editora Paulus. E-mail: cristina.agostini@ufms.br

A felicidade é a finalidade da vida humana

Cristina de Souza Agostini

A maravilha de viver no Estado de Mato Grosso do Sul pode ser contemplada todas as manhãs e ao longo do dia, com a visão das araras. Por meio de seu canto, sabemos que ali elas estão. Buscam alimento, namoram, protegem seus ovos e crias e superam a morte por meio da contínua existência.

As araras não precisam de filosofia nenhuma. No entanto, do que elas necessitam, um ambiente sadio que continue a permitir - lhes que a rotina de suas ações transcorra, certamente depende muito do que temos feito com nosso ambiente. E, meus caros, para as nossas escolhas, a filosofia antiga traz uma reflexão prática sobre as atitudes.

Pensar e saber que se está pensando é uma experiência que define a existência humana. Esta pode, além de cumprir funções básicas como respirar, comer, dormir, manter rela-

ções sexuais e procriar, vislumbrar para si uma finalidade, bem como decidir sobre os melhores meios para alcançá-la.

Entre os séculos 5 e 4 a. C, o filósofo Aristóteles concebeu a razão humana como fundamento essencial para as boas escolhas de vida. Assim, além de ser marca para aprendizados como os da matemática, a racionalidade é condição para a felicidade. Sabe aquela história de que é preciso pensar antes de agir? Diríamos, sem erro, que a filosofia aristotélica é partidária dessa máxima, e nos oferece uma gama de argumentos que explicam o problema resultante de vidas dedicadas à procura de prazer e àquelas que somente opinam.

Aristóteles elabora uma ética cuja mais incômoda afirmação é a de que pouquíssimos são aqueles que compreendem a diferença entre meios e fins. Para o filósofo, essa é uma diferença essencial. Na medida em que a felicidade é um fim e não um meio, pode ser que passemos a vida toda comprando gato por lebre. Pode ser que vivamos durante anos a fio, escravizados por prazeres efêmeros, tais como animais que pastam, sem nunca alcançar uma verdadeira vida feliz.

Assim, sendo a felicidade o fim, ela não tem nenhuma “utilidade”. Somente os “meios” são úteis. E o são porque visam atingir “algo”: uma meta. Por isso é que a busca incessante pela riqueza a todo o custo não torna ninguém feliz. Assim como as poses do corpo perfeito instagramável, ou a ostentação dos churrascos e bebidas nas redes sociais. Nada disso traz a felicidade, porque nada disso traz plenitude, mas apenas escravidão aos likes, aos seguidores e o temor quanto à aprovação de outros.

Assim, continua-se um ciclo de busca que não acaba, sem compreender-se que a despeito de características físicas e conta bancária, podemos lançar-nos “racionalmente” à busca da felicidade. Ser feliz não é fruto do destino. Depende de nós, das ações que praticamos com razão e em relação às quais não há arrependimento porque “sabemos” que houve a melhor decisão.

E quanto à opinião? Na ética de Aristóteles, uma opinião não serve para nada, a não ser manifestar a ignorância daquele que fala. “Na minha opinião...” “Eu acho que...” Quem fala assim não pensa. Simplesmente fala o que não sabe. Seja falsa ou mesmo verdadeira, a opinião não traz a explicação causal de um juízo. Diferente é aquele que fala o que “pensa”. Pensar exige esforço da razão. Assim como os exercícios físicos aumentam o nível de dificuldade com o treino, o pensamento torna-se mais complexo quanto mais é utilizado. Ou melhor: quanto mais o pensamento pensa, mais é capaz de pensar “melhor” e perceber que pode ser autônomo e servir para atingir a plenitude existencial que reside no prazer de ser um ser-humano capaz de pensar (de modo feliz) sobre a própria felicidade.

Victor Hugo de Oliveira Marques

Filosofia nos moldes pan-

É comum referir-se ao Estado do Mato Grosso do Sul como uma região do país que vive plenamente sua vocação agrária. O que, em certa medida, não deixa de ser verdade, uma vez que é o 5º maior produtor de grãos do país. Diante desse quadro, poder-se-ia perguntar: há um espaço para a filosofia em MS? E que importância teria um espaço como esse? A questão, na verdade, não é saber se há ou não um espaço filosófico em nosso Estado, mas como fazer de nossa terra um recinto filosófico.

Tradicionalmente, não existe um ambiente propriamente filosófico. A filosofia está presente em qualquer lugar e não desse mundo que não revele a presença. Por outro lado, nos moldes pan-

-gossense deve nascer de suas próprias necessidades. E para isso, duas coisas seriam importantes. Primeiro: o incentivo e a valorização da cultura local. Não se pode fazer filosofia sem um profundo conhecimento da situação em que se vive. Esse reconhecimento deve ir além dos estereótipos que muitas vezes se instalam e falseiam a própria realidade. Mato Grosso do Sul é um estado muito rico, não só por causa do agro, mas também por uma pluralidade cultural e uma intensa variedade étnica. Há diversas cosmologias e metafísicas coexistindo em nosso Estado. Compreender isso já é mostrar o valor e a necessidade do segundo ponto: o incentivo àquele estudo que dá conta de perceber essa complexidade, isto é, o estudo filosófico. Com apenas dois cursos em nível superior para todo o Estado e um Mestrado Profissional, é impossível uma demanda filosófica seja satisfeita. Há um déficit de profissionais para atender as demandas em

que converse com a pluralidade do povo. Criar espaços "pantaneiros" de refletir e fazer-se ouvir pela sociedade envolve muita criatividade e por isso tais locais ainda são desafiantes. O próprio filósofo é "pensar fora da caixa".

Mas todo esse esforço valerá a pena? Bem, essa é uma pergunta interessante, pois ela nos leva a outra: seria de interesse coletivo aprender a extrair de si o que é propriamente o melhor? Parece óbvio que qualquer atividade social busca saber o que é o melhor. Mas como a filosofia se mostra útil. É interessante para nosso Estado vender a melhor imagem possível para aqueles que aqui chegam. Porém, nem sempre essa melhor imagem é apresentada, justamente porque é mais fácil aderir a estereótipos do que mergulhar e conhecer a si mesmo. Juntamente com outras ciências que buscam fazer o mesmo trabalho, a filosofia não é uma instância apenas de divulgação de ideias, mas de reflexão e veicular aquilo que é próprio. Foi por meio da filosofia que as ideias do Oriente chegaram ao Ocidente. Assim, a filosofia se torna útil e necessária.

ia nos moldes pantaneiros

se deve nascer de suas próprias necessidades. E para isso, duas coisas são importantes. Primeiro: o incentivo e a valorização da cultura local. Não se pode fazer filosofia sem um profundo conhecimento da situação em que se vive. Esse reconhecimento deve ir além dos estereótipos que muitas vezes se instalam e falseiam a própria realidade. Mato Grosso do Sul é um estado muito rico, não só por causa do agro, mas também por uma pluralidade cultural e uma intensa variedade étnica. Há diversas cosmologias e metafísicas coexistindo em nosso Estado. Compreender isso já é mostrar o valor e a necessidade do segundo ponto: o incentivo àquele estudo que dá conta de perceber essa complexidade, isto é, o estudo filosófico. Com apenas dois cursos em nível superior para todo o Estado e um Mestrado Profissional, é impossível uma demanda filosófica seja satisfeita. Há um déficit de profissionais para atender as demandas em

ensamentos de outros cursos acadêmicos. Fazer filosofia não é só frequentar um curso, mas reconhecer a si mesmo e se está pisando e refletindo.

que converse com a pluralidade de nosso povo. Criar espaços "pantaneiros" de refletir e fazer-se ouvir pela sociedade. O fazer filosófico envolve muita criatividade e por isso tais locais ainda se tornam desafiantes. O próprio fazer filosófico é "pensar fora da caixa".

Mas todo esse esforço valerá a pena? Bem, essa é uma pergunta bem interessante, pois ela nos leva a outra: seria de interesse coletivo aprender a extrair de si o que é propriamente o melhor? Parece óbvio que qualquer atividade social busca saber o que é o melhor. Mas como a filosofia se mostra útil. É interessante para nosso Estado vender a melhor imagem possível para aqueles que aqui chegam. Porém, nem sempre essa melhor imagem é apresentada, justamente porque é mais fácil aderir a estereótipos do que mergulhar e conhecer a si mesmo. Juntamente com outras ciências que buscam fazer o mesmo trabalho, a filosofia não é uma instância apenas de divulgação de ideias, mas de reflexão e veicular aquilo que é próprio. Foi por meio da filosofia que as ideias do Oriente chegaram ao Ocidente. Assim, a filosofia se torna útil e necessária.



É professor, pesquisador e coordenador do curso de filosofia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Filosofia nos moldes pantaneiros

Victor Hugo de Oliveira Marques

É comum referir-se ao Estado do Mato Grosso do Sul como uma região do país que vive plenamente sua vocação agrária. O que, em certa medida, não deixa de ser verdade, uma vez que é o 5º maior produtor de grãos do país. Diante desse quadro, poder-se-ia perguntar: há um espaço para a filosofia em MS? E que importância teria um espaço como esse? A questão, na verdade, não é saber se há ou não um espaço filosófico em nosso Estado, mas como fazer de nossa terra um recinto filosófico.

Tradicionalmente, não existe um ambiente propriamente filosófico. A filosofia está presente em qualquer lugar e não há canto desse mundo que não revele traços de sua presença. Por outro lado, o desafio é: como filosofar “nos moldes pantaneiros”? Como fazer do nosso Pantanal, a Atenas de Platão? Desde a Grécia Antiga, a filosofia aprendeu que o exercício do pensamento se faz a partir das dores e dos

gritos da própria realidade. É sentindo o chão que se pisa e compreendendo seus clamores que é possível devanear-se em pensamentos. Os voos mais altos que os raciocínios humanos são capazes de produzir não são meras abstrações, mas modos de penetrar nas profundezas da existência humana para poder compreendê-la no seu todo.

Nesse sentido, a construção de um espaço filosófico em Mato Grosso do Sul não se faz importando filósofos. Pelo contrário, uma filosofia sul-mato-grossense deve nascer de suas próprias necessidades. E para isso, duas coisas seriam importantes. Primeiro: o incentivo e a valorização da cultura local. Não se pode fazer filosofia sem um profundo conhecimento da situação em que se vive. Esse reconhecimento deve ir além dos estereótipos que muitas vezes se instalam e falseiam a própria realidade. Mato Grosso do Sul é um estado muito rico, não só por causa do agro, mas também por uma pluralidade cultural e uma intensa variedade étnica. Há diversas cosmovisões e metafísicas coexistindo em nosso Estado. Compreender isso já é mostrar o valor e a necessidade do segundo ponto: o incentivo àquele estudo que dá conta de perceber essa complexidade, isto é, o estudo filosófico. Com apenas dois cursos em nível superior para todo o Estado e um Mestrado Profissional, é impossível que a demanda filosófica seja satisfeita. Há sempre um déficit de profissionais da área para atender as demandas em âmbito educacionais, o que incorre na importação de pensamentos de outros Estados.

Contudo, ampliar cursos acadêmicos não seria suficiente. Fazer filosofia necessariamente não é só frequentar um curso acadêmico, mas é reconhecer a riqueza do chão que se está pisando e construir espaços de reflexão e circulação de ideias

que visibilizem o tecido filosófico aí presente. Precisamos criar alternativas no modo de fazer filosofia que converse com a pluralidade de nosso povo. Criar espaços “pantaneiros” de refletir e fazer-se ouvir pela sociedade. O fazer filosófico envolve muita criatividade e por isso tais locais ainda se tornam desafiadores. O próprio fazer filosófico é “pensar fora da caixa”.

Mas todo esse esforço valeria a pena? Bem, essa é uma pergunta bem interessante, pois ela nos leva à outra: seria de interesse coletivo aprender a extrair de si o que é propriamente o melhor? Parece óbvio que qualquer atividade social busca isso: extrair de si o melhor. Mas como saber o que é o melhor de si? É aí que a filosofia se mostra útil. É interessante para nosso Estado vender a melhor imagem possível para aqueles que aqui chegam. Porém, nem sempre essa melhor imagem é apresentada, justamente porque é mais fácil aderir a estereótipos do que mergulhar e conhecer a si mesmo. Juntamente com outras ciências que buscam fazer o mesmo trabalho, a filosofia não é uma instância apenas de reflexão, mas de divulgação de ideias. Com ela, torna-se mais fácil falar e veicular aquilo que é próprio. Foi por meio da filosofia que ideias do Oriente chegaram ao Ocidente. Assim, a filosofia se torna útil em propagar o conhecimento, que é fundamental para um Estado que está em processo de desenvolvimento e busca sua autonomia no cenário nacional.

Vale a pena, sim, desenvolver uma filosofia nos moldes pantaneiros. Um espaço filosófico de autoconhecimento, reflexão e divulgação daquilo que seria nosso mais próprio. Seria extrair de si o que há de melhor, a fim de valorizar e preservar o que é nosso.

Jarbas Couto e Lima

Renovar o homem usando

O princípio da dignidade da pessoa humana orienta a proteção dos direitos humanos e vislumbra a construção de uma sociedade justa e inclusiva. Tribu-tário de ampla e histórica preocupação filo-sófica, esse princípio guarda profunda per-pecussão política, pois confere fundamento à afirmação da radical igualdade entre os indivíduos e povos, base sobre a qual se assenta a diversidade cultural própria da plasticidade da vida em sociedade. Ao lado do pensamento religioso e das ciências humanas, o pensamento filosófico sobre a dignidade da pessoa humana tornou-se uma barreira contra a violência, a exploração, a humilhação e a miséria.

Na Grécia Antiga, a tragédia – forma de arte que se tornou marco da cultura grega – tinha como tema o mito, o destino, o destino mítico para a humanidade, a preocupação com a dignidade da pessoa humana.

Cícero (106 – 43 a.C.) utiliza este último para designar o ser do homem. Cícero vê na pessoa a racionalidade e a individualidade próprias do homem: “Nós precisamos reconhecer que somos dotados por natureza de dois papéis [personis]: um deles é universal, resultando do fato de sermos, todos, igualmente dotados de razão e superioridade que nos distingue dos animais (...) O outro, porém, é o que é atribuído ao indivíduo em particular”.

Portanto, extraída do contexto teatral grego, a noção de “pessoa” serve à filosofia para designar o ser humano em essência. Na idade média, Boécio (480 – 525) unifica esses dois aspectos mencionados por Cícero e concebe “pessoa” como “a substância individual de natureza racional”, reafirmando assim a racionalidade e a particularidade do indivíduo como fundamentos do ser do homem. Porém, foi em Kant (1724-1804) que a dignidade da pessoa humana adquiriu seu caráter filosófico mais firme. “Pessoa”, para Kant, é a unidade de consciência, a diversidade das faculdades e a liberdade da vontade.

ao mesmo tempo como fim e meio”. Nesse viés kantiano, o ser humano intrinsecamente representa um conteúdo de relevância ética, na medida em que existe como “um fim em si mesmo”, não ou daquela vontade. Diferentemente das coisas, os seres humanos são seres dotados de razão e superioridade que nos distingue dos animais (...). O outro, porém, é o que é atribuído ao indivíduo em particular”.

Já Heidegger (1889-1976), com a noção de ser-no-mundo, exprimiu a dependência das circunstâncias e a incompletude do ser do homem, bem como seu devir contínuo como essencialmente mutável. O que nos remete ao poeta pantaneiro Manoel de Barros: “A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito ser renovado por outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.”

o homem usando borboletas

(106 – 43 a.C.) utiliza este último para designar o ser do homem. Cícero vê na pessoa a racionalidade e a individualidade próprias do homem: “Nós precisamos reconhecer que somos dotados por natureza de dois papéis [personis]: um deles é universal, resultando do fato de sermos, todos, igualmente dotados de razão e superioridade que nos distingue dos animais (...) O outro, porém, é o que é atribuído ao indivíduo em particular”.

extraída do contexto teatral grego, a noção de “pessoa” serve à filosofia para designar o ser humano em essência. Na idade média, Boécio (480 – 525) unifica esses dois aspectos mencionados por Cícero e concebe “pessoa” como “a substância individual de natureza racional”, reafirmando assim a racionalidade e a particularidade do indivíduo como fundamentos do ser do homem. Porém, foi em Kant (1724-1804) que a dignidade da pessoa humana adquiriu seu caráter filosófico mais firme. “Pessoa”, para Kant, é a unidade de consciência, a diversidade das faculdades e a liberdade da vontade.

ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio”. Nesse viés kantiano, o ser humano intrinsecamente representa um conteúdo de relevância ética, na medida em que existe como “um fim em si mesmo”, não ou daquela vontade. Diferentemente das coisas, os seres humanos são seres dotados de razão e superioridade que nos distingue dos animais (...). O outro, porém, é o que é atribuído ao indivíduo em particular”.

Já Heidegger (1889-1976), com a noção de ser-no-mundo, exprimiu a dependência das circunstâncias e a incompletude do ser do homem, bem como seu devir contínuo como essencialmente mutável. O que nos remete ao poeta pantaneiro Manoel de Barros: “A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito ser renovado por outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.”



Professor titular da Faculdade de Ciências Humanas da UFOD. E-mail: jarbaslima@ufod.edu.br

Renovar o homem usando borboletas

Jarbas Couto e Lima

O princípio da dignidade da pessoa humana orienta a proteção dos direitos humanos e vislumbra a construção de uma sociedade justa e inclusiva. Tributário de ampla e histórica preocupação filosófica, esse princípio guarda profunda repercussão política, pois confere fundamento à afirmação da radical igualdade entre os indivíduos e povos, base sobre a qual se assenta a diversidade cultural própria da plasticidade da vida em sociedade. Ao lado do pensamento religioso e das ciências humanas, o pensamento filosófico sobre a dignidade da pessoa humana tornou-se uma barreira contra a violência, a exploração, a humilhação e a miséria.

Na Grécia Antiga, a tragédia – forma dramática grega que se tornou marco da passagem do pensamento mítico para a filosofia – expressou essa preocupação antropológica fundamental. Na tragédia de Ésquilo (525–456 a. C.), “O Prometeu Acorrentado”, a voz de Prometeu prenuncia os

homens como “seres de razão, capazes de pensar”, condição que lhes impõe a tarefa de tomar a si mesmos como senhores do seu destino. O termo latino *persona*, do qual deriva a noção de pessoa humana, tem origem na palavra grega *prosopon*, que corresponde à máscara utilizada pelo ator (*hypokrites*) na tragédia grega. Ao traduzir o conceito grego de *prosopon* para o latino *persona*, Cícero (106–43 a.C.) utiliza este último para designar o ser do homem. Cícero vê na pessoa a racionalidade e a individualidade próprias do homem: “Nós precisamos reconhecer que somos dotados por natureza de dois papéis [*personis*]: um deles é universal, resultando do fato de sermos, todos, igualmente dotados de razão e superioridade que nos distingue dos animais (...) O outro, porém, é o que é atribuído ao indivíduo em particular”.

Portanto, extraída do contexto teatral grego, a noção de “pessoa” serve à filosofia para designar o ser humano em essência. Na idade média, Boécio (480–525) unifica esses dois aspectos mencionados por Cícero e concebe “pessoa” como “a substância individual de natureza racional”, reafirmando assim a racionalidade e a particularidade individual como fundamentos do ser do homem. Porém, foi em Kant (1724–1804) que a dignidade da pessoa humana adquiriu seu fundamento filosófico mais firme. “Pessoa”, para Kant, é uma unidade de consciência, constituída a despeito da diversidade das modificações que lhe possam suceder na vida. Sua dignidade reside em ser “pessoa” radicalmente distinta de “coisa”. Na terceira formulação do conceito de imperativo categórico Kant afirma: “Age de tal maneira que uses a humanidade tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer

outro, sempre ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio”. Nesse viés kantiano, o ser humano intrinsecamente representa um conteúdo de relevância ética, na medida em que existe como “um fim em si mesmo”, não como um meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade. Diferentemente das coisas, os seres humanos são “pessoas” cujo imperativo categórico determina respeitar enquanto essência, não apenas enquanto seus motivos e ações contingentes. Daí a afirmação da dignidade humana como valor em si mesmo, valor absoluto em oposição ao valor relativo das coisas, que podem ser usadas, vendidas e trocadas.

Já Heidegger (1889-1976), com a noção de ser-no-mundo, exprimiu a dependência das circunstâncias e a incompletude do ser do homem, bem como seu devir contínuo como um ser aberto ao novo. O ser do homem é essencialmente mutável. O que nos remete ao poeta pantaneiro Manoel de Barros: “A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito (...). Perdoai, mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.” Como as ciências humanas têm demonstrado, o meio cultural em que nascemos e vivemos forma nossas crenças, valores e preconceitos. Igualmente, nos permite escolhas entre possibilidades circunstanciais de modificar nosso incompleto e inacabado ser e colocá-lo em conexão com o princípio da dignidade da pessoa humana. Resta-nos, portanto, a liberdade das borboletas.

O que é – e está sendo, em MS – o Dia Mundial da Filosofia?

Carlos Augusto Damasceno

Que tal promovermos discussões filosóficas em rádios, mesas-redondas, debates, cafés filosóficos, organizar concertos com músicos locais e utilizar espaços públicos para exposições artísticas ou feiras literárias relacionadas à filosofia? Este foi o desafio lançado pela Unesco (braço da ONU voltado para a educação, ciência e cultura) no contexto da celebração do “Dia Mundial da Filosofia”, do ano de 2014, o qual utilizaremos aqui para mostrar qual é o espírito desta data.

Antes, vamos retroceder um pouco, a fim de entender melhor como surgiu o “Dia Mundial da Filosofia”. Na verdade, o primeiro “Dia da Filosofia” na Unesco ocorreu entre 21 e 23 de novembro de 2002, contando com a participação de nomes importantíssimos da filosofia mundial, como o do filósofo francês Paul Ricoeur, presidente honorário do Instituto Internacional de Filosofia, e o da filósofa brasileira Marilena Chauí, professora renomada da USP. Já contando neste primeiro momento com a

participação de diversas instituições do mundo todo, como da Unisinos, aqui do Brasil, e tantas outras da Argentina, Uruguai, Peru, México, Cuba, e de diversos países europeus, bem como da Síria, Egito, China, Canadá, Bangladesh, Quênia e Tanzânia, por exemplo. De fato, o então “Dia da Filosofia” na Unesco já nasceu, essencialmente, um dia mundial, sem receber, todavia, tal nomenclatura, o que só ocorreu com a instituição formal em 2005 do “Dia Mundial da Filosofia”, a ser celebrado toda terceira quinta-feira do mês de novembro. Dessa forma, a Unesco institucionalizou tal data, incentivando a realização dos mais diversos eventos relacionados à filosofia em geral e a um tema escolhido anualmente, como por exemplo, “Aprendendo a Viver Juntos (2008)” e “Futuras Gerações” (2012).

Ainda com o intuito de demonstrar o caráter mundial da data, podemos citar, novamente apenas a título ilustrativo, alguns eventos ocorridos no contexto do “Dia Mundial da Filosofia” ao longo dos anos: mesas- -redondas com os temas “Libertando-se de Estereótipos Históricos da Filosofia”, “Imagens Filosóficas do Ser Humano” e “Ensinando Filosofia em um Contexto Multicultural”, em Moscou; “Diversidade Cultural e/ou Cultura da Diversidade”, em Abomei, no Benin; “A Importância da Filosofia no Ensino Médio e no Ensino Superior”, na República Dominicana. Tudo isso no ano de 2008. Em 2011 tivemos em Paris a mesa-redonda “Sérgio Vieira de Mello: A Luta de um Filósofo para Mudar o Mundo”. Em 2012 houve um café filosófico com o tema “Cores e Valores Espirituais dos Povos Andinos: Passado, Presente e Futuro”, na sede da Unesco, e um seminário promovido pela Nova Acrópole em Mumbai, na Índia, com o tema “A Viagem da Filosofia: A Maior de Todas as Jornadas”. Em 2015 ocorreu

um concurso de “Fotofilosofia” em 50 escolas de ensino médio de Barcelona; e vale lembrar que neste mesmo ano surgiu, também na cidade catalã, a série “Merlí”, que fez/faz sucesso mundial. Inclusive, lembramos que atualmente a série é exibida em rede aberta aos domingos à noite, desde o último dia 15, pela “TV Cultura” de São Paulo.

Desde seu surgimento, a Unesco manteve forte interesse pela filosofia (prova disso foi a elaboração dos documentos: “Filosofia: Uma Escola de Liberdade”, “Ensinando Filosofia na Europa e América do Norte”, “Ensinando Filosofia na América Latina e Caribe”, “Ensinando Filosofia na África: Países Anglófonos”, “Ensinando Filosofia na Ásia e Pacífico”, “Ensinando Filosofia na Região Árabe” e “Quadratura do Círculo”: um jornal de mulheres filósofas); e ao criar uma data específica para a “mãe de todos os saberes”, estimulou diversas entidades mundo afora a promoverem ações de caráter filosófico voltadas para o grande público.

Assim ocorreu, inclusive aqui, no Mato Grosso do Sul, que pelo menos desde 2019 celebra a data, seja por meio de atividades pedagógicas na escola estadual (atualmente centro estadual de educação profissional) Hércules Maymone, pela realização de ações extracurriculares, como as que ocorreram na ONG CDM (Cidade dos Meninos) em 21/11/2019, ou ainda pela celebração do “Dia Mundial da Filosofia na Feira Bosque da Paz” em 2022, com panfletagem, exibição de livros, banners, aula pública, roda de conversa e intervenção teatral com acadêmicos caracterizados de filósofos gregos, seja, por fim, através da campanha “Dia Mundial da Filosofia (Unesco) em MS”, que neste ano de 2023 busca ampliar as discussões também para as ciências humanas.

Ricardo Oliveira da Silva

Ernestine Rose: filosofia e ativismo social

O papel da filosofia na busca de solução dos problemas que permeiam a vida humana possui longa trajetória, por vezes negligenciada, é verdade, mas que convém não ser esquecida.

Para ilustrar este raciocínio eu gostaria de recordar as ideias filosóficas e o ativismo social de Ernestine Rose (1810-1892). Ela nasceu na Polônia, no seio de uma comunidade judaica. Aos 17 anos, após o falecimento da mãe e a recusa de um casamento arranjado articulado por pai, ela deixou sua terra natal.

Na casa, Ernestine Rose já havia aprendido a discordância, por discordância judaica, por discordância com o mundo que era

social Robert Owen (1771-1858). As ideias owenistas sobre reforma do mundo do trabalho, defesa da educação e rejeição da propriedade privada se inspiraram em pensadores iluministas: 1) Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), para quem as crianças poderiam aprender coletivamente sentimentos e hábitos; 2) os filósofos utilitaristas, que concediam alta importância à felicidade, que só poderia ser alcançada se tivesse uma dimensão coletiva; 3) William Godwin (1756-1836), que defendia a extinção da propriedade privada em nome da igualdade; e 4) Adam Smith (1723-1790), autor da premissa da riqueza como fruto de trabalho.

Em 1836 Ernestine Rose migrou para os EUA. Naquele país, ela desenvolveu um ativismo social inspirado no ideário filosófico de seu engajamento se deu, em sua vida, o feminismo, livre-mercado, o acesso à educação, o acesso à educação política e social.

realidade onde as mulheres pesavam da dependência econômica aos pais e aos maridos, não exerceram a liberdade a suportarem o trabalho doméstico sob argumento científico (mulher é fisicamente frágil) e esposa as mulheres).

Ernestine Rose interpretou as adversidades enfrentadas pelas mulheres por meio do ponto de vista da ignorância e do egoísmo presente na sociedade. Como solução fendeu uma ampla reforma em medidas que promovessem oportunidades para o acesso à educação política e social.

A história de Ernestine Rose é reveladora do papel que a filosofia pode desempenhar na reflexão e busca de respostas aos dilemas enfrentados por nossa comunidade social, ontem e hoje.

Rose: filosofia e o social

(1771-1858). As ideias owenistas sobre reforma do mundo do trabalho, educação e rejeição da propriedade privada se inspiraram em pensadores iluministas: 1) Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), para quem as crianças poderiam aprender coletivamente sentimentos e hábitos; 2) os filósofos utilitaristas, que concediam alta importância à felicidade, que só poderia ser alcançada se tivesse uma dimensão coletiva; 3) William Godwin (1756-1836), que defendia a extinção da propriedade privada em nome da igualdade; e 4) Adam Smith (1723-1790), autor da premissa da riqueza como fruto de trabalho.

Em 1836 Ernestine Rose migrou para os EUA. Naquele país, ela desenvolveu um ativismo social inspirado no ideário filosófico de seu engajamento se deu, em sua vida, o feminismo, livre-mercado, o acesso à educação, o acesso à educação política e social.

Ernestine Rose interpretou as adversidades enfrentadas pelas mulheres por meio do ponto de vista da ignorância e do egoísmo presente na sociedade. Como solução fendeu uma ampla reforma social, pautada em medidas que promovessem a igualdade de oportunidades para homens e mulheres no acesso à educação, emprego, direitos políticos e sociais.

A história de Ernestine Rose é reveladora do papel que a filosofia pode desempenhar na reflexão e busca de respostas aos dilemas enfrentados por nossa comunidade social, ontem e hoje.



É doutor em história (UFRGS) e professor de curso de história da UFMS.

Ernestine Rose: filosofia e ativismo social

Ricardo Oliveira da Silva

O papel da filosofia na busca de solução dos problemas que permeiam a vida humana possui longa trajetória, por vezes negligenciada, é verdade, mas que convém não ser esquecida.

Para ilustrar este raciocínio eu gostaria de recordar as ideias filosóficas e o ativismo social de Ernestine Rose (1810-1892). Ela nasceu na Polônia, no seio de uma comunidade judaica. Aos 17 anos, após o falecimento da mãe e a recusa de um casamento arranjado articulado por seu pai, ela deixou sua terra natal.

Ao sair de casa, Ernestine Rose já havia rompido com a fé judaica, por discordâncias quanto ao papel subalterno que era atribuído à mulher pelos rabinos. E a sua inconformidade com a ordem social foi reforçada filosoficamente com o con-

tato que teve com o ideário iluminista na Alemanha, França e Inglaterra na virada da década de 1820 para 1830.

A influência filosófica mais importante na vida de Ernestine Rose foi o reformador social Robert Owen (1771-1858). As ideias owenistas sobre reforma do mundo do trabalho, defesa da educação e rejeição da propriedade privada se inspiraram em pensadores iluministas: 1) Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), para quem as crianças poderiam aprender coletivamente sentimentos e hábitos; 2) os filósofos utilitaristas, que concediam alta importância à felicidade, que só poderia ser alcançada se tivesse uma dimensão coletiva; 3) William Godwin (1756-1836), que defendia a extinção da propriedade privada em nome da igualdade; e 4) Adam Smith (1723-1790), autor da premissa da riqueza como fruto de trabalho.

Em 1836 Ernestine Rose migrou para os EUA. Naquele país, ela desenvolveu um ativismo social inspirado no ideário filosófico owenista. O seu engajamento se deu, sobretudo, na luta pelo abolicionismo, livre-pensamento e direitos para as mulheres. No caso da luta pela igualdade de gênero, Ernestine Rose encontrou nos EUA uma realidade onde as mulheres viviam sob o peso da dependência econômica em relação aos pais e aos maridos, eram coagidas a não exercerem a liberdade de expressão e a suportarem o trabalho doméstico. Tudo isso imposto sob argumentos supostamente científicos (mulher é fisicamente frágil) e religiosos (Deus determinou o papel de mãe e esposa as mulheres).

Ernestine Rose interpretou as adversidades enfrentadas pelas mulheres por meio do ponto de vista owenista como fruto da ignorância e do egoísmo presente na sociedade. Como solução para isso, ela defendeu uma ampla reforma social, pautada em medidas que promovessem a igualdade de oportunidades para homens e mulheres no acesso à educação, emprego, direitos políticos e sociais.

A história de Ernestine Rose é reveladora do papel que a filosofia pode desempenhar na reflexão e busca de respostas aos dilemas enfrentados por nossa comunidade social, ontem e hoje.

Vinicius Carvalho da Silva

Qual é o valor da filosofia da sociedade sul-mato-gross

Manoel de Barros escreveu que "é preciso transver o mundo" e perguntou: "Pode o homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?". Transver o mundo é vê-lo a partir de outras perspectivas, até então ocultas ou mesmo marginalizadas, ver suas reentrâncias e entranhas, suas frestas e fendas, seus avessos, seus interiores, desvelando, trazendo à luz tudo o que permanece encoberto e desconcertante obviedade com que a natureza se apresenta para a realidade, sem que a filosofia, que a filosofia faz, tire de nossa

filosófica, ela própria filha do cosmopolitismo da antiga Jônia, onde viajantes de diversas partes do mundo travavam contato e comércio. Nesse cenário cosmopolita, em meio a um dos biomas mais ricos, plurais e encantadores do mundo – o Pantanal –, o Mato Grosso do Sul pode exportar bem mais do que commodities agrícolas. Podemos ser uma estufa, um celeiro de ideias, conhecimentos, cosmovisões, diversidade cultural e conhecimento científico.

iação de uma forte cultura crítica e investigativo na diversificamos o mundo, relações sociais, a produção de inovações teóricas e práticas não oferecemos o devido suporte aos motores da infraestrutura da nossa sociedade.

A filosofia da ciência para a sul-mato-grossense?

a criação de uma forte cultura de pensamento crítico e investigativo não dinamizamos e diversificamos o mundo do trabalho, as relações sociais, a produção de ideias e inovações teóricas e práticas, e portanto, não oferecemos o devido combustível aos motores da infraestrutura econômica da nossa sociedade.

Eis o valor da filosofia da ciência para o Mato Grosso do Sul. Contribuir para que sua sociedade sul-mato-grossense, cada vez mais crítica e plural, realize todo o seu incrível potencial. Basta lembrar que nossa riqueza biológica, nossa exuberância natural e diversidade cultural vêm acompanhadas de uma missão e de uma possibilidade. Somos os herdeiros, os divulgadores, os filósofos da natureza e os aprendizes de uma vasta área do Pantanal, patrimônio material e imaterial da humanidade. Aqui está nosso dever e vocação. Aqui o nosso cosmos. De que maneira vamos preservá-lo e anunciá-lo ao mundo? Essa questão, por si mesma, bem como suas possíveis respostas, já constituem exercícios de reflexão filosófica.

Eis o valor da filosofia da ciência para a sociedade. A natureza econômica da sociedade. Eis o valor da filosofia da ciência para o Mato Grosso do Sul. Contribuir para que sua sociedade sul-mato-grossense, cada vez mais crítica e plural, realize todo o seu incrível potencial. Basta lembrar que nossa riqueza biológica, nossa exuberância natural e diversidade cultural vêm acompanhadas de uma missão e de uma possibilidade. Somos os herdeiros, os divulgadores, os filósofos da natureza e os aprendizes de uma vasta área do Pantanal, patrimônio material e imaterial da humanidade. Aqui está nosso dever e vocação. Aqui pulsa o nosso cosmos. De que maneira vamos preservá-lo e anunciá-lo ao mundo? Essa questão, por si mesma, bem como suas possíveis respostas, já constituem exercícios de reflexão filosófica.



Vinícius Carvalho da Silva é doutor em filosofia pela UERJ, professor do curso de filosofia da UFMS. É coordenador do Grupo de Pesquisa Physiké.

Qual é o valor da filosofia da ciência para a sociedade sul-mato-grossense?

Vinícius Carvalho da Silva

Manoel de Barros escreveu que “é preciso transver o mundo” e perguntou: “Pode o homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?”. Transver o mundo é vê-lo a partir de outras perspectivas, até então ocultas ou mesmo marginalizadas, ver suas reentrâncias e entranhas, suas frestas e fendas, seus avessos, seus interiores, desvelando, trazendo à luz tudo o que permanece encoberto pela desconcertante obviedade com que a visão comum olha para a realidade, sem de fato enxergá-la. O que a filosofia faz, gosto de pensar, é isso. A partir de nossa incompletude, ver e rever o mundo e a nós mesmos, revelando sempre novas possibilidades de compreensão e de ação.

Mato Grosso do Sul possui extraordinária riqueza ecológica, ética, pluralidade de cosmovisões de diversas etnias e

povos. Sua capital congrega brasileiros oriundos de todas as regiões do país, imigrantes japoneses, sírios, libaneses, árabes, forte presença paraguaia e boliviana, além de cidadãos de outros povos. A tendência para o intercâmbio cultural favorece a reflexão filosófica, ela própria filha do cosmopolitismo da antiga Jônia, onde viajantes de diversas partes do mundo travavam contato e comércio. Nesse cenário cosmopolita, em meio a um dos biomas mais ricos, plurais e encantadores do mundo – o Pantanal –, o Mato Grosso do Sul pode exportar bem mais do que commodities agrícolas. Podemos ser uma estufa, um celeiro de ideias, conhecimentos, cosmovisões, diversidade cultural e conhecimento científico.

Onde prospera a filosofia, viceja o pensamento investigativo e crítico, a cultura de pesquisa, a valorização da ciência e o duplo antídoto tão necessário em nossos tempos: uma postura cética e crítica tanto em relação ao negacionismo quanto em relação ao cientificismo. A filosofia em geral, e a filosofia da ciência em particular, são vitais para o Estado de Mato Grosso do Sul, para que aqui criemos uma cultura científica plural, capaz de enriquecer nossa visão de mundo e de nos oferecer um novo olhar para a realidade. Àqueles que consideram isso muito abstrato e clamam por resultados concretos é importante enfatizar que sem a criação de uma forte cultura de pensamento crítico e investigativo não dinamizamos e diversificamos o mundo do trabalho, as relações sociais, a produção de ideias e inovações teóricas e práticas, e, portanto, não oferecemos o devido combustível aos motores da infraestrutura econômica de nossa sociedade.

Eis o valor da filosofia da ciência para o Mato Grosso do Sul. Contribuir para que sua sociedade sul-mato-grossense, cada vez mais crítica e plural, realize todo o seu incrível potencial. Basta lembrar que nossa riqueza biológica, nossa exuberância natural e diversidade cultural vêm acompanhadas de uma missão e de uma possibilidade. Somos os herdeiros, os divulgadores, os filósofos da natureza e os aprendizes de uma vasta área do Pantanal, patrimônio material e imaterial da humanidade. Aqui está nosso dever e vocação. Aqui pulsa o nosso cosmos. De que maneira vamos preservá-lo e anunciá-lo ao mundo? Essa questão, por si mesma, bem como suas possíveis respostas, já constituem exercícios de reflexão filosófica.

Victor Garcia Miranda

‘Menos sabedoria e inteligência. O que importa é a tecnologia’

Essas duas frases do título podem repentinamente surgir em conversas do dia a dia, entre pessoas comuns. Pior do que isso, algo similar a elas já esteve na boca de antigas lideranças locais, ao afirmarem “não ser mais necessário professor hoje em dia, pois basta fazer busca no Google”.

Demonstrações de inépcia e anti-intelectualismo tais como vistas naquelas frases são componentes do germe do cientismo científico contemporâneo e da falsa oposição “tecnologia” e “culto

sociologia dos anos 1910 e 1920 não sabe absolutamente nada sobre como se dá a geração dessa tecnologia. A tentativa de Charles Peirce (1839-1914) de identificar “keywords” para resumir e representar a consciência-ação de indivíduos foi um momento intransponível da história do desenvolvimento de algoritmos de reconhecimento de texto. De buscadores Google ao ChatGPT.

Da mesma maneira, o desenvolvimento de tecnologias de compartilhamento de dados em mídias sociais e plataformas seria impossível (repetindo: impossível) sem que houvessem os problemas de pesquisa e (também) as aplicações desenvolvidas por clássicos filosóficos e sociológicos que antecederam em muito a tecnologia.

sabedoria e intelectualidade! O que importa é a tecnologia’

sociologia dos anos 1910 e 1920 não sabe absolutamente nada sobre como se dá a geração dessa tecnologia. A tentativa de Charles Peirce (1839-1914) de identificar “keywords” para resumir e representar a consciência-ação de indivíduos foi um momento intransponível da história do desenvolvimento de algoritmos de reconhecimento de texto. De buscadores Google ao ChatGPT.

Da mesma maneira, o desenvolvimento de tecnologias de compartilhamento de dados em mídias sociais e plataformas seria impossível (repetindo: impossível) sem que houvessem os problemas de pesquisa e (também) as aplicações desenvolvidas por clássicos filosóficos e sociológicos que antecederam em muito a tecnologia. Os pais das teorias sociais, Georg Simmel (1858-1918) e Ferdinand Tönnies (1855-1936), foram fundamentais para entender como contatos entre pessoas em conversações ou como essas padões podem ser repassados mais e mais

de se dizer a respeito do “culto às mídias sociais” em si: o desen-

volvimento mais avançado e criativo (que culminou em um salto em sua co-área na ciência da computação, a “teoria dos grafos”) foi realizado por um sociólogo que combinou matemática e entendimento sensível de estruturas sociais, Mark Granovetter (1913-).

Além do produto tecnológico não poder ser criado, outro ponto de destaque diz respeito ao seu uso e operacionalização. Por exemplo: produtos de Inteligência Artificial autônoma de última geração, “modelados por técnicas de “reinforcement learning” não passam de amontoados de equações probabilísticas que, ao fim e ao cabo, só ganham efetividade quando operadas (ao menos minimamente) por sujeitos portadores de consciência intuitiva por trás. Sem os professores e seus estoques de conhecimento acumulados na universidade, de nada adianta um buscador de internet nas mãos de quem não possui perguntas relevantes.

As empresas de tecnologia são os entes privados mais valiosos e poderosos não só do mundo contemporâneo, mas de toda a história. E não haveria nenhuma de suas tecnologias sem que houvesse a geração ou desenvolvimento de áreas de ciências básicas, humanidades e filosofias antecendo a elas, ou mãos e consciências de seres humanos que as

volvimento mais avançado culminou em um salto em na ciência da computação (“teoria dos grafos”) foi realizado por um sociólogo que combinou matemática e entendimento sensível de estruturas sociais, Mark Granovetter (1913-).

Além do produto tecnológico não poder ser criado, outro ponto de destaque diz respeito ao seu uso e operacionalização. Por exemplo: produtos de Inteligência Artificial autônoma de última geração, “modelados por técnicas de “reinforcement learning” não passam de amontoados de equações probabilísticas que, ao fim e ao cabo, só ganham efetividade quando operadas (ao menos minimamente) por sujeitos portadores de consciência intuitiva por trás. Sem os professores e seus estoques de conhecimento acumulados na universidade, de nada adianta um buscador de internet nas mãos de quem não possui perguntas relevantes.



É professor da FACH/UFMS. Doutor em história (UFCD). Tem pós-doutorado em Ciência Política (UFPR). Foi pesquisador visitante na UFPA.

“Menos sabedoria e intelectualidade! O que importa é a tecnologia”

Victor Garcia Miranda

Essas duas frases do título podem repentinamente surgir em conversas do dia a dia, entre pessoas comuns. Pior do que isso, algo similar a elas já esteve na boca de antigas lideranças locais, ao afirmarem “não ser mais necessário professor hoje em dia, pois basta fazer busca no Google”. Demonstrações de inépcia e anti-intelectualismo tais como vistas naquelas duas frases são componentes do germe do negacionismo científico contemporâneo. Ancoram-se na falsa oposição “conhecimento vs. tecnologia” e no culto à tecnologia por si.

Ambas as opiniões são derivadas da incapacidade de entender que não existe tecnologia sem o ciclo complemen-

tar das ciências básicas (a prática intelectual mais abstrata e distante da aplicação, ou a produção teórica mais presa à comunidade acadêmica) às ciências aplicadas (a última etapa da produção do conhecimento acadêmico, o lócus gerador das novas tecnologias).

Sem um desses dois elos, não há produção de tecnologias. E sem os elos entre as filosofias, as ciências humanas e os demais campos científicos, “idem”. Quem acha que tecnologia de buscadores de *internet* existiriam sem as perguntas de pesquisa levantadas por pesquisadores das áreas de linguística, psicologia e a sociologia dos anos 1910 e 1920 não sabe absolutamente nada sobre como se dá a geração dessa tecnologia. A tentativa de Charles Peirce (1839-1914) de identificar “*keywords*” para resumir e representar a consciência-ação de indivíduos foi um momento intransponível da história do desenvolvimento de algoritmos de reconhecimento de texto. De buscadores Google ao ChatGPT.

Da mesma maneira, o desenvolvimento de tecnologias de compartilhamento de dados em mídias sociais e plataformas seria impossível (repetindo: impossível) sem que houvesse os problemas de pesquisa e (também) as aplicações produzidas por clássicos filosóficos e sociológicos que antecederam em muito a Mark Zuckerberg ou a Elon Musk. Os pais das primeiras teorizações sistemáticas sobre as relações sociais, Georg Simmel (1858-1918) e Ferdinand Tönnies (1855- 1936), e do interacionismo simbólico, Georg H. Mead (1863-1931) e Herbert Blumer (1900-1987), foram fundamentais para se entender como contatos entre famílias, pessoas

em conversações ou conexões entre empresas formam padrões descritivos (e que esses padrões podem ser usados para repassar mais e mais informação).

O mesmo pode se dizer a respeito do conceito de “redes sociais” em si: o desenvolvimento mais avançado e criativo (que culminou em um salto em sua co-área na ciência da computação, a “teoria dos grafos”) foi realizado por um sociólogo que combinou matemática e entendimento sensível de estruturas sociais, Mark Granovetter (1943-).

Além do produto tecnológico não poder ser criado, outro ponto de destaque diz respeito ao seu uso e operacionalização. Por exemplo: produtos de Inteligência Artificial autônoma de última geração, modelados por técnicas “*reinforcement learning*” não passam de amontoados de equações probabilísticas que, ao fim e ao cabo, só ganham efetividade quando operadas (ao menos minimamente) por sujeitos portadores de consciência intuitiva por trás. Sem os professores e seus estoques de conhecimento acumulados na universidade, de nada adianta um buscador de internet nas mãos de quem não possui perguntas relevantes.

As empresas de tecnologia são os entes privados mais valiosos e poderosos não só do mundo contemporâneo, mas de toda a história. E não haveria nenhuma de suas tecnologias sem que houvesse a geração ou desenvolvimento de áreas de ciências básicas, humanidades e filosofias antecedendo a elas, ou mãos e consciências de seres humanos operando-as sensivelmente.

José Barreto dos Santos (Zeca)

Navegando pela história para compreender as ciências humanas e sociais na atualidade

Prezado leitor...

Atuando como professor de uma Universidade Pública, na área de formação de professores, trago para nossa reflexão o ensaio publicado por Francis Fukuyama, em 1989, intitulado, "O Fim da História". O autor afirmava que, com a derrota do fascismo após a Segunda Guerra Mundial, e com a queda do muro concomitantemente com a derrubada do muro de Berlim, se consolidava então, a ideia de que o capitalismo colocava-se como ideologia de força da derrocada do fascismo e da democracia liberal.

alidade cruel, desmerecendo a responsabilidade do Estado, com a diminuição dos gastos sociais, fundamentalmente com a educação e saúde.

Diante do exposto, assistimos esse processo em andamento no Brasil, de maneira capenga, mas muito perversa, porque o cenário cultural da nossa singularidade, sublima sua patente histórica, cuja base econômica do campo à ciências humanas e sociais, determina "ainda" as suas formas políticas, jurídicas e o conjunto das ideias da sociedade brasileira, que marcam o sedimentado atributo dado ao coronelismo na República Velha, mas que ainda se perpetua no autoritarismo coercitivo do "elitismo" e na obediência persuasiva da "excludência".

Machado de Assis, escrevia num panfleto em "in O Futuro", o resumo de um pensamento em princípios, de que deriva o seu pensamento na Economia Política, que domina o fato

entidade tão abstrata mais ao que agentes tão concretos) não todos, restando uma desagregação e violenta da vida social".

Concomitantemente, a educação nas Universidades Públicas adentram desumanização, como ensaio, publicado em no seu ensaio, publicado em na universidade: o caso das ciências sociais" - "Simultaneamente à forma mais profundo, ditada, agora, não pela acusação abstrata, mas pelas condições de acumulação flexível do da esquerda) ou 'desregulação econômica' (na linguagem da direita), e neoliberal".

À baila desse cenário, é fundamental compreender o movimento das leis que presidem a dinâmica da sociedade, a partir da sua ajuda

Navegando pela história para compreender as ciências humanas e sociais na atualidade

alidade cruel, desmerecendo a responsabilidade do Estado, com a diminuição dos gastos sociais, fundamentalmente com a educação e saúde.

Diante do exposto, assistimos esse processo em andamento no Brasil, de maneira capenga, mas muito perversa, porque o cenário cultural da nossa singularidade, sublima sua patente histórica, cuja base econômica do campo à ciências humanas e sociais, determina "ainda" as suas formas políticas, jurídicas e o conjunto das ideias da sociedade brasileira, que marcam o sedimentado atributo dado ao coronelismo na República Velha, mas que ainda se perpetua no autoritarismo coercitivo do "elitismo" e na obediência persuasiva da "excludência".

Machado de Assis, escrevia num panfleto em "in O Futuro", o resumo de um pensamento em princípios, de que deriva o seu pensamento na Economia Política, que domina o fato

entidade tão abstrata mais ao mesmo tempo com agentes tão concretos) não é disponível para todos, restando uma desagregação sistemática e violenta da vida social".

Concomitantemente, a educação nas Universidades Públicas adentram neste contexto de desumanização, como ensaio, publicado em 2001 - "O mal-estar na universidade: o caso das humanidades e das ciências sociais" - "Simultaneamente à forma mais profundo, ditada, agora, não pela acusação abstrata, mas pelas condições materiais da sociedade brasileira, isto é, sua entrada na chamada 'acumulação flexível do capital' (na linguagem da esquerda) ou 'desregulação econômica' (na linguagem da direita), e pela adoção da ideologia neoliberal".

À baila desse cenário, é fundamental compreender o movimento das leis que presidem a dinâmica da sociedade brasileira. As leis que presidem a dinâmica da sua organização social, a partir da sua base econômica, o agronegócio, nos ajudam a entender as contradições que envolvem interesses antagônicos, as lutas de classes sociais, onde as ideias refletem e dão sentido aos acontecimentos educacionais, sobre tudo o quanto é importante os fundamentos das ciências humanas e sociais para desocultarmos os focos da fragmentação e dispersão dos conhecimentos, focados pelos especialistas, que buscam resultados mensuráveis, para que possam resultar o melhor, o/a mais competente ou o/a mais habilidoso(a).



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Uems. E-mail: zecajs@uol.com.br

a sociedade que é e faz parte...
Pode-se...

Navegando pela história para compreender as ciências humanas e sociais na atualidade

José Barreto dos Santos (Zeca)

Prezado leitor...

Atuando como professor de uma Universidade Pública, na área de formação de professores, trago para nossa reflexão o ensaio publicado por Francis Fukuyama, em 1989, intitulado, “O Fim da História”. O autor afirmava que, com a derrota do fascismo após a Segunda Guerra Mundial, e com a queda do socialismo, concomitantemente com a derrubada do muro de Berlim, se consolidava então, a ideia de que o liberalismo se colocava como ideologia de força política, isto é, diante da derrocada do fascismo e comunismo, triunfava a democracia liberal, cuja base intelectual fundava-se na

economia de mercado, como horizonte possível da produção material humana, da sua organização social e econômica.

Nesse sentido, passadas algumas décadas, a evolução ideológica do liberalismo continuava seus ciclos de idas e vindas, de tal maneira que, seus fundamentos como, democracia com liberdade e equidade ganhavam novas formas e conteúdos políticos. O advento do neoliberalismo, do “novo” liberalismo, circulando pelos países hegemônicos, Inglaterra e Estados Unidos, traziam consigo a herança doutrinária do antigo liberalismo clássico, ao preconizar a intervenção mínima do Estado na economia, utilizando os efeitos privatistas dos gastos sociais, como os da área da educação e saúde.

Tal concepção, coloca os sujeitos trabalhadores, numa falsa importância social, precarizando seus trabalhos funcionais por meio de discursos persuasivos sobre o auto empreendedorismo. Sob a égide da competência e habilidade os mesmos teriam mais importância que o Estado, criando uma falaciosa valorização do ser humano, sob uma diretriz desumana, a favor de uma realidade cruel, desmerecendo a responsabilidade do Estado, com a diminuição dos gastos sociais, fundamentalmente com a educação e saúde.

Diante do exposto, assistimos esse processo em andamento no Brasil, de maneira capenga, mas muito perversa, porque o cenário cultural da nossa singularidade, sublima sua patente histórica, cuja base econômica do campo à cidade, casa grande e senzala, determina “ainda” as suas formas políticas, jurídicas e o conjunto das ideias da sociedade brasileira, que marcam o sedimentado atributo dado ao coronelis-

mo na República Velha, mas que ainda se perpetua no autoritarismo coercitivo do “elitismo” e na obediência persuasiva da “excludência”.

Machado de Assis, escrevia num panfleto em 1863, “*in* O Futuro”, o resumo de um pensamento – “Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato ‘impolítico e abominável’ da escravidão”.

Haja vista que, continuamos a perpetuar com o modelo produtivo ainda na “terra”, com o slogan de propaganda trazendo a ideia de que o modelo do agronegócio fornece, basicamente, todas as coisas boas e necessárias da vida, forjadas no “agro é *tech*, agro é *pop*, agro é tudo”, e que afloram em nós a crítica para entendermos as condições materiais necessárias à universalização das ciências humanas e sociais.

Conclui-se que, hoje, no mundo globalizado, assistimos a um negacionismo perverso e autoritário, advindo do modelo neoliberal dos países capitalistas mais desenvolvidos, porém venerado e consagrado pela elite conservadora dos países periféricos, dentre eles o Brasil, como pensa Roberto Schwarz – “Nos últimos anos, em que reforçam o diagnóstico sobre ‘o fim do século’, é cada vez mais evidente que o ‘mercado’ (essa entidade tão abstrata mais ao mesmo tempo com agentes tão concretos) não é disponível para todos, restando uma desagregação sistemática e violenta da vida social”.

Concomitantemente, a educação nas Universidades Públicas adentram neste contexto de desumanização, como escreve Marilena Chauí no seu ensaio, publicado em 2001 –

“O mal-estar na universidade: o caso das humanidades e das ciências sociais” – “Simultaneamente à forma acusatória, a inessencialidade surgindo de modo mais profundo, ditada, agora, não pela acusação abstrata, mas pelas condições materiais da sociedade brasileira, isto é, sua entrada na chamada ‘acumulação flexível do capital’ (na linguagem da esquerda) ou ‘desregulação econômica’ (na linguagem da direita), e pela adoção da ideologia neoliberal”.

À baila desse cenário, é fundamental compreender o movimento da sociedade brasileira. As leis que presidem a dinâmica da sua organização social, a partir da sua base econômica, o agronegócio, nos ajudam a entender as contradições que envolvem interesses antagônicos, as lutas de classes sociais, onde as ideias refletem e dão sentido aos acontecimentos educacionais, sobretudo o quanto é importante os fundamentos das ciências humanas e sociais para desocultarmos a fragmentação e dispersão dos conhecimentos, focados pelos especialistas, que buscam resultados mensuráveis, para que possam ranquear o/a melhor, o/a mais competente ou o/a mais habilidoso(a).

É nessa tentativa desastrosa que Francis Fukuyama, ao propor o novo, negando a história, que procuramos materializar a nossa compreensão do neoliberalismo e a educação superior pública, enquanto uma instituição social. Isso significa que ela exprime de modo determinado a sociedade que é e faz parte.

Pode-se concluir que, qualquer tentativa metodológica de “modernizar” e/ou “flexibilizar” o velho para ser substi-

tuído pelo novo, será minado historicamente pelas condições materiais que deu origem às humanidades brasileiras, que passam pelo negacionismo da literatura, da filosofia, da sociologia, da história, e o que fez nascer a Universidade Pública Brasileira, tal como a conhecemos.

Nilde Brun

Fapec, apoiadora da cultura

Quando a Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (Fapec) é criada, no ano de 1982, havia um caráter institucional mais restrito, mas com grande ênfase no desenvolvimento de ações culturais, honrando a própria definição de seu nome. Hoje, 41 anos após a sua criação, a Fapec tem expandido o ramo de atuação e entendido, cada vez mais, o importante papel da promoção cultural em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul e, por que não dizer, no Brasil e no mundo.

Enquanto diretora-presidente da Fundação desde 2020, e pelas experiências prévias no ramo da Cultura em minha carreira, entendo a Fapec como uma sociedade se desenvolver e caminhar junto. Com grande

Por sermos uma fundação de apoio à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e por gozarmos de uma relação de comprometimento e respeito junto a esta Instituição Federal, a Fapec assumiu a gestão desde setembro do ano passado de um dos teatros mais imponentes – o teatro e um dos poucos de Campo Grande – o teatro Glaucê Rocha, com a chancela da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Estar à frente dele proporciona novas parcerias dentro do segmento e nos aproxima dos organizadores de eventos culturais. Posição que muito nos honra e nos orgulha, mesmo sabendo do desafio que é gerir um equipamento tão importante para Mato Grosso do Sul.

Reforçando a importante ação da Fapec na área cultural, estamos também trabalhando fortemente junto com a reitoria no projeto da Livraria UFMS. Realizamos adequações e o espaço foi reinaugurado, com a gestão da Fapec. O Café Cultural, tarde de

sertativo-Argumentativo: Construções e Articulações”, uma publicação idealizada pela Fapec, escrita pelas professoras Eva de Mercedes e Monica Alvarez, voltada aos concurreseiros interessados em banca Fapec, que pode ser consultada no formato e-book, no site Repositório da UFMS.

Esse lançamento é tido como um sonho de grande parte da nossa equipe, que tinha a intenção de desmistificar o gênero textual cobrado pela banca da UFMS.

Lado a lado com a UFMS, apoiamos também o Festival Universitário da Canção (FUC), há pelo menos dois anos, além do Festival da Música Clássica. O Museu de Arqueologia da UFMS (MuArq), com suas exposições permanentes e ocasionais, também é gerenciado com o apoio da Fundação.

Assim como a Fundação tornou-se parceira da Campanha “Dia Mundial da Filosofia (Unesco) Estadual de Filosofia em MS”, quero colocar a Fapec à total disposição dos leitores interessados no segmento, e para que eu pudesse comentar brevemente sobre essa temática tão importante. Obrigada!

Adadora da cultura regional

Fundação de apoio à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e por gozarmos de uma relação de comprometimento e respeito junto a esta Instituição Federal, a Fapec assumiu a gestão desde setembro do ano passado de um dos teatros mais imponentes – o teatro Glaucê Rocha, com a chancela da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Estar à frente dele proporciona novas parcerias dentro do segmento e nos aproxima dos organizadores de eventos culturais. Posição que muito nos honra e nos orgulha, mesmo sabendo do desafio que é gerir um equipamento tão importante para Mato Grosso do Sul.

Reforçando a importante ação da Fapec na área cultural, estamos também trabalhando fortemente junto com a reitoria no projeto da Livraria UFMS. Realizamos adequações e o espaço foi reinaugurado, com a gestão da Fapec. O Café Cultural, tarde de

Esse lançamento é tido como um sonho de grande parte da nossa equipe, que tinha a intenção de desmistificar o gênero textual cobrado pela banca da UFMS. Lado a lado com a UFMS, apoiamos também o Festival Universitário da Canção (FUC), há pelo menos dois anos, além do Festival da Música Clássica. O Museu de Arqueologia da UFMS (MuArq), com suas exposições permanentes e ocasionais, também é gerenciado com o apoio da Fundação.

Assim como a Fundação tornou-se parceira da Campanha “Dia Mundial da Filosofia (Unesco) Estadual de Filosofia em MS”, quero colocar a Fapec à total disposição dos leitores interessados no segmento, e para que eu pudesse comentar brevemente sobre essa temática tão importante. Obrigada!



É diretora-presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (Fapec). É graduada em ciências econômicas pela Fucmat e especialista na área de administração em turismo e hotelaria pela UCDB. E-mail: nilde@fapec.ms.gov.br

Fapec, apoiadora da cultura regional

Nilde Brun

Quando a Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (Fapec) é criada, no ano de 1982, havia um caráter institucional mais restrito, mas com grande ênfase no desenvolvimento de ações culturais, honrando a própria definição de seu nome. Hoje, 41 anos após a sua criação, a Fapec tem expandido o ramo de atuação e entendido, cada vez mais, o importante papel da promoção cultural em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul e, por que não dizer, no Brasil e no mundo.

Enquanto diretora-presidente da Fundação desde 2020, e pelas experiências prévias no ramo da Cultura em minha carreira, entendo que não há como uma sociedade se desenvolver sem que a Cultura caminhe junto. Com grande honra, inclusive, me recordo da homenagem recebida em junho deste ano pela Academia Brasileira de Letras, que reconheceu a mim o certificado Amigo da Paz.

Entendo que Cultura está diretamente ligada à história de seu povo. Como dizia Joaquim Pedro “Um povo sem cultura é um povo sem história”, mas também um povo sem possibilidade de inovar e progredir. Sabendo disso, ao assumir a diretoria da fundação estendemos os braços para os projetos voltados para a área em questão.

Por sermos uma fundação de apoio à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e por gozarmos de uma relação de comprometimento e respeito junto a esta Instituição Federal, a Fapec assumiu a gestão desde setembro do ano passado de um dos teatros mais imponentes – e um dos poucos de Campo Grande – o teatro Glaucê Rocha, com a chancela da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Estar à frente dele proporciona novas parcerias dentro do segmento e nos aproxima dos organizadores de eventos culturais. Posição que muito nos honra e nos orgulha, mesmo sabendo do desafio que é gerir um equipamento tão importante para Mato Grosso do Sul.

Reforçando a importante ação da Fapec na área cultural, estamos também trabalhando fortemente junto com a reitoria no projeto da Livraria UFMS. Realizamos adequações e o espaço foi reinaugurado, com a gestão da Fapec, em março do ano passado. Desde então várias ações, como o Café Cultural, tarde de autógrafos e lançamentos de livros, estão movimentando o local por meio de conversas com estudantes e autores de livros publicados pela Editora UFMS.

Ainda com relação ao campo da literatura, lançamos, recentemente, o livro “O Texto Dissertativo-Argumentativo:

Construções e Articulações”, uma publicação idealizada pela Fapec, escrita pelas professoras Eva de Mercedes e Monica Alvarez, voltada aos vestibulandos e concurseiros interessados em prestar provas da banca Fapec, que pode ser conferida na íntegra, no formato e-book, no site Repositório da UFMS.

Esse lançamento é tido como a realização de um sonho de grande parte da nossa equipe, que tinha a intenção de desmistificar o gênero textual cobrado pela banca de nossa Fundação.

Lado a lado com a UFMS, apoiamos também o Festival Universitário da Canção (FUC), há pelo menos dois anos, além do Festival Mais Cultura e o Festival da Música Clássica. O Museu de Arqueologia da UFMS (MuArq), com suas exposições permanentes e ocasionais, também é gerenciado com o apoio da Fundação.

Assim como a fundação tornou-se parceira da Campanha “Dia Mundial da Filosofia (Unesco) em MS, participando como apoiadora do “Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas de MS”, quero colocar a Fapec à total disposição dos leitores interessados em desenvolver ainda mais o segmento e agradeço imensamente o convite realizado pelo professor Weiny César para que eu pudesse comentar brevemente sobre essa temática tão importante. Obrigada!

Carlos Eduardo da Costa

A importância da popularização dos acervos museológicos: reflexões a partir do projeto 'Um Dia no Museu'

A cultura é um elemento vital para a construção da cidadania. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 garante o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional. Inspirados por esse compromisso constitucional, o projeto "Um Dia no Museu" emerge como uma iniciativa inovadora e essencial para a promoção e difusão de acervos culturais básicos do MS. Fundamentado na Lei de Cooperação Cultural, o projeto busca uma

multifacetada que desempenham um papel crucial na sociedade. Eles funcionam como catalisadores da diversidade e da sustentabilidade, promovendo a interação ética e profissional com comunidades. Segundo o Icom (Conselho Internacional de Museus), um museu é uma instituição a serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial, fomentando a diversidade e a sustentabilidade.

Ao abraçar essa visão abrangente, o projeto "Um Dia no Museu" buscou romper com a dicotomia entre sociedade e museus. A ação reconhece que o museu não é apenas um guardião da história, mas também um agente de mudança social, capaz de promover a inclusão e a sustentabilidade.

do Brasil. A colaboração com anos, especialmente por meio de extensão e pesquisa, reflete o compromisso científico e a educação em todas as regiões.

O projeto "Um Dia no Museu" cumpriu sua função social, ciência, mas também se alinha ao ENCTI 2016-2022, priorizando a pesquisa científica em humanidades, bem como atuou na formação e retenção de recursos humanos. A luz para a valorização do patrimônio cultural e histórico, promovendo o diálogo entre passado e presente para construir um futuro mais sustentável e inclusivo.

Importância da popularização científica dos acervos museológicos: reflexões a partir do projeto 'Um Dia no Museu'

multifacetadas que desempenham um papel crucial na sociedade. Eles funcionam como catalisadores da diversidade e da sustentabilidade, promovendo a interação ética e profissional com comunidades. Segundo o Icom (Conselho Internacional de Museus), um museu é uma instituição a serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial, fomentando a diversidade e a sustentabilidade.

Abraçar essa visão abrangente, o projeto "Um Dia no Museu" buscou romper com a dicotomia entre sociedade e museus. A ação reconhece que o museu não é apenas um guardião da história, mas também um agente de mudança social, capaz de promover a inclusão e a sustentabilidade. A luz para a valorização do patrimônio cultural e histórico, promovendo o diálogo entre passado e presente para construir um futuro mais sustentável e inclusivo.

do Brasil. A colaboração com a UFMS nos últimos anos, especialmente por meio de projetos de extensão e pesquisa, reflete o compromisso com a difusão científica e a educação patrimonial em todas as regiões.

O projeto "Um Dia no Museu" não apenas cumpriu sua função social de popularização da ciência, mas também se alinhou com as diretrizes do ENCTI 2016-2022, priorizando a pesquisa científica em humanidades, bem como atuou na formação e retenção de recursos humanos. A luz para a valorização do patrimônio cultural e histórico, promovendo o diálogo entre passado e presente para construir um futuro mais sustentável e inclusivo.

O sucesso desse projeto ressalta a importância de investimentos contínuos em ciências humanas para que haja a divulgação científica fora das grandes capitais brasileiras. Somente por meio de esforços coletivos e projetos inovadores em "humanidades", que poderemos assegurar que a riqueza cultural do Brasil seja apreciada e preservada por todos, independentemente de sua localização geográfica ou contexto socioeconômico. Afinal, a cultura é o alicerce sobre o qual construímos nossa identidade e visão de futuro como nação.



Carlos Eduardo da Costa Campos é doutor em letras clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista CNPQ, pesquisador e escritor.

A importância da popularização científica dos acervos museológicos

Carlos Eduardo da Costa

A cultura é um elemento vital para a construção da cidadania. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 garante o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional. Inspirados por esse compromisso constitucional, o projeto “Um Dia no Museu” emerge como uma iniciativa inovadora e essencial para a promoção e difusão de acervos museológicos na educação básica do MS. Fundamentado nos preceitos do Acordo de Cooperação nº 71/2022-UFMS, o projeto estabeleceu uma parceria frutífera entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o Museu Histórico Nacional. A meta principal foi enraizar a valorização do patrimônio nacional no coração do Centro-Oeste do Brasil, garantindo o acesso e a participação ativa da comunidade.

Ao trabalhar em conjunto com educadores da rede básica de ensino de Mato Grosso do Sul, o projeto assegurou não apenas o acesso dos alunos ao Museu Histórico Nacional em seu centenário, mas também incutiu a importância do patrimônio numismático e das ciências humanas por meio de exposições itinerantes, material educativo e oficinas de educação patrimonial. Isso foi realizado de maneira exemplar durante a 19ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2022.

Vale ressaltar que os museus são mais do que meros locais de visitação; são instituições multifacetadas que desempenham um papel crucial na sociedade. Eles funcionam como catalisadores da diversidade e da sustentabilidade, promovendo a interação ética e profissional com as comunidades. Segundo o Icom (Conselho Internacional de Museus), um museu é uma instituição a serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial, fomentando a diversidade e a sustentabilidade.

Ao abraçar essa visão abrangente, o projeto “Um Dia no Museu” buscou romper com a desconexão entre sociedade e museus. A ação reconhece os museus não apenas como guardiões da história, mas como agentes de mudança social, contribuindo para a geração de renda, a bioeconomia, a inovação social e o empreendedorismo. Contudo, para que essa transformação ocorra efetivamente, é crucial garantir o acesso e a popularização dos museus em todas as camadas sociais. Logo, popularizar a ciência é levar esse conhecimento para as escolas. Isso requer a promoção da reflexão sobre as demandas so-

ciais, a ampliação de perspectivas e a construção de um futuro baseado no respeito às identidades e diversidades.

O Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, com seus 100 anos de existência, desempenha um papel crucial na preservação da memória coletiva do Brasil. A colaboração com a UFMS nos últimos anos, especialmente por meio de projetos de extensão e pesquisa, reflete o compromisso com a difusão científica e a educação patrimonial em todas as regiões.

O projeto “Um Dia no Museu” não apenas cumpriu sua função social de popularização da ciência, mas também se alinhou com as diretrizes do ENCTI 2016-2022, priorizando a pesquisa científica em humanidades, bem como atuou na formação e retenção de recursos humanos. A sua abrangência, que alcançou diversas cidades de Mato Grosso do Sul, serviu como um farol de luz para a valorização do patrimônio cultural e histórico, promovendo um diálogo entre passado e presente para construir um futuro mais consciente e inclusivo.

O sucesso desse projeto ressalta a importância de investimentos contínuos em ciências humanas para que haja a divulgação científica fora das grandes capitais brasileiras. Somente por meio de esforços coletivos e projetos inovadores em “humanidades”, que poderemos assegurar que a riqueza cultural do Brasil seja apreciada e preservada por todos, independentemente de sua localização geográfica ou contexto socioeconômico. Afinal, a cultura é o alicerce sobre o qual construímos nossa identidade e visão de futuro como nação.

Ricardo Senna

A política estadual de ciência, tecnologia e inovação

Mato Grosso do Sul tem apresentado nos anos recentes, taxas de crescimento impressionantes. O crescimento anual para o período 2014-2022 é muito próxima de 9% e a variação do PIB, no mesmo período, é de quase 100%. Somam-se a isso a atração de quase R\$ 70 bilhões em novos investimentos em áreas como bioenergia, celulose, proteína animal e energias renováveis. Isso não significa dizer que estamos imunes às dores do crescimento. Ao contrário. Crescer impõe desafios. E novos, velhos e repaginados desafios. A organização sutil na estrutura organizacional é onde virão os desafios para promover

O que se pretende é formular e executar as políticas públicas nas mais diversas áreas com o suporte do conhecimento científico, da disseminação de tecnologias e do estímulo aos processos inovadores. O tripé da CT&I deve ser a base pela qual se assentará o desenvolvimento estadual nos próximos anos.

Esse processo já vem acontecendo quando, por meio da Fundect, a fundação estadual de apoio à pesquisa, o Governo do Estado lançou editais inéditos no país para promover o entendimento sobre a descarbonização da matriz produtiva, ou então, o de estímulo a projetos para se alcançar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Mas o mais emblemático, com um firme olhar no futuro e com uma visão abrangente, olhando desde o exercício da cidadania até a ciência, é o Programa de Iniciação Científica do Estado de Mato Grosso do Sul (Pictec).

ações do Governo pautadas no tripé da CT&I. Neste sentido, é fundamental a articulação institucional com as universidades Federal e com as instituições de pesquisa que se possa alinhar propostas e buscado dialogar com a comunidade científica apresentando suas prioridades e pesquisadores a contribuir com o conhecimento aplicado à solução de problemas concretos que rondam o nosso cotidiano nas mais diversas áreas: saúde, educação, emprego, qualificação profissional, conectividade, infraestrutura, agroindustrial, sustentabilidade e outras. Seguramente também a filosofia e as ciências humanas podem contribuir para isso.

O que se espera desse diálogo é a produção de novos produtos, serviços e processos produtivos com a marca da sustentabilidade social, da elevação da renda e da espera o surgimento de startups que tornem nossa

a política estadual de ciência, tecnologia e inovação

O que se pretende é formular e executar as políticas públicas nas mais diversas áreas com o suporte do conhecimento científico, da disseminação de tecnologias e do estímulo aos processos inovadores. O tripé da CT&I deve ser a base pela qual se assentará o desenvolvimento estadual nos próximos anos.

Esse processo já vem acontecendo quando, por meio da Fundect, a fundação estadual de apoio à pesquisa, o Governo do Estado lançou editais inéditos no país para promover o entendimento sobre a descarbonização da matriz produtiva, ou então, o de estímulo a projetos para se alcançar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Mas o mais emblemático, com um firme olhar no futuro e com uma visão abrangente, olhando desde o exercício da cidadania até a ciência, é o Programa de Iniciação Científica do Estado de Mato Grosso do Sul (Pictec).

Os resultados finalísticos que os processos de desenvolvimento estadual nos próximos anos.

ações do Governo pautadas no tripé da CT&I. Neste sentido, é fundamental a articulação institucional com as universidades Federal e com as instituições de pesquisa que se possa alinhar propostas e buscado dialogar com a comunidade científica apresentando suas prioridades e pesquisadores a contribuir com a produção de conhecimento aplicado à solução de problemas concretos que rondam o nosso cotidiano nas mais diversas áreas: saúde, educação, emprego, qualificação profissional, conectividade, infraestrutura, agroindustrial, sustentabilidade e outras. Seguramente também a filosofia e as ciências humanas podem contribuir para isso.

O que se espera desse diálogo é a produção de novos produtos, serviços e processos produtivos com a marca da sustentabilidade social, da elevação da renda, da produtividade elevada e da espera o surgimento de empresas de base tecnológica e de startups que tornem nossa economia mais dinâmica, moderna e competitiva internacionalmente.

Igualmente importante, é a aproximação com as comunidades, sejam elas urbanas ou rurais, no sentido de construir uma ciência cidadã, ou seja, uma nova forma de se produzir conhecimento tendo o cidadão um papel de protagonista nos processos de desenvolvimento científico. Estimular processos de inovação e empreendedorismo social pode ser uma estratégia para promover



Economista com MBA em agronegócio pela FGV, mestre em economia pela PUC-SP doutor em educação pela UFMS. Atualmente, é secretário-executivo do Ciência, Tecnologia e Inovação da Semadec, do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. E-mail: rsenna@semagro.ms.gov.br

do Sul, nos assentamentos rurais, nas aldeias indígenas, nas comunidades quilombolas, nas comunidades ribeirinhas ou nas periferias das cidades. A CT&I podem contribuir sobremaneira para a consolidar processos de inclusão, sejam eles, social, digital ou produtivo.

Dessa forma, o Governo do Estado entende que a contribuição da ciência e da comunidade científica cumprirão um papel essencial na superação de nossos problemas de crescimento e mais, promoverão a aceleração do desenvolvimento econômico e social.

A política estadual de ciência, tecnologia e inovação

Ricardo Senna

Mato Grosso do Sul tem apresentado taxas de crescimento impressionantes, nos anos recentes. A taxa média de crescimento anual para o período 2014-2022 é muito próxima de 9% e a variação do PIB, no mesmo período, é de quase 100%. Somam-se a isso a atração de quase R\$ 70 bilhões em novos investimentos em áreas como bioenergia, celulose, proteína animal e energias renováveis. Isso não significa dizer que estamos imunes às dores do crescimento. Ao contrário. Crescer impõe enfrentar novos, velhos e repaginados desafios.

Mas uma modificação sutil na estrutura organizacional da Semadesc aponta de onde virão os inputs para fazer crescer a economia e promover o desenvolvimento em todas as suas dimensões, ou seja, econômica, social e ambiental. A pasta que cuida do desenvolvimento ganhou um novo nome e adjetivação. A antiga Secretaria de Meio Ambiente,

Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (Semagro), passa a ser a Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação (Semadesc). Essa mudança organizacional será importante para mobilizar os recursos e os instrumentos necessários para que a transformação desejada ocorra.

O desenvolvimento, portanto, passa a ter uma conotação mais ampla e, especialmente, passa a ser ombreado, por um lado, pelo meio ambiente e, por outro lado, pela ciência, tecnologia e inovação (CT&I). A adjetivação essencial que marca os novos rumos do desenvolvimento sul-mato-grossense é a inovabilidade.

O que se pretende é formular e executar as políticas públicas nas mais diversas áreas com o suporte do conhecimento científico, da disseminação de tecnologias e do estímulo aos processos inovadores. O tripé da CT&I deve ser a base pela qual se assentará o desenvolvimento estadual nos próximos anos.

Esse processo já vem acontecendo quando, por meio da Fundect, a fundação estadual de apoio à pesquisa, o Governo do Estado lançou editais inéditos no país para promover o entendimento sobre a descarbonização da matriz produtiva, ou então, o de estímulo a projetos para se alcançar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Mas o mais emblemático, com um firme olhar no futuro e com uma visão holística, olhando desde o exercício da cidadania até novos patamares de desenvolvimento, foi o lançamento do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica de

Mato Grosso do Sul (Pictec), destinado a apoiar projetos de pesquisa de alunos e professores do ensino médio, buscando sensibilizar os jovens para o gosto da pesquisa científica e dos processos de inovação, e também, os estimular a seguirem seus estudos nos anos seguintes na esperança de colocar luz sobre caminhos alternativos para suas carreiras profissionais. As evidências são fartas no sentido de mostrar que, quanto maior a quantidade de anos de estudos, maior é a renda do indivíduo, bem como, amplia-se o leque de oportunidades sociais e profissionais.

São diversos os resultados finalísticos que se espera com a formulação e execução das ações do Governo pautadas no tripé da CT&I. Neste sentido, é fundamental a articulação institucional com as universidades, com o Instituto Federal e com as instituições de pesquisa para que se possa alinhar propósitos. O governo tem buscado dialogar com a comunidade científica apresentando suas prioridades e conclamando os pesquisadores a contribuírem com a produção de conhecimento aplicado à solução de problemas concretos que rondam o nosso cotidiano nas mais diversas áreas: saúde, educação, emprego, qualificação profissional, mobilidade urbana, conectividade, infraestrutura, agroindustrialização, sustentabilidade e outras. Seguramente também a filosofia e as ciências humanas podem contribuir para isso.

O que se espera desse diálogo é a produção de novos produtos, serviços e processos produtivos com a marca da sustentabilidade, da responsabilidade social, da produtividade elevada e da elevação da renda. Desse diálogo, também se

espera o surgimento de empresas de base tecnológica e de startups que tornem nossa economia mais dinâmica, moderna e competitiva internacionalmente.

Igualmente importante, é a aproximação com as comunidades, sejam elas urbanas ou rurais, no sentido de construir uma ciência cidadã, ou seja, uma nova forma de se produzir conhecimento tendo o cidadão um papel de protagonista juntamente com a comunidade científica. Estimular processos de inovação e empreendedorismo social pode ser uma saída alternativa para as mais diversas comunidades do Mato Grosso do Sul, nos assentamentos rurais, nas aldeias indígenas, nas comunidades quilombolas, nas comunidades ribeirinhas ou nas periferias das cidades. A CT&I podem contribuir sobremaneira para a consolidar processos de inclusão, sejam eles, social, digital ou produtivo.

Dessa forma, o Governo do Estado entende que a contribuição da ciência e da comunidade científica cumprirão um papel essencial na superação de nossos problemas de crescimento e mais, promoverão a aceleração do nosso processo de desenvolvimento, tornando-o amplo, passando pela garantia dos direitos civis e humanos até sua transformação para um estado moderno, inovador e sustentável.

Vivina Dias Sól Queiróz

O porquê e para que uma faculdade de ciências humanas

A Fach – Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), é originária de um longo processo de debates e discussões iniciado em 2014, com o propósito de reestruturação do antigo Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), tendo por base a perspectiva de criação de novas faculdades em conformidade com a identidade das suas constituições.

Esse processo de reflexão e debate, que teve como proposta inicial de criação de uma Faculdade de História e Ciências Humanas, não se limitou ao conteúdo, não

nível de mestrado acadêmico em antropologia social (PPGAS) e Psicologia (PPSICO), e profissional em Filosofia (Proffilo).

A diversidade de desafios acadêmicos e sociais em uma sociedade com significativo fluxo migratório, alta taxa de urbanização, dinamização da economia, grande diversidade étnica e cultural, dos quais decorrem complexas redes de interações, embates sociais e culturais, demandam em grau crescente a formação de profissionais capacitados para o pensamento e a ação críticos, além de aptos a desenvolverem análises e intervenções qualificadas na sociedade. Eis o PORQUÊ da nossa Faculdade de Ciências Humanas/UFMS.

Vale ressaltar que a estrutura de uma faculdade, primeiramente, aglutinar, em um mesmo setor acadêmico-administrativo, cursos de graduação e de pós-graduação que

extensão de cada curso

Por meio de projetos acadêmicos associados e articulados sistematicamente alavancando os campos específicos do conhecimento e ofertando cursos com o foco na formação humana, a Faculdade de Ciências Humanas da UFMS aproximou os cursos de filosofia, história, ciências sociais e psicologia e reuniu as premissas necessárias para impulsionar o crescimento acadêmico e científico das “humanidades”, uma vez que o avanço da ciência, embora proponha o progresso, não é garantia de que o mesmo esteja voltado em prol da vida humana. Responde-se, assim, o PARA QUÊ dessa faculdade, HUMANO são permanentemente construídos, reconstruídos, aprendidos.

Nesse sentido, uma educação progressista e libertadora tem papel crucial na formação humana, e o fazer científico necessita ser realizado por pessoas que tenham uma concepção ampla e aprofundada da vida. Dessa forma, o Dia Mundial da Filosofia, instituído pela Unesco, não deixa de ser um marco para as ciências humanas, cujo foco é o ser humano em todas as suas dimensões

Porquê e para que uma faculdade de ciências humanas

nível de mestrado acadêmico em antropologia social (PPGAS) e Psicologia (PPSICO), e profissional em Filosofia (Proffilo).

A diversidade de desafios acadêmicos e sociais em uma sociedade com significativo fluxo migratório, alta taxa de urbanização, dinamização da economia, grande diversidade étnica e cultural, dos quais decorrem complexas redes de interações, embates sociais e culturais, demandam em grau crescente a formação de profissionais capacitados para o pensamento e a ação críticos, além de aptos a desenvolverem análises e intervenções qualificadas na sociedade. Eis o PORQUÊ da nossa Faculdade de Ciências Humanas/UFMS.

Vale ressaltar que a estrutura de uma faculdade visa, primeiramente, aglutinar, em um mesmo setor acadêmico-administrativo, cursos de graduação e de pós-graduação que possuem proximidade científica, epistemológica, didática e de interesse social, dispondo em disciplinas e áreas de investigação conjunta, além de docentes da graduação e pós-graduação, cujo compromisso convirja para o desenvolvimento de atividades associadas e integradas em benefício das distintas áreas de conhecimento, do ensino, da pesquisa e

extensão de cada curso em particular.

Por meio de projetos acadêmicos associados e articulados sistematicamente alavancando os campos específicos do conhecimento e ofertando cursos com o foco na formação humana, a Faculdade de Ciências Humanas da UFMS aproximou os cursos de filosofia, história, ciências sociais e psicologia e reuniu as premissas necessárias para impulsionar o crescimento acadêmico e científico das “humanidades”, uma vez que o avanço da ciência, embora proponha o progresso, não é garantia de que o mesmo esteja voltado em prol da vida humana. Responde-se, assim, o PARA QUÊ dessa faculdade, HUMANO são permanentemente construídos, reconstruídos, aprendidos.

Nesse sentido, uma educação progressista e libertadora tem papel crucial na formação humana, e o fazer científico necessita ser realizado por pessoas que tenham uma concepção ampla e aprofundada da vida. Dessa forma, o Dia Mundial da Filosofia, instituído pela Unesco, não deixa de ser um marco para as ciências humanas, cujo foco é o ser humano em todas as suas dimensões



É doutora em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Professora do curso de história e diretora da Faculdade de Ciências Humanas/UFMS, 2017-2021 e 2021-2025. E-mail: vivinasol@gmail.com

O porquê e para que uma faculdade de ciências humanas

Vivina Dias Sól Queiróz

A Fach – Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), é originária de um longo processo de debates e discussões iniciado em 2014, com o propósito de reestruturação do antigo Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), tendo por base a perspectiva de criação de novas faculdades em conformidade com a identidade suas constituições.

Desse processo de reflexão e debate, resultou-se a proposta inicial de criação da Faculdade de Filosofia, História e Ciências Sociais (Fafics). Esta proposta, contudo, não se concretizou, e o CCHS continuou com a mesma estrutura por mais 2 (dois) anos.

Com a eleição do atual reitor, Marcelo Turine, e da vice-reitora, Camila Ítavo, para o quadriênio 2017-2020, o

processo de reestruturação do Centro de Ciências Humanas e Sociais foi retomado, e o então CCHS deu lugar em 2016 a três novas Unidades: a Faculdade de Educação (Faed), a Faculdade de Artes Letras e Comunicação (Faalc) e a Faculdade de Ciências Humanas (Fach), que reuniu os cursos de graduação em ciências sociais, filosofia, história e psicologia e os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado acadêmico em antropologia social (PPGAS) e Psicologia (PPSICO), e profissional em Filosofia (Proffilo).

A diversidade de desafios acadêmicos e sociais em uma sociedade com significativo fluxo migratório, alta taxa de urbanização, dinamização da economia, grande diversidade étnica e cultural, dos quais decorrem complexas redes de interações, embates sociais e culturais, demandam em grau crescente a formação de profissionais capacitados para o pensamento e a ação críticos, além de aptos a desenvolverem análises e intervenções qualificadas na sociedade. Eis o PORQUÊ da nossa Faculdade de Ciências Humanas/UFMS.

Vale ressaltar que a estrutura de uma faculdade visa, primeiramente, aglutinar, em um mesmo setor acadêmico-administrativo, cursos de graduação e de pós-graduação que possuem proximidade científica, epistemológica, didática e de interesse social, dispondo de disciplinas e áreas de investigação comuns, além de docentes da graduação e pós-graduação, cujo compromisso convirja para o desenvolvimento de atividades associadas e integradas em benefício das distintas áreas de conhecimento, do ensino, da pesquisa e extensão de cada curso em particular.

Por meio de projetos acadêmicos associados e articulados sistematicamente alavancando os campos específicos do conhecimento e ofertando cursos com o foco na formação humana, a Faculdade de Ciências Humanas da UFMS aproximou os cursos de filosofia, história, ciências sociais e psicologia e reuniu as premissas necessárias para impulsionar o crescimento acadêmico e científico das “humanidades”, uma vez que o avanço da ciência, embora proponha o progresso, não é garantia de que o mesmo esteja voltado em prol da vida humana. Responde-se, assim, o PARA QUÊ dessa faculdade, posto que o sentido e o significado de SER HUMANO são permanentemente construídos, reconstruídos, constituídos, aprendidos e apreendidos.

Nesse sentido, uma educação progressista e libertadora tem papel crucial na formação humana, e o fazer científico necessita ser realizado por pessoas que tenham uma concepção ampla e aprofundada da vida. Dessa forma, o Dia Mundial da Filosofia, instituído pela Unesco, não deixa de ser um marco para as ciências humanas, cujo foco é o ser humano em todas as suas dimensões.

Andre Koutchin

'Ao redor do buraco, tud

Conta-se, a respeito de Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo do Ocidente, que de tanto olhar as estrelas caiu em um buraco e que, com isso, as pessoas ao seu redor o zombavam, dizendo que tentando conhecer as coisas não céu sequer acertava onde pisar.

Ainda na Antiguidade, Sócrates narrava
século depois de Tales, o diálogo A
a seus interlocutores – e isso no diálogo A
República – talvez, uma das mais belas e
comentadas páginas da história da filosofia
occidental: a célebre alegoria da caverna. Na
cena, prisioneiros acorrentados no fundo de
uma caverna somente podiam contemplar
o brilho de ecos dos objetos que ori-
gem tinham. Nesse sentido,

Nesse sentido,

um astro, o Sol, que determinava os dias e as estações dos anos, que governava todo o mundo visível e que, de certa maneira, era a causa de todas as coisas que contemplamos. Perceberia, então, que o Sol iluminava a todos os objetos que, anteriormente, ele próprio e seus companheiros contemplavam apenas em sombras no interior da caverna.

Mas, se porventura o prisioneiro voltasse à caverna e tivesse que concorrer com os cativos a respeito da identificação daquelas sombras, o que também aconteceria? Inicialmente, por estar agora acostumado com a luz, veria menos do que eles, na escuridão. Estes então o zombariam, o ridicularizariam e diriam que sair para o exterior de nada valeria, que fora da caverna nada os homens apreendiam e que, até pelo contrário, os homens retornariam enxergando ainda menos. Evidentemente, como Sócrates, tendo paciência e

primeiro lugar, é com
que estes se libertam d
gens; quando livres, ten
objetos em sua verda
desejam mais retornar
Abandonam seus anti
sua sabedoria, restrita
de nada vale. Porém
também com o supos
quando às vezes un
trevas, desacostuma
vê menos que os o
zombado e ridicula

É preciso paciência para expor o que se esconde no mundo de imagens. É preciso, também, uma vida solitária para não resolver o drama dos painéis ainda antes de retornar e reconstruir a caverna, estamos dentro de um labirinto e os que não). Para organizarmos o trabalho car-

...dor do buraco, tudo é beira'



É doutor em filosofia pela Unicamp. Atualmente, é professor associado na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Fach/UFMS), onde coordena o curso de licenciatura em filosofia. E-mail: andre.almeida@ufms.br

[illegible]

de Tales e de Sócrates nos
para expressar, simbólica-
rajetória dos filósofos: em

“Ao redor do buraco, tudo é beira”

Andre Koutchin

Conta-se, a respeito de Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo do Ocidente, que de tanto olhar as estrelas caiu em um buraco e que, com isso, as pessoas ao seu redor o zombavam, dizendo que tentando conhecer as coisas no céu sequer acertava onde pisar.

Ainda na Antiguidade, cerca de um século depois de Tales, Sócrates narrava a seus interlocutores – e isso no diálogo *A República* – talvez, uma das mais belas e comentadas páginas da história da filosofia ocidental: a célebre alegoria da caverna. Na cena, prisioneiros acorrentados no fundo de uma caverna somente podiam contemplar sombras e ouvir ecos dos objetos que originavam tais projeções, sem jamais tê-los podido ver efetivamente. Nesse sentido, acreditavam que essas imagens projetadas eram a única realidade existente. Como escravos acorrentados, viviam apenas as imagens da vida e não a vida em si.

No entanto, pergunta Sócrates, se libertássemos um desses prisioneiros, se arrebutássemos as suas correntes e o fizéssemos escalar a difícil vereda que o levaria para fora dessa morada subterrânea, o que aconteceria? Após um paciente processo, um longo e trabalhoso caminho, o prisioneiro liberto perceberia a grandeza de um astro, o Sol, que determinava os dias e as estações dos anos, que governava todo o mundo visível e que, de certa maneira, era a causa de todas as coisas que contemplamos. Perceberia, então, que o Sol iluminava a todos os objetos que, anteriormente, ele próprio e seus companheiros contemplavam apenas em sombras no interior da caverna.

Mas, se porventura o prisioneiro liberto voltasse à caverna e tivesse que concorrer com os cativos a respeito da identificação daquelas sombras, o que também aconteceria? Inicialmente, por estar agora acostumado com a luz, veria menos do que eles, na escuridão. Estes então o zombariam, o ridicularizariam e diriam que sair para o exterior de nada valeria, que fora da caverna nada os homens aprendiam e que, até pelo contrário, os homens retornariam enxergando ainda menos. Evidentemente, prossegue Sócrates, tendo paciência e determinação, aquele que já contemplara o Sol, ao se reacomodar com as trevas, logo se movimentaria melhor e de maneira mais hábil ali, no mundo subterrâneo, demonstrando finalmente tais vantagens aos demais prisioneiros.

Os exemplos de Tales e de Sócrates nos servem aqui para expressar, simbolicamente, a árdua trajetória dos filósofos: em primeiro lugar, é com muita dificuldade que estes se

libertam do mundo das imagens; quando livres, tendo contemplado os objetos em sua verdadeira natureza, não desejam mais retornar à ilusão das trevas. Abandonam seus antigos companheiros e sua sabedoria, restrita apenas a si próprios, de nada vale. Porém, se como ocorrera também com o suposto prisioneiro liberto, quando às vezes um filósofo retorna às trevas, desacostumado com a escuridão, vê menos que os outros prisioneiros e é zombado e ridicularizado por estes.

É preciso paciência e determinação para expor o que se esconde por trás de um mundo de imagens como o nosso. Mas, é preciso, também, reconhecer que um sábio, mas solitário prisioneiro que se liberta, não resolve o drama de tantos outros companheiros ainda aprisionados. É preciso retornar e reconhecer que lá, no fundo da caverna, estamos todos – filósofos ou não – dentro de um buraco (os que sabem disso e os que não). Precisamos olhar para cima, organizarmos a saída, e após um longo e trabalhoso caminho, contemplarmos uma vida menos desigual, lembrando aos poucos que estão ali fora e que se recusaram a descer que, afinal, como diria Ariano Suassuna, “ao redor do buraco, tudo é beira”.

Marcelo Fernandes Pereira

Planejamento, arte e humanidades: por que não?

Nosso Estado tem se destacado por seu enorme potencial produtivo, pelo sólido agronegócio e por sua economia vigorosa. A cultura deste lugar, com sua arte, costumes e valores também apresenta características muito especiais, pois é impactada por múltiplas divisas e fronteiras e por vividas cicatrizes de batalhas e histórias de resistência. Herdamos também desafios que demandam planejamento especial, se esperamos legar a sociedade que sonhamos: uma sociedade que, com a abundância de oportunidades, seja capaz de aproveitar as

artes para esse planejamento em prol do bem comum – se essas disciplinas atuam sobre o indivíduo e impactam a cultura regional e, tanto um, quanto a outra, por definição e princípio, não são passíveis de direção estatal? Proponho que tal atuação deva ocorrer por meio de políticas públicas que semeiem valores virtuosos e contribuam para a formação de indivíduos conscientes do contexto onde existem, das oportunidades que lhes são oferecidas e das implicações republicanas de suas atitudes e palavras. É nessa seara que as ciências humanas, a literatura e as artes podem atuar em nosso Estado, com resultados positivos.

encontrar esses produtos, sendo a internet um de dados e pouco exp em termos de arte l quero entrar em qu fica evidente nesse políticas públicas d cional e mercadológ as cadeias produtiv trabalhos virtuosos dade e o senso de p dãos e ainda forte literária. Claro qu seja alcançado, s lecimento de ob claras e monitor

Por fim, res: niência da ar humanas e a educação, para zes de co

Planejamento, arte e humanidades: por que não?

Artes para esse planejamento em prol do bem comum – se essas disciplinas atuam sobre o indivíduo e impactam a cultura regional e, tanto um, quanto a outra, por definição e princípio, não são passíveis de direção estatal? Proponho que tal atuação deva ocorrer por meio de políticas públicas que semeiem valores virtuosos e contribuam para a formação de indivíduos conscientes do contexto onde existem, das oportunidades que lhes são oferecidas e das implicações republicanas de suas atitudes e palavras. É nessa seara que as ciências humanas, a literatura e as artes podem atuar em nosso Estado, com resultados positivos.

Apenas como introdução, para se compreender a complexidade e vantagens de aplicação da proposta, citamos a evidência efervescência pictórica, literária e musical de nosso tempo em Mato Grosso do Sul. Alguns importantes escritores, músicos e pintores despontaram, nas produções ainda encontram dificuldades para alcançar seus públicos e se anunciavam espetáculos, livros e atos de arte ficaram mais escassos e a população interessada já não sabe onde

encontrar esses produtos. Há também uma dificuldade popular em valorar tais itens, sendo a internet um ambiente saturado de dados e pouco explicativo – sobretudo em termos de arte local e regional. Não quero entrar em questões teóricas, mas fica evidente nesse singelo exemplo, que políticas públicas de dupla mão – educacional e mercadológica – poderão ampliar cadeias produtivas do Estado, fomentar trabalhos virtuosos, enriquecer a identidade e o senso de pertencimento dos cidadãos e ainda fortalecer a classe artística/literária. Claro que para que esse sucesso seja alcançado, será necessário o estabelecimento de objetivos possíveis, metas claras e monitoramento dos resultados.

Por fim, ressaltar a força e a importância da articulação entre ciências humanas e as políticas de cidadania e educação, para a formação de indivíduos capazes de compreender e respeitar a si mesmos e aos próximos, entendendo a todos como seres dotados de paixões, personalidade, potencialidades e limites. Creemos ser essa, a melhor forma de rigir a transformação de nossa sociedade, tornando-a mais competitiva, sensível e ética e por conseguinte, mais aberta à ge-



É doutor em artes pela USP, professor associado e pró-reitor de Extensão, Cultura e Esporte da UFMS. E-mail: marcelo.pereira@ufms.br

nerosidade que habita em nossa humanidade. Claro que em tal missão, as famílias, as instituições religiosas e os veículos de comunicação têm enorme força; por isso, a discussão precisa ser pautada por transparência, bom convívio e respeito, tendo sempre em vista o bem comum e a felicidade dos indivíduos.

Planejamento, arte e humanidades: por que não?

Marcelo Fernandes Pereira

Nosso Estado tem se destacado por seu enorme potencial produtivo, pelo sólido agronegócio e por sua economia vigorosa. A cultura deste lugar, com sua arte, costumes e valores também apresenta características muito especiais, pois é impactada por múltiplas divisas e fronteiras e por vívidas cicatrizes de batalhas e histórias de resistência. Herdamos também desafios que demandam planejamento especial, se esperamos legar a nossos filhos a sociedade que sonhamos: mais justa e com abundância de oportunidades de trabalho – uma sociedade que, para além da subsistência, ofereça oportunidades para que indivíduos se tornem produtivos, sensíveis, felizes e fraternos.

Atualmente, podemos notar o resultado das políticas públicas em C&T (Ciência e Tecnologia) e notamos o esforço do Estado e de entidades do terceiro setor, no sentido de financiar pesquisas e ações que ofereçam soluções científicas

e tecnológicas para problemas reais. É nesse bojo de esforços que sentimos a baixa participação da área de humanidades em um planejamento orgânico e intencionalmente ativo para nosso futuro. Mas como poderiam atuar, de fato, as ciências humanas, a literatura e as artes para esse planejamento em prol do bem comum – se essas disciplinas atuam sobre o indivíduo e impactam a cultura regional e, tanto um, quanto a outra, por definição e princípio, não são passíveis de direção estatal? Proponho que tal atuação deva ocorrer por meio de políticas públicas que semeiem valores virtuosos e contribuam para a formação de indivíduos conscientes do contexto em que existem, das oportunidades que lhes são oferecidas e das implicações republicanas de suas atitudes e palavras. É nessa seara que as ciências humanas, a literatura e as artes podem atuar em nosso Estado, com resultados positivos.

Apenas como introdução, para se compreender a complexidade e vantagens de aplicação da proposta, citamos a evidente efervescência pictórica, literária e musical de nosso tempo em Mato Grosso do Sul. Alguns importantes escritores, músicos e pintores despontaram, mas suas produções ainda encontram dificuldades para alcançar seus públicos e gerar riquezas, pois os locais tradicionais onde se anunciavam espetáculos, livros e objetos de arte ficaram mais escassos e a população interessada já não sabe onde encontrar esses produtos. Há também uma dificuldade popular em valorar tais itens, sendo a internet um ambiente saturado de dados e pouco explicativo – sobretudo em termos de arte local e regional. Não quero entrar em questões teóricas, mas fica evidente nesse singelo exemplo, que políticas públicas de

dupla mão – educacional e mercadológica – poderão ampliar as cadeias produtivas do Estado, fomentar trabalhos virtuosos, enriquecer a identidade e o senso de pertencimento dos cidadãos e ainda fortalecer a classe artística/literária. Claro que para que esse sucesso seja alcançado, será necessário o estabelecimento de objetivos possíveis, metas claras e monitoramento dos resultados.

Por fim, ressalto a força e a conveniência da articulação entre ciências humanas e as políticas de cidadania e educação, para a formação de indivíduos capazes de compreender e respeitar a si mesmos e aos próximos, entendendo a todos como seres dotados de paixões, personalidade, potencialidades e limites. Cremos ser essa, a melhor forma de irrigar a transformação de nossa sociedade, tornando-a mais competitiva, sensível e ética e por conseguinte, mais aberta à generosidade que habita em nossa humanidade. Claro que em tal missão, as famílias, as instituições religiosas e os veículos de comunicação têm enorme força; por isso, a discussão precisa ser pautada por transparência, bom convívio e respeito, tendo sempre em vista o bem comum e a felicidade dos indivíduos.

Eduardo Romero

Cidadanias, comunicação

Recentemente, criou-se, em Mato Grosso do Sul, o "Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas", FeFich, com o intuito de pensar o MS por provocações e produções desses campos. Olhar para o potencial e produção da economia do pensamento. Não há como desenvolver, progredir, mudar matrizes econômicas e ser sustentável se o aspecto humano não for o centro de todas as decisões e caminhos.

Nesse sentido, provocando a ciência e a política trago para reflexão a necessidade de ampliarmos o entendimento da cidadania para além dos aspectos da Constituição Federal de 1988, a qual responsabiliza a

as culturais e comunicacionais (sistemas midiáticos, tecnologias e redes digitais), interlocutores desse processo construtivo do fazer cidadão.

A cidadania comunicativa é também científica porque rompe com os processos que categorizam a experiência como algo diminuto, ou que não produzem elementos teóricos; ao passo que retira dos sujeitos e de seu coletivo o papel de objeto de investigação exclusivamente, de apenas informantes ou pesquisados, e os colocam também como protagonistas dos processos de articulação e desenvolvimento científico, são sujeitos comunicantes. E na política deixam de ser apenas os beneficiários de ações e passam a ser em conjunto os formuladores das políticas públicas.

Em outras palavras, em uma sociedade em que os sujeitos lutam para se tornarem protagonistas mediante ações, reivindicações, a cidadania comunicativa é insistente e

dade no modelo do capitalismo

Se antes era a cidadania pública em que os cidadãos-estados se reuniam para serem vistos, para serem vistos de comunicação, o principal, as novas arenas são essa nova arena pública, a agora a mentalidade algorítmica são campos

Nesse raciocínio, incluir a construção de realidades como o reconhecimento das relações estabelecidas e do comportamento cultural e midiático

Dessa forma, as novas arenas de cidadania sem a atuação como sua capacidade de cidadania só pode ser

S, comunicação e política

comunicacionais (sistemas tecnológicos e redes digitais), esse processo construtivo

A cidadania comunicativa é também científica porque rompe com os processos que categorizam a experiência como algo diminuto, ou que não produzem elementos teóricos; ao passo que retira dos sujeitos e de seu coletivo o papel de objeto de investigação exclusivamente, de apenas informantes ou pesquisados, e os colocam também como protagonistas dos processos de articulação e desenvolvimento científico, são sujeitos comunicantes. E na política deixam de ser apenas os beneficiários de ações e passam a ser em conjunto os formuladores das políticas públicas.

Em uma sociedade em que os sujeitos lutam para se tornarem protagonistas mediante ações, reivindicações, a cidadania comunicativa é insistente e

dade no modelo do capitalismo neoliberal.

Se antes era a cidadania pública em que os cidadãos das cidades-estados se reuniam para o diálogo, de comunicação, o rádio, a televisão, e, principalmente, as plataformas digitais são essa nova arena, esse novo espaço público, a agora eletrônica, a governança mentalidade algorítmica, e os espaços da cidadania são campos a serem ocupados.

Nesse raciocínio, não se pode deixar de incluir a construção de sentido junto às realidades como resultado das vivências e do reconhecimento recíproco, das relações estabelecidas, crenças e padrões de comportamento (identidades), produção cultural e midiática entre os indivíduos.

Dessa forma, a partir das reflexões, a cidadania sem a atuação política do ser, assim como sua compreensão de cultura moldando sua capacidade de valorar tais aspectos. A cidadania só pode de fato ser exercida se for respeitada em todas as suas dimensões, não que se pensar e entender que não há uma cidadania e sim cidadanias no plural.



É doutor em comunicação (Unisinos).
Jornalista, bacharel em direito, gestor cultural.
E-mail: girobrasil@gmail.com

Cidadanias, comunicação e política

Eduardo Romero

Recentemente, criou-se, em Mato Grosso do Sul, o “Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas”, Fefich, com o intuito de pensar o MS por provocações e produções desses campos. Olhar para o potencial e produção da economia do pensamento. Não há como desenvolver, progredir, mudar matrizes econômicas e ser sustentável se o aspecto humano não for o centro de todas as decisões e caminhos.

Nesse sentido, provocando a ciência e a política trago para reflexão a necessidade de ampliarmos o entendimento de cidadania para além dos aspectos legais. A Constituição Federal de 1988, a “Constituição Cidadã”, foi responsável, ao menos formalmente, pela instauração de um Estado democrático de Direito. A ideia de cidadania ganha força no sentido jurídico, entretanto, entendemos ser uma das muitas dimensões que o termo possui.

Desde sua origem na Grécia, a relação da prática cidadã inclui uma diversidade de pontos, como: participação, autonomia, autoria etc. Atualmente é requisitado a inclusão de várias dimensões, tais como as culturais e comunicacionais (sistemas midiáticos, tecnologias e redes digitais), interlocutores desse processo construtivo do fazer cidadão.

A cidadania comunicativa é também científica porque rompe com os processos que categorizam a experiência como algo diminuto, ou que não produzem elementos teóricos; ao passo que retira dos sujeitos e de seu coletivo o papel de objeto de investigação exclusivamente, de apenas informantes ou pesquisados, e os colocam também como protagonistas dos processos de articulação e desenvolvimento científico, são sujeitos comunicantes. E na política deixam de ser apenas os beneficiários de ações e passam a ser em conjunto os formuladores das políticas públicas.

Em outras palavras, em uma sociedade em que os neossujeitos lutam para se tornarem protagonistas mediante ações, ocupação de espaços, reivindicações, sobrevivência, valendo-se da insistente batalha pela visibilidade (representatividade), fica evidenciado que o exercício de uma cidadania que comunique é mais que fundamental, passou a ser uma necessidade no modelo do capitalismo neoliberal.

Se antes era a ágora grega, o espaço público em que os cidadãos das cidades- estados se reuniam para o diálogo, debate, para serem vistos, agora, os meios de comunicação, o rádio, a televisão, e, principalmente, as plataformas digitais são essa nova arena, esse novo espaço público, a ágora ele-

trônica, a governamentalidade algorítmica, e os espaços da ciência são campos a serem ocupados.

Nesse raciocínio, não se pode deixar de incluir a construção de sentido junto às realidades como resultado das vivências e do reconhecimento recíproco, das relações estabelecidas, crenças e padrões de comportamento (identidades), produção cultural e midiática entre os indivíduos.

Dessa forma, a partir das reflexões postas, não há como falar em exercício da cidadania sem a atuação política do ser, assim como sua compreensão de cultura moldando sua capacidade de valorar tais aspectos. A cidadania só pode de fato ser exercida se for respeitada em todas as suas dimensões, há que se pensar e entender que não há uma cidadania e sim cidadanias no plural.

Tiago Duque

Por uma sociologia que liberte as renas natalinas

Os animais são estudados nas ciências humanas há tempos. Próximo ao fim do ano, eu tenho refletido sobre as renas que desfilam na Parada Natalina em Campo Grande. Elas são personagens infláveis vestidos por artistas no evento organizado pela prefeitura. E o público aumenta a cada ano. As renas são o maior sucesso, superando até mesmo o Papai Noel. Por isso, não é à toa que autoridades desfilam do lado delas, em busca de reconhecimento.

por ser um estilo popular e racializado como o funk, que quebrava a mesmice da colonialidade branca dos símbolos e das representações nórdicas natalinas universalizadas. Aquela rena, sozinha, não tinha gênero nem sexualidade. Contudo, sabemos que o personagem, popularizado como veado, está no imaginário brasileiro ligado à homossexualidade. Assim, no ano passado, a prefeitura resolveu arrumar um par romântico para ela.

O sucesso foi tanto que, a despeito da laicidade do Estado, a prefeitura promoveu o casamento religioso monogâmico com a presença de um personagem "urso-pai" no Natal. O Sr. Reno de gravata branca e Sra. Rena de véu branco se beijaram após o anúncio público,

gênero e sexualidade. A ausência de material e a ausência de públicos de poder são Estudos sobre feministas os riscos desse tipo de experiência de gênero renas ganha novos episódios pós-casamento e com o descobrimento do sexo das atividades comemorativas das Crianças 2023.

O chá revelação de expectativa normativa pelo essencialismo e pela heterossexualidade como se sabe, é às infâncias. A crítica a desigualdade é produzida. No entretenimento, a ameaça

Sociologia que liberte as renas natalinas

um estilo popular e racializado funk, que quebrava a mesmice da colonialidade branca dos símbolos e das representações nórdicas natalinas universalizadas. Aquela rena, sozinha, não tinha gênero nem sexualidade. Contudo, sabemos que o personagem, popularizado como veado, está no imaginário brasileiro ligado à homossexualidade. Assim, no ano passado, a prefeitura resolveu arrumar um par romântico para ela.

O sucesso foi tanto que, a despeito da laicidade do Estado, a prefeitura promoveu o casamento religioso monogâmico com a presença de um personagem "urso-pai" no Natal. O Sr. Reno de gravata branca e Sra. Rena de véu branco se beijaram após o anúncio público, gênero e sexualidade.

A ausência de material e a ausência de públicos de poder são Estudos sobre feministas os riscos desse tipo de experiência de gênero renas ganha novos episódios pós-casamento e com o descobrimento do sexo das atividades comemorativas das Crianças 2023.

O chá revelação de expectativa normativa de humanização pelo essencialismo do binarismo de gênero e pela heterossexualidade compulsória, como se sabe, é um dos eventos perigosos às infâncias. A sociologia pode nos ajudar a criticar a desigualdade no modo como ela é produzida. Nesse caso, como se fosse só entretenimento e comemoração, ao que ela tende a ameaçar: a criança. As renas natalinas precisam ser libertadas da violência de gênero e sexualidade. Isso pode resultar em uma sociedade humanizada de forma menos desigual.



É doutor em ciências sociais pela Unicamp e professor na Faculdade de Ciências Humanas na UFMS. E-mail: tiago.duque@ufms.br

Por uma sociologia que liberte as renas natalinas

Tiago Duque

Os animais são estudados nas ciências humanas há tempos. Próximo ao fim do ano, eu tenho refletido sobre as renas que desfilam na Parada Natalina em Campo Grande. Elas são personagens infláveis vestidos por artistas no evento organizado pela prefeitura. E o público aumenta a cada ano. As renas são o maior sucesso, superando até mesmo o Papai Noel. Por isso, não é à toa que autoridades políticas desfilam do lado delas, em busca de popularidade e reconhecimento.

O olhar sociológico tende a ser treinado para transformar experiências cotidianas em possibilidades de crítica social, no intuito de nos mostrar como somos produzidos de forma desigual, via relações de poder, normas e instituições sociais. Mas o que as renas têm a ver com isso? Nós aprendemos e ensinamos sobre diferenças sociais por meio de artefatos culturais. As renas infláveis são exemplos disso.

Em dezembro de 2021, apenas uma participava nesse evento, dançando ao som da banda municipal. O sucesso foi grande por ser um estilo popular e racializado como o funk, que quebrava a mesmice da colonialidade branca dos símbolos e das representações nórdicas natalinas universalizadas. Aquela rena, sozinha, não tinha gênero nem sexualidade. Contudo, sabemos que o personagem, popularizado como veado, está no imaginário brasileiro ligado à homossexualidade. Assim, no ano passado, a prefeitura resolveu arrumar um par romântico para ela.

O sucesso foi tanto que, a despeito da laicidade do Estado, a prefeitura promoveu o casamento religioso monogâmico com a presença de um personagem “urso-padre” na Cidade do Natal. O Sr. Reno de gravata fállica escura e a Sra. Rena de véu branco trocaram alianças e se beijaram após o narrador contar, em meio ao riso do público, que ela conquistou o marido pelo estômago. Tudo produzido, registrado e divulgado nas redes oficiais do governo municipal.

Alocar as aptidões femininas ao espaço privado e com a função de sedução do parceiro masculino é um tipo de violência de gênero e sexualidade. A desigualdade salarial e a ausência de mulheres em espaços públicos de poder são um dos efeitos disso. Estudos sobre feminicídio apontam para os riscos desse tipo de discurso machista. A experiência de gênero e sexualidade das renas ganha novos episódios com a gravidez pós- casamento e com o chá revelação, a fim de descobrir o sexo do filhote, como parte das atividades comemorativas do Dia das Crianças 2023.

O chá revelação do sexo, portanto, da expectativa normativa de humanização pelo essencialismo do binarismo de gênero e pela heterossexualidade compulsória, como se sabe, é um dos eventos perigosos às infâncias. A sociologia pode nos ajudar a criticar a desigualdade no modo como ela é produzida. Nesse caso, como se fosse só entretenimento e comemoração, ao que ela tende a ameaçar: a criança. As renas natalinas precisam ser libertadas da violência de gênero e sexualidade. Isso pode resultar em uma sociedade humanizada de forma menos desigual.

Marcelo Augusto Santos Turine

Filosofia, ciências humanas e o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul

Muito se fala sobre a necessidade de criatividade e de inovação no mundo moderno, que a cada dia se apresenta mais dinâmico, digital e em constante transformação. As pessoas associam inovação aos processos altamente complexos de tecnologia, grandes edificações, inteligência artificial, ChatGPT, entre outros produtos.

A inovação adquiriu valor intrínseco no dia a dia da sociedade e é unanimidade que a mesma é insuficiente de inovações em nosso ambiente é interpretada mal. Mas o que o leitor da

de conhecimentos e práticas nas diferentes ciências humanas, exatas e da terra, biológicas, saúde, engenharias, agrárias, linguística, letras e artes, ciências sociais aplicadas, enfim em todas as áreas.

A ciência e a inovação andam juntas e nos impulsionam a atuar em ecossistemas baseados em uma construção social, pautados na filosofia, nas ciências humanas e na inovação, em prol dos seres humanos e do nosso planeta.

O melhor exemplo é a Agenda 2030 da ONU – Organização das Nações Unidas, que contempla as dimensões social, ambiental, econômica e institucional. A ONU propõe 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, os ODS's, com 169 metas globais para a inovação do mundo, em uma perspectiva de estabelecimento de uma proposta

conquistados na nossa colocam a UFMS como vetores de inovação do Brasil e do mundo, foram, são e serão nesse processo.

A UFMS promove universidades, com o conceito principal de cultura de Mato Grosso do Sul – Fefich. O fórum traz a inovação como conceito principal, pois constitui-se em uma inteligência intelectual do Estado, promove e conhecimento face aos desafios específicos de uma proposta

Santos Turine

Filosofia, ciências humanas e inovação para o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul

de conhecimentos e práticas nas diferentes ciências humanas, exatas e da terra, biológicas, saúde, engenharias, agrárias, linguística, letras e artes, ciências sociais aplicadas, enfim em todas as áreas.

A ciência e a inovação andam juntas e nos impulsionam a atuar em ecossistemas baseados em uma construção social, pautados na filosofia, nas ciências humanas e na inovação, em prol dos seres humanos e do nosso planeta.

O melhor exemplo é a Agenda 2030 da ONU – Organização das Nações Unidas, que contempla as dimensões social, ambiental, econômica e institucional. A ONU propõe 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, os ODS's, com 169 metas globais para a proposta clara e programática de estabelecimento de uma cultura da inovação.

Nosso Estado de Mato Grosso do Sul vive uma cultura intensa de inovação. Diversos ambientes estratégicos da sociedade sul-matogrossense, da UFMS e do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul estão convencidos da importância de inovar, e vários esforços individuais e institucionais têm sido feitos para consolidar a cultura da inovação no Estado, gestão e a atuação da nossa UFMS são fundamentais para que a UFMS seja uma universidade mais inovadora, sustentável, humanizada e de qualidade. Os indicadores de

conquistados na nossa gestão desde 2016 colocam a UFMS como um dos principais vetores de inovação de Mato Grosso do Sul, do Brasil e do mundo, e as ciências humanas foram, são e serão sempre fundamentais nesse processo.

A UFMS promoveu em parceria com as universidades, com o Governo do Estado e com as principais instituições de ciência, educação e cultura de Mato Grosso do Sul, a campanha do "Dia Mundial da Filosofia – Unesco", e em 16/11 foi criado o Fórum Estadual de Filosofia Sul – Fefich. O fórum traz a inovação como conceito principal, pois constitui-se em uma articulação institucional ampla em prol da inteligência intelectual do Estado, promove e revitaliza o exercício dessa importante área do conhecimento face à opinião pública estadual e aos desafios específicos de MS. Estamos diante de uma proposta clara e programática de estabelecimento de uma cultura da inovação. Um orgulho a UFMS ter apoiado essa iniciativa para a sociedade sul-matogrossense.

Com a cooperação direta da Unesco-Brasil, a adesão das principais instituições de ciência, educação e cultura do Estado, e com o apoio decisivo do Estado de MS, que publicou nos últimos meses mais de duas dezenas de artigos de opinião sobre filosofia e ciências humanas, escritos por pesquisadores, estudantes e profissionais do nosso estado, estamos em



É reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), professor titular da Faculdade de Computação – Facom/UFMS, mestre em inteligência artificial, doutor em engenharia de software pela USP-São Carlos, e pós-doutor em políticas públicas pela PUC-SP. E-mail: marcelo.turine@ufms.br.

Fórum Estadual de Filosofia Sul – Fefich

Filosofia, ciências humanas e inovação para o desenvolvimento de MS

Marcelo Augusto Santos Turine

Muito se fala sobre a necessidade de criatividade e de inovação no mundo moderno, que a cada dia se apresenta mais dinâmico, digital e em constante transformação. As pessoas associam inovação aos processos altamente complexos de tecnologia, grandes edificações, inteligência artificial, ChatGPT, entre outros produtos.

A inovação adquiriu valor intrínseco no dia a dia da sociedade e é unanimidade que a ausência ou mesmo insuficiência de inovações num determinado ambiente é interpretada como sinal de que algo não vai bem. Mas o que é inovação? Como professor e pesquisador da área de ciência da computação, sempre me dediquei ao avanço da ciência e tecnologia para o desenvolvimento da sociedade e, agora como reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

– UFMS, defino “inovação” como a criação de novas realidades. É, ao mesmo tempo, uma ideia transformadora e uma ideia em transformação. Um processo de criação como resultado de fazer existir algo que não havia e, por extensão, também de dar novo feitio ou utilidade a algo que já existia.

Como gestor público, reafirmo que a inovação encontra seu sentido quando é voltada para responder questões relacionadas à existência do ser humano ou para a melhoria da qualidade de vida na Terra, uma vez que o próprio domínio científico é responsável pela presença dos seres humanos no planeta.

Toda inovação deve ser sobretudo humana, um campo pluridisciplinar fértil para aplicação de conhecimentos e práticas nas diferentes ciências humanas, exatas e da terra, biológicas, saúde, engenharias, agrárias, linguística, letras e artes, ciências sociais aplicadas, enfim em todas as áreas.

A ciência e a inovação andam juntas e nos impulsionam a atuar em ecossistemas baseados em uma construção social, pautados na filosofia, nas ciências humanas e na inovação, em prol dos seres humanos e do nosso planeta.

O melhor exemplo é a Agenda 2030 da ONU – Organização das Nações Unidas, que contempla as dimensões social, ambiental, econômica e institucional. A ONU propõe 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, os famosos ODS’s, com 169 metas globais para a transformação e inovação do mundo, em uma proposta clara e programática de estabelecimento de uma cultura da inovação.

Nosso Estado de Mato Grosso do Sul vive uma cultura intensa de inovação. Diversos ambientes estratégicos da sociedade sul-mato-grossense, da UFMS e do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul estão convencidos da importância de inovar, e vários esforços políticos e institucionais têm sido feitos para consolidar a cultura da inovação no Estado.

A gestão e a atuação da nossa UFMS são exemplos desse caminhar. Completaremos 45 anos de federalização em 2024, e trabalhamos diariamente para promover e criar as condições para que a UFMS seja uma universidade ainda mais inovadora, sustentável, humanizada, inclusiva e de qualidade. Os indicadores conquistados na nossa gestão desde 2016 colocam a UFMS como um dos principais vetores de inovação de Mato Grosso do Sul, do Brasil e do mundo, e as ciências humanas foram, são e serão sempre fundamentais nesse processo.

A UFMS promoveu em parceria com as universidades, com o Governo do Estado e com as principais instituições de ciência, educação e cultura de Mato Grosso do Sul, a campanha do “Dia Mundial da Filosofia – Unesco”, e em 16/11 foi criado o Fórum Estadual de Filosofia e das Ciências Humanas de Mato Grosso do Sul – Fefich. O fórum traz a inovação como conceito principal, pois constitui-se em uma articulação institucional ampla em prol da inteligência intelectual do Estado, promove e revitaliza o exercício dessa importante área do conhecimento face à opinião pública estadual e aos desafios específicos de MS. Estamos diante de uma proposta clara e programática de estabelecimento de

uma cultura da inovação. Um orgulho a UFMS ter apoiado essa iniciativa para a sociedade sul-mato-grossense.

Com a cooperação direta da Unesco-Brasil, a adesão das principais instituições de ciência, educação e cultura do Estado, e com o apoio decisivo d'O Estado de MS, que publicou nos últimos meses mais de duas dezenas de artigos de opinião sobre filosofia e ciências humanas, escritos por pesquisadores, estudantes e profissionais do nosso estado, a campanha Dia Mundial da Filosofia – Unesco em MS entrega à sociedade sul-mato-grossense o “Fefich – Fórum Estadual de Filosofia e das Ciências Humanas de Mato Grosso do Sul”, um grande exemplo para todo o país. Por isso, meu principal desejo é vida longa ao Fefich, à filosofia, às ciências humanas e à inovação em Mato Grosso do Sul.

▼ SOBRE OS AUTORES ▲

Andre Koutchin

Doutor em filosofia pela UNICAMP. Atualmente, é professor associado na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Fach/UFMS), onde coordena o curso de licenciatura em filosofia.

E-mail: andre.almeida@ufms.br

Carlos Augusto Damasceno

Professor concursado de filosofia da Rede Estadual de Mato Grosso do Sul (CEEP Hércules Maymone).

E-mail: carlos.119055@edutec.sed.ms.gov.br

Carlos Eduardo da Costa

Doutor em letras clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista CNPQ-PQ2, pós- doutorando em arqueologia pela UMINHO – PT e professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

E-mail: carlos.campos@ufms.br

Celi Corrêa Neres

Doutora em educação (USP), professora dos cursos de pedagogia, psicologia e do mestrado/doutorado em educação da UEMS. Pesquisadora da educação, presidente do Conselho Estadual de Educação de MS.

E-mail: celi@uems.br

Cristina de Souza Agostini

Professora de filosofia antiga da UFMS. É graduada, mestre e doutora em filosofia, com pós-doutorado em letras clássicas – grego. É autora de ‘Para Ler os Pré-Socráticos’, da Editora Paulus.

E-mail: cristina.agostini@ufms.br

Daniel Afonso da Silva

Doutor em história social pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em relações internacionais pela Sciences Po de Paris e professor na Universidade Federal da Grande Dourados.

E-mail: danielafonso@ufgd.edu.br

Déborah Silva do Monte

Doutora em relações internacionais e pesquisadora das teorias da democracia. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados, nos cursos de graduação em relações internacionais e de pós-graduação em fronteiras e direitos humanos.

E-mail: deborahmonte@ufgd.edu.br

Eduardo Romero

Doutor em comunicação (UNISINOS). Jornalista, bacharel em direito, gestor cultural.

E-mail: girobrasil@gmail.com

Jarbas Couto e Lima

Professor titular da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD.

E-mail: jarbaslima@ufgd.edu.br

Jonathan Postae Marques

Mestrando em filosofia pela UFG – Universidade Federal de Goiás, graduado em Filosofia pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

E-mail: jonathan_postae@discente.ufg.br

José Barreto dos Santos (Zeca)

Professor da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: zecajbs@uol.com.br

Lucas Fialho Pereira

Psicólogo analista do comportamento, formado pela UFMS e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma instituição.

E-mail: fifousfialho@gmail.com

Marcelo Augusto Santos Turine

Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2016-2024), professor titular da Faculdade de Computação – Facom/UFMS, mestre em inteligência artificial, doutor em engenharia de software pela USP-São Carlos, e pós-doutor em políticas públicas pela PUCSP.

E-mail: marcelo.turine@ufms.br

Marcelo Fernandes Pereira

Doutor em artes pela USP, professor associado da UFMS. Foi Pró-reitor de Extensão, Cultura e Esporte da UFMS.

E-mail: marcelo.pereira@ufms.br

Nilde Brun

Foi Diretora-presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (Fapec). É graduada em ciências econômicas pela FUCMAT e especialista na área de administração em turismo e hotelaria pela UCDB.

E-mail: nildebrun@yahoo.com.br

Onofre Crossi Filho

Mestre em filosofia pela USJT. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, no Instituto de Física da UFMS.

E-mail: onofrecrossi@gmail.com

Ricardo Oliveira da Silva

Doutor em história (UFRGS) e professor do curso de história da UFMS/CPNA.

E-mail: ricardorussell@gmail.com

Ricardo Senna

Economista com MBA em agronegócio pela FGV, mestre em economia pela PUC-SP, doutor em educação pela UFMS. Atualmente é secretário-executivo de Ciência, Tecnologia e Inovação da Semadesc, do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: eco.ricardosenna@gmail.com

Tiago Duque

Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP e professor na Faculdade de Ciências Humanas na UFMS.

E-mail: tiago.duque@ufms.br

Víctor Garcia Miranda

Professor da FACH/UFMS. Doutor em história (UFGD). Tem pós-doutorado em Ciência Política (UFPR). Foi pesquisador visitante em ciência social computacional no GESIS Leibniz-Institut für Sozialwissenschaften Köln e no SCRIPTS Freie Universität.

E-mail: victor.miranda@ufms.br

Victor Hugo de Oliveira Marques

Professor, pesquisador e coordenador do curso de filosofia (UCDB).

E-mail: rf4456@ucdb.br

Vinícius Carvalho da Silva

Doutor em filosofia pela UERJ, professor do curso de filosofia da UFMS.

É coordenador do Grupo de Pesquisa Physikós.

E-mail: vinicius_c_silva@ufms.br

Vivina Dias Sól Queiróz

Doutora em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Professora do curso de história e Diretora da Faculdade de Ciências Humanas/UFMS (2017-2024). Atualmente é Pró-reitora de Cidadania e Sustentabilidade da UFMS.

E-mail: vivina.queiroz@ufms.br

Weiny César Freitas Pinto

Doutor em Filosofia (UNICAMP), professor do Curso de Filosofia e dos cursos de Mestrado em Psicologia e Filosofia da UFMS.

E-mail: weiny.freitas@ufms.br

▼ ÍNDICE REMISSIVO ▲

A

Agronegócio

15, 77, 78, 102, 120

Animais

48, 56, 110

Arte

9, 11, 15, 27, 32, 68, 78, 83,
95, 102, 103, 110, 111, 115, 120

C

Cidadania

13, 37, 85, 90, 104,
106, 107, 108, 121

Ciência

9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 19,
20, 21, 23, 25, 28, 29, 31, 32,
33, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43,
44, 45, 53, 55, 56, 57, 59,
61, 67, 68, 69, 72, 73, 75,
77, 78, 83, 86, 87, 89, 90,
91, 92, 94, 95, 96, 99, 100,
102, 103, 104, 106, 108, 110, 114,
115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Comunidade

11, 15, 16, 44, 45, 63,
65, 72, 85, 86, 91, 92

Consciência

33, 56, 72, 73

Contemporâneo

36, 71, 73

Cultura

9, 10, 13, 14, 15, 16, 17,
19, 20, 21, 27, 28, 29, 7,
39, 41, 52, 55, 57, 59, 60,
61, 68, 69, 76, 81, 82, 83,
85, 87, 90, 95, 102, 103, 107,
108, 110, 115, 116, 117, 119, 120

D

Desafio

15, 20, 28, 51, 59, 82,
89, 95, 102, 116

Desenvolvimento

10, 13, 15, 17, 19

Digital

14, 20, 4, 92, 114

Dignidade

55, 56, 57

Direito

14, 4, 55, 64, 65, 85, 92, 106, 119

Diversidade

14, 15, 55, 56, 60, 68,
69, 86, 87, 95, 107

Diálogo

10, 11, 15, 17, 21, 23,
87, 91, 98, 107

E

Economia

20, 24, 76, 77, 86, 89,
92, 95, 102, 106, 120

Empreendedorismo

76, 86, 92

Estado

9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17,
19, 20, 21, 28, 29, 47, 51, 52,
53, 68, 76, 90, 92, 102, 103,
104, 106, 107, 111, 116, 117, 120

Existência

32, 33, 47, 52, 87, 115

Extensão

87, 95, 115, 120

F

Faculdade

17, 7, 41, 94, 95, 96, 118, 119, 120, 121

Felicidade

6, 47, 48, 49, 64, 104

Filosofia

9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 19, 20,
21, 23, 27, 28, 29, 33, 35, 36,
37, 47, 48, 51, 52, 53, 55, 56, 59,
60, 61, 63, 65, 67, 68, 69, 72,
73, 79, 83, 91, 94, 95, 96, 98, 106,
114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Futuro

9, 12, 14, 17, 60, 77, 87, 90, 103

G

Governo

13, 16, 17, 23, 90, 91, 92, 111, 116, 120

Grécia

27, 51, 55, 107

Gênero

19, 64, 83, 111, 112

H

História

14, 17, 7, 36, 39, 44, 48, 65,
72, 73, 75, 78, 79, 82, 86, 94,
95, 96, 98, 102, 118, 120, 121

Humanidade

10, 11, 13, 17, 20, 21, 28, 33,
35, 36, 39, 40, 41, 56, 69, 73,
78, 79, 87, 96, 102, 103, 104

I

Ideia

11, 36, 52, 53, 63, 64, 68,
75, 76, 77, 78, 106, 115

Identidade

14, 87, 94, 104, 108

Ideologia

75, 78

Indígena

15, 16, 21, 92

Indivíduo

55, 56, 72, 91, 102, 103, 104, 108

Inovação

10, 13, 15, 86, 89, 90, 91,
92, 114, 115, 116, 117, 120

Internacional

21, 23, 24, 29, 59, 86, 92

Internet

72, 73, 103

L

Liberdade

57, 61, 64, 76

Literatura

79, 82, 103

M

Memória

87

Mulher

41, 61, 63, 64, 65, 111

Mundo

14, 24, 25, 27, 35, 36, 37, 39, 41,
51, 57, 60, 61, 64, 67, 68, 69,
73, 77, 81, 99, 100, 114, 115, 116

Museu

83, 85, 86, 87

N

Natureza

12, 20, 35, 36, 56, 67, 69, 100

Negacionismo

68, 71, 77, 79

P

Pantanal

11, 15, 51, 68, 69

Pensamento

14, 16, 20, 27, 28, 29, 31, 36, 37,
49, 51, 52, 55, 64, 68, 77, 95, 106

Pesquisa

15, 17, 19, 21, 68, 72, 81,
86, 87, 90, 91, 95, 102, 107,
114, 117, 118, 119, 120, 121

Política

10, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 23,
24, 55, 75, 76, 77, 89, 90, 102,
103, 104, 106, 107, 108, 110, 119, 120

R

Razão

41, 48, 49, 56

Realidade

9, 14, 15, 16, 20, 27, 28, 52,
64, 67, 68, 76, 98, 108, 115

S

Sabedoria

27, 7, 71, 100

Saúde

76, 91, 115

Social

9, 10, 14, 15, 16, 19, 20, 6, 37,
53, 63, 64, 65, 75, 76, 77, 78, 86,
87, 89, 91, 92, 95, 110, 115, 118, 120

Sujeito

16, 73, 76, 107

T

Tecnologia

10, 13, 17, 20, 7,
71, 72, 73, 86, 89,
90, 102, 107, 114, 120

Tempo

15, 16, 20, 21, 32,
36, 41, 57, 68, 71, 73,
77, 103, 110, 115, 122

Trabalho

11, 15, 19, 21, 36, 53, 64,
68, 76, 77, 99, 100, 102, 104

U

Universidade

10, 13, 15, 16, 17, 20,
29, 39, 41, 73, 75, 77,
78, 79, 82, 85, 91, 94,
114, 116, 118, 119, 121

Universo

31, 32, 33

V

Verdade

10, 17, 35, 41, 43, 44,
48, 49, 51, 59, 63, 100

Violência

55, 111, 112



TÍTULO	Filosofia e Ciências Humanas em Mato Grosso do Sul
FORMATO	14 x 21 cm
TIPOGRAFIA	Freight Sans e FreightText Pro
LICENÇA	CC BY-NC-SA



Este livro, produzido pela Editora UFMS, é financiado com recursos públicos e tem como finalidade a ampliação do acesso ao conhecimento. A obra está alinhada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4 – Educação de Qualidade), ao promover uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, com a participação de docentes e discentes. Ademais, contribui para a preservação ambiental, ao favorecer a redução do uso de papel e da pegada de carbono.

Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>

Campo Grande

20°29'44,3"S 54°36'48,7"W

Feito no Brasil

2025

Este livro inaugura a *Coleção Humanidades MS* da Editora UFMS e reúne 24 artigos publicados semanalmente no jornal *O Estado* em 2023, demonstrando as várias faces da área e exemplificando sua importância e abrangência para a sociedade em geral e especificamente para Mato Grosso do Sul. O êxito desta obra é fruto da dedicação intensa e estratégica de seus organizadores Weiny César Freitas Pinto e Jonathan Postauê Marques em promover a reflexão sobre a importância e a presença da Filosofia e das Ciências Humanas, tantas vezes renegadas a uma subárea acadêmica, nas atividades diárias e no desenvolvimento da sociedade e do nosso estado de Mato Grosso do Sul. Com ênfase para o valor central da área para o desenvolvimento social, cultural e econômico, a obra traz a pluralidade de olhares e contextos sobre diversos aspectos que se inserem na definição do próprio conceito de humanidades e suas interfaces, por resgatar a essência do humano em todos os processos analógicos ou digitais, tão complexo e fundamental que muitas vezes o seu entendimento escapa da compreensão menos atenta. Parabéns aos organizadores, aos autores dos artigos e ao *O Estado* por abrirem esse espaço de fortalecimento e resgate das humanidades, num mundo cada vez mais (des)conectado e tecnológico, para a formação de cidadãos críticos e responsáveis que entendem seu papel para uma sociedade mais democrática, igualitária e plural.

Profa. Dra. Rose Mara Pinheiro
Diretora da Agência de Comunicação Social e Científica da UFMS

Apoio:



FEFICH
FÓRUM ESTADUAL
DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS
DE MATO GROSSO DO SUL



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

ISBN 978-85-7613-846-4



9 788576 138464